



O. hisp. 771

Herculano







# POESIAS

**IMPRESA NACIONAL**

# <sup>c</sup> POESIAS

POR

A. HERCULANO

---

LISBOA

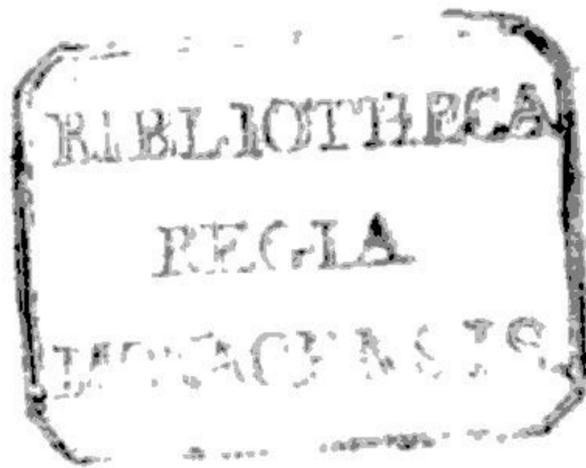
EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

AOS MARTYRES, N.º 45

---

M DCCC L

148 - G.  
D.



**LIVRO PRIMEIRO**

**A HARPA DO CRENTE.**

BIBLIOTHECA  
PUBBLICA  
MORACENSIS



## A SEMANA SANCTA.

Der Gedanke Gott weckt einen  
furchterlichen Nachbar auf. Sein  
Name heisst Richter.

SCHILLER.

### I.

**T**IBIO o sol entre as nuvens do occidente,  
Já lá se inclina ao mar. Grave e solemne  
Vai a hora da tarde! — O oeste passa  
Mudo nos troncos da alameda antiga,  
Que já borbulha á voz da primavera;  
O oeste passa mudo, e cruza a porta  
Ponteaguda do templo, edificado.

Por mãos duras de avós, em monumento  
De uma herança de fé, que nos legaram,  
A nós seus netos, homens de alto esforço,  
Que nos rimos da herança, e que insultamos  
A cruz e o templo e a crença de outras eras;  
Nós, homens fortes, servos de tyrannos,  
Que sabemos tão bem rojar seus ferros  
Sem nos queixar, menospresando a Patria  
E a liberdade, e o combater por ella.

Eu não! — eu rujo escravo; eu creio e espero  
No Deus das almas generosas, puras,  
E os despotas maldigo. — Entendimento  
Bronco, lançado em seculo fundido  
Na servidão de goso ataviada,  
Creio que Deus é Deus, e os homens livres!

## II.

Oh sim! — rude amador de antigos sonhos,  
Irei pedir aos tumulos dos velhos  
Religioso entusiasmo, e canto novo  
Hei-de tecer, que os homens do futuro  
Entenderão; um canto escarnecido  
Pelos filhos dest' epocha mesquinha,

Em que vim peregrino a ver o mundo,  
E chegar a meu termo, e reclinar-me  
À branda sombra de cypreste amigo.

## III.

Passa o vento os do portico da igreja  
Esculpidos umbraes : correndo as naves  
Sussurrou, sussurrou entre as columnas  
De gothico lavor : no orgão do coro  
Veiu, emfim, murmurar e esvaecer-se.

## IV.

Mas porque sôa o vento? — Está deserto,  
Silencioso ainda o sacro templo :  
Nenhuma voz humana ainda recorda  
Os hymnos do Senhor. A natureza  
Foi a primeira em celebrar seu nome  
Neste dia de lucto e de saudade !  
Trévas da quarta feira eu vos saúdo !  
Negras paredes, mudos monumentos  
De todas essas orações de mágoa,  
De gratidão, de susto ou de esperança,  
Depositadas ante vós nos dias

De uma crença fervente, a vós que enluta  
A solidão e o dó, venho eu saudar-vos.  
A loucura da cruz não morreu toda  
Após dezoito seculos! — Quem chore  
Do soffrimento o Heroe existe ainda.  
Eu chorarei — que as lagrymas são do homem —  
Pelo Amigo do povo, assassinado  
Por tyrannos, e hypocritas, e turbas  
Envilecidas, barbaras, e servas.

## V.

Tu, Anjo do Senhor, que accendes o estro ;  
Que no espaço entre o abysmo e os ceus vagueas,  
D'onde mergulhas no oceano a vista ;  
Tu que do trovador na mente arrojás  
Quanto ha nos ceus esperançoso e bello,  
Quanto ha no abysmo tenebroso e triste,  
Quanto ha nos mares magestoso e vago,  
Hoje te invoco! — oh vem! — lança em minha alma  
A harmonia celeste e o fogo e o genio,  
Que dêem vida e vigor a um carne pio.

## VI.

A noite escura desce : o sol de todo  
Nos mares se atufou. A luz dos mortos,  
Dos brandões o clarão, fulgura ao longe  
No cruzeiro sómente e em volta da ara :  
E pelas naves começou ruído.  
De compassado andar. Fiéis acodem  
À morada de Deus, a ouvir queixumes  
Do vate de Sião. Em breve os monges,  
Suspirosas canções aos ceus erguendo,  
Sua voz unirão á voz desse órgão,  
E os sons e os ecchos reboarão no templo.  
Mudo o côro depois, neste recincto  
Dentro em bem pouco reinará silencio,  
O silencio dos tumulos, e as trévas  
Cubrirão por esta área a luz escaça  
Despedida das lampadas, que pendem  
Ante os altares, bruxuleando frouxas.

Imagem da existencia ! — Em quanto passam  
Os dias infantís, as paixões tuas,  
Homem, qual então és, são debeis todas.  
Cresceste : — ei-las torrente, em cujo dorso  
Sobrenadam a dôr, e o pranto, e o longo

Gemido do remorso, a qual lançar-se  
Vai, com rouco estridor, no antro da morte,  
Lá, onde é tudo horror, silencio, noite.  
Da vida tua instantes florescentes  
Foram dous, e não mais: as cans e rugas,  
Logo, rebate de teu fim te deram.  
Tu foste apenas som, que, o ar ferindo,  
Murmurou, esqueceu, passou no espaço.

E a casa do Senhor ergueu-se. — O ferro  
Cortou a penedia; e o canto enorme  
Polido alveja alli no espesso panno  
Do muro colossal, que éra após éra,  
Como onda e onda ao desdobrar na arêa,  
Viu vir chegando e adormecer-lhe ao lado.  
A faia e o sobro no caír rangeram  
Sob o machado: a trave affeioou-se;  
Lá no cimo pousou, restruge ao longe  
De martellos fragor, e eis ergue o templo,  
Por entre as nuvens, bronzeadas grimpas.

Homem, do que és capaz! Tu, cujo alento  
Se esváe, como da cerva a leve pista  
No pó se apaga ao respirar da tarde,  
Do seio dessa terra, em que és estranho,

Saír fazes as moles seculares,  
 Que por ti, morto, fallem; dás na idéa  
 Eterna duração ás obras tuas.  
 Tua alma é immortal, e a prova a déste!

## VII.

Anoiteceu. — Nos claustros resoando  
 As pisadas dos monges ouço: eis entram;  
 Eis se curvaram para o chão, beijando  
 O pavimento, a pedra. Oh sim, beijae-a!  
 Igual vos cubrirá a cinza um dia,  
 Talvez em breve — e a mim. Consolo ao morto  
 É a pedra do tumulo. Sê-lo-ia  
 Mais, se do justo só a herança fôra;  
 Mas tambem ao malvado é dada a campa.

E o criminoso dormirá quieto  
 Entre os bons sotterrado? — Oh não! Em quanto  
 No templo ondeam silenciosas turbas,  
 Exultarão do abysmo os moradores,  
 Vendo o hypocrita vil, mais ímpio que elles,  
 Que escarnece do Eterno, e a si se engana;  
 Vendo o que julga que orações apagam  
 Vícios e crimes, e o motejo e o riso

Dado em resposta ás lagrymas do pobre ;  
Vendo os que nunca ao infeliz disseram  
De consôlo palavra, ou de esperança.  
Sim : — malvados tambem hão-de pisar-lhes  
Os frios restos que separa a terra,  
Um punhado de terra, a qual os ossos  
Destes ha-de cubrir em tempo breve,  
Como cubriu os seus ; qual vai sumindo  
No segredo da campa a humana raça.

## VIII.

Eis que a turba rarêa. Ermam bem poucos  
Do templo na amplidão : só lá no escuro  
De affumada capella o justo as preces  
Ergue pio ao Senhor, as preces puras  
De um coração que espera, e não mentidas  
De labios de impostor, que engana os homens  
Com seu meneio hypoerita, calando  
Na alma lodosa da blasphemia o grito.  
Então exultarão os bons, e o ímpio,  
Que passou, tremerá. Emfim, de vivos,  
Da voz, do respirar o som confuso  
Vem confundir-se no ferver das praças,  
E pela galilé só ruge o vento.

Em trévas não ficou silenciosas  
O sagrado recinto : os candieiros,  
No gelado ambiente ardendo a custo,  
Espalham debeis raios, que reflectem  
Das pedras pela alvura : o negro mocho,  
Companheiro do morto, horrido pio  
Solta lá da cornija : pelas fendas  
Dos sepulchros deslisa fumo espesso ;  
Ondêa pela nave, e esváe-se. Longo  
Suspirar não se ouvia? — Olhae ! lá se erguem,  
Sacudindo o sudario, em peso os mortos !

Mortos, quem vos chamou? O som da tuba  
Ainda do Josaphat não fere os valles.  
Dormí, dormí : deixae passar as eras . . .

## IX.

Mas foi uma visão : foi como scena  
D'imaginar febril. Creou-se, acaso,  
Do poeta na mente, ou desvendou-lhe  
A mão de Deus o íntimo ver da alma,  
Que devassa a existencia mysteriosa  
Do mundo dos espiritos? Quem sabe?  
Dos vivos já deserta, a igreja-torva

Repovoou-se, para mim ao menos,  
Dos extinctos, que ao pé das sanctas aras  
Leito commum na somnolencia extrema  
Buscaram. O terror, que arreda o homem  
Do limiar do templo ás horas mortas,  
Não vem de crença van. Se fulgem astros,  
Se a luz da lua estira a sombra eterna  
Da cruz gigante (que campêa erguida  
No vertice do timpano, ou no cimo  
Do corucheu do campanario) ao longo  
Dos inclinados tectos, afastae-vos!  
Afastae-vos d'aqui, onde se passam  
À meia-noite insolitos mysterios;  
D'aqui, onde desperta a voz do archanjo  
Os dormentes da morte; onde reune  
O que foi forte e o que foi fraco, o pobre  
E o opulento, o orgulhoso e o humilde,  
O bom e o mau, o ignorante e o sabio,  
Quantos, emfim, depositar vieram  
Juncto do altar o que era seu no mundo,  
Um corpo nú, e corrompido e inerte.

## X.

E seguiu a visão. — Cria ainda achar-me,

Alta noite, na igreja solitaria  
Entre os mortos, que, erectos sobre as campas,  
Eram ha pouco um fumo que ondeava  
Pelas fisgas do vasto pavimento.  
Olhei. Do erguido tecto o panno espesso  
Rareava ; rareava-me ante os olhos,  
Como tenue cendal ; mais tenue ainda,  
Como o vapor de outono em quarto d'alva,  
Que se libra no espaço antes que desça  
A consolar as plantas conglobado  
Em matutino orvalho. O firmamento  
Era profundo e amplo. Involto em gloria,  
Sobre vagas de nuvens, rodeado  
Das legiões do ceu, o Ancião dos dias,  
O Sancto, o Deus descia. Ao summo aceno  
Parava o tempo, a immensidade, a vida  
Dos mundos a escutar. Era esta a hora  
Do julgamento desses que se alçavam  
À voz de cima sobre as sepulturas?

## XI.

Era ainda a visão. — Do templo em meio  
Do anjo da morte a espada flammejante  
Crepitando bateu. Bem como insectos,

Que á flor de pego pantanoso e triste  
Se balouçavam — quando a tempestade  
Veiu as azas molhar nas aguas turvas,  
Que marulhando sussurraram — surgem  
Volteando, zumbindo em dança douda,  
E, lassos, vão pousar em longas filas  
Nas margens do paul, de um lado e de outro;  
Tal o murmurio e a agitação incerta  
Ciciava das sombras remoinhando  
Ante o sopro de Deus. As melodias  
Dos coros celestiaes, longinquas, frouxas,  
Com fremito infernal se misturavam  
Em cháos de dôr e jubilo.

#### Dos mortos

Parava, enfim, o vortice enredado ;  
E os grupos vagos em distinctas turmas  
Se enfileiravam de uma parte e de outra.  
Depois, o gladio do anjo entre os dois bandos  
Ficou, unica luz, que se estirava  
Desde o cruzeiro ao portico, e feria  
De reflexo vermelho os largos pannos  
Das paredes de marmore : bem como  
Mar de sangue, onde inertes fluctuassem  
De humanos vultos indecisas fórmãs.

## XII.

E seguia a visão, — Do templo á esquerda,  
 Méstas as faces, inclinada a fronte,  
 Da noite as larvas tinham sobre o sólo  
 Fito o espantado olhar, e as dilatadas.  
 Baças pupillas lhes tingia o susto.  
 Mas, como zona lucida de estrellas,  
 Nessa atmospherá crassa e affogueada.  
 Pela espada rubente, refulgiam  
 Da direita os espiritos, banhado  
 De inenarravel placidez seu gesto.  
 Era inteiro o silencio, e no silencio  
 Uma voz resoou — « Eleitos vinde ! —  
 Ide precítos ! » — Vacillava a terra.  
 E ajoelhando eu me curvei tremendo.

## XIII.

Quando me erguí e olhei, no ceu profundo  
 Um rasilho de luz pura e serena  
 Se ia embebendo nesses mares de orbes  
 Infinitos, perdidos no infinito,  
 A que chamâmos o universo. Um hymno  
 De saudade e de amor, quasi inaudível

Parecia romper desde as alturas  
 De tempo a tempo. Vinha como involto  
 Nas lufadas do vento, até perder-se  
 Em socego mortal.

O curvo tecto

Do templo, então, se condensou de novo,  
 E para a terra o meu olhar volveu-se.  
 Da direita os espiritos radiosos  
 Já não estavam lá. Chispando a espaços,  
 Qual o ferro na incude, a espada do anjo  
 O mortiço rubor mandava, apenas,  
 D'aurora boreal quando se extingue.

XIV.

Proseguia a visão. — Da esquerda ás sombras  
 Anciava o seio a dôr : tinham no gesto  
 Impressa a maldicção, que lhes seccára  
 Eternamente a seiva da esperança.

Como se vê, em noite estiva e negra,  
 Scintillar sobre as aguas a ardentia,  
 D'umas fronte ás outras vagueavam  
 Ceruleos lumes no esquadrao dos mortos,  
 E ao estalar das lousas, grito immenso

Subterraneo, abafado e delirante,  
Ineffavel compendio de agonias,  
Misturado se ouviu com rir do inferno,  
E a visão se desfez. Era ermo o templo :  
E despertei do pesadelo em trevas.

## XV.

Era loucura ou sonho? Entre as tristezas  
E os terrores e angustias, que resume  
Neste dia e lugar a avíta crença,  
Irresistivel força arrebatou-me  
Da sepultura a devassar segredos,  
Para dizer : — « Tremei ! Do altar á sombra  
Tambem ha mau-dormir de somno extremo ! » —

A justiça de Deus visita os mortos,  
Embora a cruz da redempção proteja  
A pedra tumular : embora a hostia  
Do sacrificio o sacerdote eleve  
Sobre as vizinhas aras. Quando a igreja  
Rodeam trevas, solidão e medos,  
Que a resguardam co'as asas acurvadas  
Da vista do que vive, a mão do Eterno  
Separa o joio do bom grão, e atroja

Para os abysmos a ruim semente.

### XVI.

Não! — não foi sonho vão, vago delirio  
De imaginar ardente. Eu fui levado,  
Galgando além do tempo, ás tardas horas,  
Em que se passam scéνας de mysterio,  
Para dizer: — «Tremei! Do altar á sombra  
Tambem ha mau-dormir de somno extremo!» —

Vejo ainda o que vi: da sepultura  
Ainda o halito frio me enregela  
O suor do pavor na fronte; o sangue  
Hesita immoto nas inertes veias;  
E embora os labios murmurar não ousem,  
Ainda, incessante, me repete na alma  
Íntima voz: — «Tremei! Do altar á sombra  
Tambem ha mau-dormir de somno extremo!» —

### XVII.

Mas troa a voz do monge, e, enfim, desperto  
O coração bateu. Eia, retumbem  
Pelos ecchos do templo os sons dos psalmos,

Que em dia de afflicção ignoto vate  
Teceu, banhado em dôr. Talvez foi elle  
O primeiro cantor que em varias cordas,  
À sombra das palmeiras da Idumea,  
Soube entoar melodioso um hymno.  
Deus inspirava então os trovadores  
Do seu povo querido, e a Palestina,  
Rica dos meigos dons da natureza,  
Tinha o sceptro, tambem, do enthusiasmo.  
Virgem o genio ainda, o estro puro  
Louvava Deus sómente, á luz da aurora,  
E ao esconder-se o sol entre as montanhas  
De Bethoron. — Agora o genio é morto  
Para o Senhor, e os cantos dissolutos  
De lodoso folguedo os ares rompem,  
Ou sussurram, por paços de tyrannos,  
Assellados de putrida lisonja,  
Por preço vil, como o cantor que os tece.

## XVIII.

## O PSALMO.

Quanto é grande o meu Deus! . . . Té onde chega  
O seu poder immenso!

\*

Elle abaixou os ceus, desceu, calcando  
Um nevoeiro denso.  
Dos cherubins nas asas radiosas  
Librando-se, voou ;  
E sobre turbilhões de rijo vento  
O mundo rodeou.  
Ante o olhar do Senhor vacilla a terra.  
E os mares assustados  
Bramem ao longe, e os montes lançam fumo,  
Da sua mão tocados.  
Se pensou no Universo, ei-lo patente  
Ante a face do Eterno :  
Se o quiz, o firmamento os seios abre,  
Abre os seios o inferno.  
Dos olhos do Senhor, homem, se pódes,  
Esconde-te um momento :  
Vê onde encontrarás logar que fique  
Da sua vista isento :  
Sobe aos ceus, transpõe mares, busca o abysmo,  
Lá teu Deus has-de achar ;  
Elle te guiará, e a dextra sua  
Lá te ha-de sustentar :  
Desce á sombra da noite, e no seu manto  
Involver-te procura ;  
Mas as trévas para elle não são trévas,

Nem é a noite escura.  
No dia do furor, em vão buscáras  
Fugir ante o Deus forte,  
Quando do arco tremendo, irado, impelle  
Setta em que pousa a morte.  
Mas o que o teme dormirá tranquillo  
No dia extremo seu,  
Quando na campa se rasgar da vida  
Das illusões o véu.

## XIX.

Calou-se o monge: sepulchral silencio  
À sua voz seguiu-se. Uma toada  
Do órgão rompeu do côro. Assemelhava  
O suspiro saudoso, e os ais de filha,  
Que chora solitaria o pae, que dorme  
Seu ultimo, profundo e eterno somno.  
Melodias depois soltou mais doces  
O severo instrumento; e ergueu-se o canto,  
O doloroso canto do propheta,  
Da patria sobre o fado. Elle, que o víra,  
Sentado entre ruinas, contemplando  
Seu avito esplendor, seu mal presente,  
A quéda lhe chorou. Lá na alta noite,

Modulando o Nebel, via-se o vate  
Nos derribados porticos, abrigo  
Do immundo stellio e gemedora poupa,  
Extasiado — e a lua scintillando  
Na sua calva frente, onde pesavam  
Annos e annos de dôr. Ao venerando  
Nas encovadas faces fundos regos  
Tinham aberto as lagrymas. Ao longe,  
Nas margens do Kedron, a ran grasnando  
Quebrava a paz dos tumulos. Que tumulo  
Era Sião! — o vasto cemiterio  
Dos fortes de Israel. Mais venturosos  
Que seus irmãos, morreram pela patria;  
A patria os sepultou dentro em seu scio.  
Elles, em Babylonia, aos punhos ferros,  
Passam de escravos miseranda vida,  
Que Deus pesou seus crimes, e, ao pesa-los,  
A dextra lhe vergou. Não mais no templo  
A nuvem repousára, e os ceus de bronze  
Dos prophetas aos rogos se amostravam.  
O vate de Anathoth a voz soltára  
Entre o povo infiel, de Eloha em nome:  
Ameaças, promessas, tudo inutil;  
De bronze os corações não se dobraram.  
Vibrou-se a maldieção. Bem como um sonho

Jerusalem passou : sua grandesa  
Sómente existe em derrocadas pedras.  
O vate de Anathoth, sobre seus restos,  
Com triste canto deplorou a patria.  
Hymno de morte alçou : da noite as larvas  
O som lhe ouviram : squalido esqueleto,  
Rangendo os ossos, d'entre a hera e musgos  
Do portico do templo erguia um pouco,  
Alvejando, a caveira. — Era-lhe allivio  
Do sagrado cantor a voz suave  
Desferida ao luar, triste, no meio  
Da vasta solidão que o circumdava.  
O propheta gemeu : não era o estro,  
Ou o vivido jubilo que outr'ora  
Inspirára Moysés : o sentimento  
Foi sim pungente do silencio e morte,  
Que da patria lhe fez sobre o cadaver  
A elegia da noite erguer, e o pranto  
Derramar da esperanza e da saudade.

## XX.

## A LAMENTAÇÃO.

Como assim jaz e solitaria e quèda  
Esta cidade outr'ora populosa !

Qual viuva ficou e tributaria

A senhora das gentes.

Chorou durante a noite : em pranto as faces,

Sósinha, entregue á dôr, nas penas suas

Ninguém a consolou : os mais queridos

Contrarios se tornaram.

Ermas as praças de Sião e as ruas,

Cobre-as a verde relva : os sacerdotes

Gemem : as virgens pallidas suspiram

Involtas na amargura.

Dos filhos de Israel nas cavas faces

Está pintada a macilenta fome ;

Mendigos vão pedir, pedir a estranhos,

Um pão de infamia eivado.

O tremulo ancião, de longe, os olhos

Volve a Jerusalem, della fugindo ;

Vê-a, suspira, cáe, e em breve expira

Com seu nome nos labios,

Que horror ! — ímpias as mães os tenros filhos

Despedaçaram : barbaras quaes tigres,

Os sanguinosos membros palpitantes

No ventre sepultaram.

Deus, compassivo olhar volve a nós tristes :

Cessa de Te vingar ! Vê-nos escravos,

Servos de servos em paiz estranho.

Tem dó de nossos males !  
 Acaso serás Tu sempre inflexivel ?  
 Esqueceste de todo a nação tua ?  
 O pranto dos hebreus não Te commove ?  
 És surdo a seus lamentos ?

## XXI.

Doce era a voz do velho : o som do Nablo  
 Sonoro : o ceu sereno : clara a terra  
 Pelo brando fulgor do astro da noite :  
 E o propheta parou. Erguidos tinha  
 Os olhos para o ceu, onde buscava  
 Um raio de esperança e de conforto :  
 E elle calára já, e ainda os ecchos,  
 Entre as ruinas sussurrando, ao longe  
 Íam os sons levar de seus queixumes:

## XXII.

Chôro piedoso, o chôro consagrado  
 Às desditas dos seus. Honra ao propheta !  
 Oh margens do Jordão, paiz formoso  
 Que fostes e não sois, tambem suspiro  
 Condoído vos dou. — Assim fenecem.

Imperios, reinos, solidões tornados! . . .  
Não : — nenhum deste modo : ò peregrino  
Pára em Palmyra e pensa. O braço do homem  
A sacudiu á terra, e fez dormissem  
O seu ultimo somno os filhos della —  
E elle o veio dormir pouco mais longe . . .  
Mas se chega a Sião treme, enxergando  
Seus lacerados restos. Pelas pedras,  
Aqui e allí dispersas, ainda escripta  
Parece ver-se uma inscripção de agouros,  
Bem como aquella que aterrou um ímpio  
Quando, no meio de ruidosa festa,  
Blasphemava dos ceus, e mão ignota  
O dia extremo lhe apontou dos crimes.  
A maldicção do Eterno está vibrada  
Sobre Jerusalem ! — Quanto é terrível  
A vingança de Deus ! O Israelita,  
Sem patria e sem abrigo, vagabundo,  
Odio dos homens, neste mundo arrasta  
Uma existencia mais cruel que a morte,  
E que vem terminar a morte e inferno.  
Desgraçada nação ! — Aquelle solo  
Onde manava o mel, onde o carvalho,  
O cedro e a palma o verde ou claro ou torvo,  
Tão grato á vista, em bosques misturavam ;

Onde o lyrio e a cecem nos prados tinham  
Crescimento espontaneo entre as roseiras,  
Hoje, campo de lagrymas, só cria  
Humilde musgo de esgalvados cerros.

## XXIII.

Ide vós a Mambré. — Lá, bem no meio  
De um valle, outr'ora de verdura ameno,  
Erguia-se um carvalho magestoso.  
Debaixo de seus ramos largos dias  
Abrahão repousou. Na primavera  
Vinham os moços adornar-lhe o tronco  
De capellas cheirosas de boninas,  
E corêas gentís traçar-lhe em roda.  
Nasceu com o orbe a planta veneravel,  
Viu passar gerações, julgou seu dia  
Final fosse o do mundo, e quando airosa  
Por entre as densas nuvens se elevava,  
Mandou o Nume aos aquilões rugissem,  
Ei-la por terra! As folhas, pouco a pouco,  
Murcharam-se caíndo, e o rei dos bosques  
Serviu de pasto aos tragadores vermes.  
Deus estendeu a mão: — no mesmo instante  
A vinha se mirrou: juncto aos ribeiros

Da Palestina os platanos frondosos  
 Não mais cresceram, como d'antes, bellos :  
 O armento, em vez de relva, achou nos prados  
 Sómente ingratas, espinhosas urzes.  
 No Golgotha plantada, a Cruz clamára  
 — «Justiça!» — A tal clamor horrído espectro  
 No Moriá surgiu. Era seu nome  
 Assolação. — E despregando um grito,  
 Caiu com longo som de um povo a campa.  
 Assim a herança de Judá, outr'ora  
 Grata ao Senhor, existe só nos ecchos  
 Do tempo que já foi, e que ha passado  
 Como hora de prazer entre desditas.

.....

#### XXIV.

Minha Patria onde existe ?

..... É lá sómente !

Oh lembrança da Patria acabrunhada  
 Um suspiro tambem tu me has pedido ;  
 Um suspiro arrancado aos seios d'alma  
 Pela offuscada gloria, e pelos crimes  
 Dos homens que ora são, e pelo opprobrio

Da mais illustre das nações da terra!

A minha triste Patria era tão bella,  
E forte, e virtuosa! e ora o guerreiro  
E o sabio e o homem bom acolá dormem,  
Acolá, nos sepulchros esquecidos,  
Que a seus netos infames nada cortam  
Da antiga honra e pudor e eternos feitos.  
O escravo portuguez agrilhado  
Carcomir-se lhes deixa juncto ás lousas  
Os decepados troncos desse arbusto,  
Por mãos delles plantado á liberdade,  
E por tyrannos derribado em breve,  
Quando patrias virtudes se acabaram,  
Como um sonho da infancia! . . .

O vil escravo,  
Immerso em vicios, em brutesa e infamia,  
Não erguerá os macerados olhos  
Para esses troncos, que destroem vermes  
Sobre as cinzas de heroes, e, acceso em pejo,  
Não surgirá jámais? — Não ha na terra  
Coração portuguez, que mande um brado  
De maldicção atroz, que vá cravar-se  
Na vigilia e no somno dos tyrannos,  
E envenenar-lhes o prazer por noites

De vil prostituição, e em seus banquetes  
De embriaguez lançar fel e amarguras?

Não! — Bem como um cadaver já corrupto,  
A nação se dissolve: e em seu lethargo  
O povo, involto na miseria, dorme.

## XXV.

Oh, talvez, como o vate, ainda algum dia  
Terei de erguer á Patria hymno de morte,  
Sobre seus mudos restos vagueando!  
Sobre seus restos? — Nunca! Eterno, escuta  
Minhas preces e lagrymas: — se em breve,  
Qual jaz Sião, jazer deve Ulissea;  
Se o anjo do exterminio ha-de risca-la  
Do meio das nações, que d'entre os vivos  
Risque tambem meu nome, e não me deixe  
Na terra vaguear, orphão de Patria.

## XXVI.

Cessou da noite a grão solemnidade  
Consagrada á tristesa, e a memorandas  
Recordações: — os monges se prostraram.

A face unida á pedra. A mim, a todos  
Correm dos olhos lagrymas suaves  
De compuncção. Atheu, entra no templo;  
Não temas esse Deus, que os labios negam,  
E o coração confessa. A corda do arco  
Da vingança, em que a morte se debruça,  
Frouxa está; Deus é bom; entra no templo.  
Tu para quem a morte ou vida é fórma,  
Fórma sómente de mais puro barro,  
Que nada crês, e em nada esperas, olha,  
Olha o conforto do christão. Se o calis  
Da amargura a provar os ceus lhe deram,  
Elle se consolou: balsamo sancto  
Piedosa fé no coração lhe verte.  
— « Deus piedade terá! » — Eis seu gemido:  
Porque a esperança lhe sussurra em torno:  
— « Aqui, ou lá . . . a Providencia é justa. »

Atheu, a quem o mal fizera escravo,  
Teu futuro qual é? Quaes são teus sonhos?  
No dia da afflicção emmudeceste  
Ante o espectro do mal. E a quem alçaras  
O gemente clamor? — Ao mar, que as ondas  
Não altera por ti? — Ao ar, que some  
Pela sua amplidão as queixas tuas?

Aos rochedos alpestres, que não sentem,  
Nem sentir podem teu gemido inutil?  
Tua dôr, teu prazer existem, passam,  
Sem porvir, sem passado, e sem sentido.  
Nas angustias da vida, o teu consólo  
O suicidio é só, que te promette  
Rica messe de goso, a paz do nada! —  
E ai de ti, se buscaste, emfim, repouso,  
No limiar da morte indo assentar-te!  
Alli grita uma voz no ultimo instante  
Do passamento: a voz atterradora  
Da consciencia é ella. E has-de escuta-la  
Mau grado teu: e tremerás em sustos,  
Desesperado aos ceus erguendo os olhos  
Irados, de través, amortecidos: —  
Aos ceus, cujo caminho a Eternidade  
Co'a vagarosa mão te vai cerrando,  
Para guiar-te á solidão das dôres,  
Onde maldigas teu primeiro alento,  
Onde maldigas teu extremo arranco,  
Onde maldigas a existencia e a morte.

## XXVII.

Calou tudo no templo: o ceu é puro

A tempestade ameaçadora dorme.  
No espaço immenso os astros scintillantes  
O Rei da criação louvam com hymnos,  
Não ouvidos por nós, nas profundezas  
Do nosso abysmo. E aos cantos do Universo,  
Ante milhões de estrellas, que recamam  
O firmamento, ajunctará seu canto  
Mesquinho trovador? — Que vale uma harpa  
Mortal no meio da harmonia etherea,  
No concerto da noite? Oh, no silencio,  
Eu pequenino verme irei sentar-me  
Aos pés da Cruz, nas trévas do meu nada.  
Assim se apaga a lampada nocturna  
Ao despontar do sol o alvor primeiro:  
Por entre a escuridão deu claridade,  
Mas do dia ao nascer, que já rutíla,  
As torrentes de luz vertendo ao longe,  
Da lampada o clarão sumiu-se, inutil,  
Nesse fulgido mar, que inunda a terra.



## A VOZ.

É tão suave ess' hora,  
Em que nos foge o dia,  
E em que suscita a lua  
Das ondas a ardentia.

Se em alcantís marinhos,  
Nas rochas assentado,  
O trovador medita  
Em sonhos enleiado!

O mar azul se encrespa  
Co'a vespertina brisa,  
E no casal da serra  
A luz já se divisa.

\*

E tudo em roda cala  
Na praia sinuosa,  
Salvo o som do remanso  
Quebrando em fuma algosa.

Alli folga o poeta  
Nos desvarios seus;  
E nessa paz que o cerca  
Bem diz a mão de Deus.

Mas despregou seu grito  
A alcyone gemente,  
E nuvem pequenina  
Ergueu-se no occidente ;

E sóbe, e cresce, e immensa,  
Nos ceus negra fluctua,  
E o vento das procellas  
Já varre a fraga nua.

Turba-se o vasto oceano,  
Com horrido clamor ;  
Dos vagalhões nas ribas  
Expira o vão furor.

E do poeta a fronte  
Cubriu véu de tristeza ;  
Partiu-se á luz do raio  
Seu hymno á natureza.

Pela alma lhe vagava  
Um negro pensamento,  
Da alcyone ao gemido,  
Ao sibillar do vento.

Era blasphema idéa,  
Que triumphava emfim ;  
Mas voz souu ignota,  
Que lhe dizia assim :

---

— « Cantor, esse queixume  
Da nuncia das procellas,  
E as nuvens, que te roubam  
Myriadas de estrellas,

E o fremito dos euros,  
E o estourar da vaga,  
Na praia, que revolve,  
Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a brisa  
Sussurro harmonioso,  
Em quanto do ether puro  
Descia o sol radioso,

Typo da vida do homem,  
É do universo a vida ;  
Depois do afan repouso,  
Depois da paz a lida,

Se ergueste a Deus um hymno  
Em dia de amargura ;  
Se te amostraste grato  
Nos dias de ventura,

Seu nome não maldigas,  
Quando se turba o mar :  
No Deus, que é pae, confia,  
Do raio ao scintillar.

Elle o mandou : a causa  
Disso o universo ignora,  
E mudo está. O nume,  
Como o universo, adora ! »

---

Oh sim . torva blasphemia  
Não manchará seu canto !  
Brama a procella embora ;  
Pése sobre elle o espanto ;

Que de sua harpa os hymnos  
Derramará contente,  
Aos pés de Deus, qual oleo  
Do nardo recendente.

---



## A ARRABIDA.

### I.

Salve, oh valle do sul, saudoso e bello !  
Salve, oh patria da paz, deserto sancto,  
Onde não ruge a grande voz das turbas !  
Só sagrado a Deus, podesse ao mundo  
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,  
Qual ao freixo robusto a fragil hera,  
E a romagem do tumulo cumprindo,  
Só conhecer, ao despertar na morte,  
Essa vida sem mal, sem dôr, sem termo,  
Que íntima voz contínuo nos promette  
No transito chamado o viver do homem.

## II.

Suspira o vento no alamo frondoso ;  
 As aves soltam matutino canto ;  
 Late o lebreu na encosta, e o mar sussurra  
 Nos rochedos da concava bahia :  
 Eis o ruído de ermo ! — Ao longe o negro,  
 Insondado oceano, e o ceu ceruleo  
 Se abraçam no horisonte. — Immensa imagem  
 Da eternidade e do infinito, salve !

## III.

Oh, como surge magestosa e bella,  
 Com viço da criação, a natureza  
 No solitario valle ! — E o leve insecto,  
 E a relva, e os matos, e a fragrancia pura  
 Das boninas da encosta estão contando  
 Mil saudades de Deus, que os ha lançado,  
 Com mão profusa, no regaço ameno  
 Da solidão, onde se esconde o justo.

E lá campeam no alto das montanhas  
 Os escalvados pinheiros, severos,  
 Quaes guardadores de um logar que é sancto ;

Atalaias que ao longe o mundo observam,  
Cerrando até o mar o ultimo abrigo  
Da crença viva, da oração piedosa,  
Que se ergue a Deus de labios innocentes.

Sobre esta scena o sol verte em torrentes  
Da manhan o fulgor; a brisa esvae-se  
Por esses matos de alecrim florido,  
Embalsamando o ar de brando aroma:  
O rocío da noite á rosa agreste  
No seio derramou frescor suave,  
E 'inda existencia lhe dará um dia.

Formoso ermo do sul, outra vez, salve!

#### IV.

Negro, esteril rochedo, que contrastas,  
Na mudez tua, o placido sussurro  
Das arvores do valle, que vecejam  
Ricas d'encantos, co' a estação propicia;  
Suavissimo aroma, que manando  
Das variegadas flores, derramadas  
Na sinuosa encosta da montanha,  
Do altar da solidão subindo aos ares,

És digno incenso ao Creador erguido ;  
Livres aves, vós filhas da espessura,  
Que só teceis da natureza os hymnos,  
O que crê, o cantor, que foi lançado,  
Estranho ao mundo, no bulicio delle,  
Vem saudar-vos, sentir um goso puro,  
Dos homens esquecer paixões e opprobrio,  
E ver, sem ver-lhe a luz prestar a crimes,  
O sol, e uma só vez pura saudar-lh'a.

Comvosco eu sou maior ; mais longe a mente  
Pelos seios dos ceus se immerge livre,  
E se desprende de mortaes memorias  
Na solidão solemne, onde, incessante,  
Em cada pedra, em cada flor se escuta  
Do Sempiterno a voz, e vê-se impressa  
A dextra sua em multiforme quadro.

## V.

Escalvado penedo, que repousas  
Lá no cimo do monte, ameaçando  
Ruina ás matas de alecrim e murta,  
Que nesta encosta ondeam, meneadas  
Pelo vento do sul, foste formoso ;

Já te cubriram cespedes virentes ;  
Mas o tempo voou, e nelle involta  
A formosura tua. Despedidos  
Das negras nuvens o chuveiro espesso,  
E o granizo, que o sólo fustigando  
Tritura a terra lanceolada relva,  
Durante largos seculos, no inverno  
Dos vendavaes no dorso a ti desceram,  
Qual amplexo brutal de ardor grosseiro,  
Que, maculando virginal pureza,  
Do pudor varre a aureola celeste,  
E deixa, em vez de um seraphim na terra,  
Queimada flor que devorou o raio.

## VI.

Cáveira da montanha, ossada immensa,  
É tua campa o ceu : sepulchro o valle  
Um dia te será. Quando sentires  
Rugir com som medonho a terra ao longe,  
Na expansão dos volcões, e o mar, bramindo,  
Lançar á praia vagalhões cruzados ;  
Tremar-te a larga base, e sacudir-te  
De sobre si, o fundo deste valle  
Te vae servir de tumulo ; e os carvalhos

Do mundo primogenitos, e os freixos,  
Arrastados por ti lá da collina,  
Comtigo hão-de jazer. De novo a terra  
Te cubrirá o dorso sinuoso :  
Outra vez sobre ti nascendo os lyrios,  
Do seu puro candor hão-de adornar-te ;  
E tu, ora medonho, e nú, e triste,  
Ainda bello serás, vestido e alegre.

## VII.

Mais que o homem feliz ! — Quando eu no valle  
Dos tumulos cair ; quando uma pedra  
Os ossos me esmagar, se me fôr dada,  
Não mais reviverei ; não mais meus olhos  
Verão, ao pôr-se, o sol em dia estivo,  
Se em turbilhões de purpura, que ondeam  
Pelo extremo dos ceus sobre o occidente,  
Vae provar que um Deus ha a estranhos povos  
E além das ondas trémulo sumir-se ;  
Nem, quando, lá do cimo das montanhas,  
Com torrentes de luz inunda as veigas :  
Não mais verei o refulgir da lua  
No irrequieto mar, na paz da noite,  
Por horas em que véla o criminoso,

A quem íntima voz rouba o socego,  
E em que o justo descança, ou, solitario,  
Ergue ao Senhor um hymno harmonioso.

## VIII.

Hontem, sentado n'um penhasco, e perto  
Das aguas, então quêdas, do oceano,  
Eu tambem o louvei, sem ser um justo :  
E meditei ; e a mente extasiada  
Deixei correr pela amplidão das ondas.

Como abraço materno, era suave  
A aragem fresca do caír das trévas,  
Em quanto, involta em gloria, a clara lua  
Sumia em seu fulgor milhões d'estrellas.  
Tudo calado estava : o mar sómente  
As harmonias da criação soltava,  
Em seu rugido ; e o ulmeiro do deserto  
Se agitava, gemendo e murmurando,  
Ante o sopro de oeste : — alli dos olhos  
O pranto me correu, sem que o sentisse,  
E aos pés de Deus se derramou minha alma.

## IX.

Oh, que viesse o que não crê, comigo,  
À vecejante Arrabida, de noite,  
E se assentasse aqui sobre estas fragas,  
Escutando o sussurro incerto e triste  
Das movediças ramas, que povôa  
De saudade e de amor nocturna brisa ;  
Que visse a lua, o espaço oppresso de astros,  
E ouvisse o mar soando : — elle chorára,  
Qual eu chorei, as lagrymas do goso,  
E adorando o Senhor detestaria  
De uma sciencia van seu vão orgulho.

## X.

É aqui neste valle, ao qual não chega  
Humana voz e o tumultuar das turbas,  
Onde o nada da vida sonda livre  
O coração, que busca ir abrigar-se  
No futuro, e debaixo do amplo manto  
Da piedade de Deus : aqui serena  
Vem a imagem da campa, como a imagem  
Da patria ao desterrado ; aqui, solemne,  
Brada a montanha, memorando a morte.

Essas penhas, que, lá no alto da encosta,  
Negras, despidas, dormem solitárias,  
Parecem imitar da sepultura  
O aspecto melancólico, e o repouso  
Tão desejado do que em Deus confia.  
Bem semelhante á paz, que se ha sentado  
Por seculos, alli, nas serranias,  
É o silencio do adro, onde reúnem  
Os cyprestes e a cruz o ceu e a terra.

Como tu vens cercado de esperança,  
Para o innocente, oh placido sepulchro!  
Juncto das tuas bordas pavorosas  
O perverso recúa horrorisado:  
Após si volve os olhos; na existencia  
Deserto árido só descobre ao longe,  
Onde a virtude não deixou um trilho.  
Mas o justo chegando á meta extrema,  
Que separa de nós a eternidade,  
Transpõe-a sem temor, e em Deus exulta.  
O infeliz e o feliz lá dormem ambos,  
Tranquillamenté: e o trovador mesquinho,  
Que peregrino vagueou na terra,  
Sem encontrar um coração ardente  
Que o entendesse, a patria de seus sonhos,

Ignota, por lá busca; e quando as eras  
Vierem juncto ás cinzas collocar-lhe  
Tardios louros, que escondêra a inveja,  
Elle não erguerá a mão mirrada,  
Para os cingir na regelada fronte.  
Justiça, gloria, amor, saudade, tudo,  
Ao pé da sepultura, é som perdido  
De harpa eolia esquecida em brenha ou selva :  
O despertar um pae, que saborêa  
Entre os braços da morte o extremo somno,  
Já não é dado ao filial suspiro ;  
Em vão o amante, alli, da amada sua  
De rosas sobre a c'roa debruçado,  
Réga de amargo pranto as murchas flores  
E a fria pedra : a pedra é sempre fria,  
E para sempre as flores se murcharam.

## XI.

Bello ermo! eu hei-de amar-te, em quanto est'alma,  
Aspirando o futuro além da vida  
E um halito dos ceus, gemer, atada  
À columna do exilio, a que se chama,  
Em lingua vil e mentirosa, o mundo.

Eu hei-de amar-te, oh valle, como um filho  
Dos sonhos meus. A imagem do deserto  
Guarda-la-hei no coração, bem juncto  
Com minha fé, meu unico thesouro.

Qual pomposo jardim de verme illustre,  
Chamado rei ou nobre, ha-de contigo  
Comparar-se, oh deserto? Aqui não cresce  
Em vaso de alabastro a flor captiva,  
Ou arvore educada por mão de homem,  
Que lhe diga «és escrava» e erga um ferro,  
E lhe decepe os troncos. Como é livre  
A vaga do oceano, é livre no ermo  
A bonina rasteira, e o freixo altivo:  
Não lhes diz «nasce aqui, ou lá não cresças»  
Humana voz. Se baqueou o freixo,  
Deus o mandou: se a flor pendida mureha,  
É que o rocío não desceu de noite,  
E da vida o Senhor lhe nega a vida.

Ceu livre, terra livre, e livre a mente,  
Paz íntima, e saudade, mas saudade  
Que não dóe, que não mirra, e que consola,  
São as riquezas do ermo, onde sorriem  
Das procellas do mundo os que o deixaram.

\*

## XII.

Abi, na branda encosta, hontem de noite,  
Alvejava por entre as azinheiras  
Do solitario a habitação tranquilla :  
E eu vagueei por lá. Patente estava  
O pobre alvergue do eremita humilde,  
Onde jazia o filho da esperança  
Sob as azas de Deus, á luz dos astros,  
Em leito, duro sim, não de remorsos.  
Oh, com quanto socego o bom do velho  
Dormia ! A leve aragem lhe ondeava  
As raras cans na fronte, onde se lia  
A bella historia de passados annos.  
De alto choupo através passava um raio  
Da lua — astro de paz, astro que chama  
Os olhos para o ceu, e a Deus a mente —  
E em luz pallida as faces lhe banhava :  
E talvez neste raio o Pae celeste  
Da patria eterna lhe enviava a imagem,  
Que o sorriso dos labios lhe fugia,  
Como se um sonho de ventura e glória  
Na terra de antemão o consolasse.  
E eu comparei o solitario obscuro

Ao inquieto filho das cidades ;  
Comparei o deserto silencioso  
Ao perpetuo ruído que sussurra  
Pelos palacios do abastado e nobre,  
Pelos paços dos reis : e condoí-me  
Do cortezão soberbo, que só cura  
De honras, haveres, gloria, que se compram  
Com maldicções e perennal remorso.  
Gloria ! A sua qual é ? Pelas campinas,  
Cubertas de cadaveres, regadas  
De negro sangue, elle segou seus louros ;  
Louros que não cingir-lhe a fronte altiva,  
Ao som do choro da viuva e do orphão ;  
Ou, dos sustos senhor, em seu delirio,  
Os homens, seus irmãos, flagella e opprime.  
Lá o filho do pó se julga um nume,  
Porque a terra o adorou : o desgraçado  
Pensa, talvez, que o verme dos sepulchros  
Nunca se ha-de chegar, para traga-lo,  
Ao banquete da morte, imaginando  
Que uma lagea de marmore, que esconde  
O cadaver do grande, é mais duravel  
Do que esse chão sem inscripção, sem nome,  
Por onde o oppresso, o misero, procura  
O repouso, e se atira aos pés do throno.

Do Omnipotente, a demandar justiça  
Contra os fortes do mundo, os seus tyrannos.

## XIII.

Oh cidade, cidade, que trasbordas  
De vícios, de paixões, e de amarguras!  
Tu lá estás, na tua pompa involta,  
Soberba prostituta, alardeando  
Os theatros, e os paços, e o ruído  
Das carroças dos nobres, recamadas  
De ouro e prata, e os prazeres de uma vida  
Tempestuosa, e o tropear contínuo  
Dos férvidos ginetes, que alevantam  
O pó e o lodo cortezão das praças;  
E as gerações corruptas de teus filhos  
Lá se revolvem, qual montão de vermes  
Sobre um cadaver putrido! — Cidade,  
Branqueado sepulchro, que misturas  
A opulencia, a miseria, a dôr e o goso,  
Honra, infamia, pudor, e impudicicia,  
Ceu e inferno, que és tu? Escarneo ou gloria  
Da humanidade? — O que o souber que o diga!

Bem negra avultá aqui, na paz do valle,

A imagem desse povo, que reflue  
Das moradas á rua, á praça, ao templo,  
Que ri, e chora, e folga, e geme, e morre,  
Que adora Deus, e que o pragueja, e o teme ;  
Absurdo mixto de baixesa extrema  
E de extrema ousadia ; vulto enorme,  
Ora aos pés de um vil despota estendido,  
Ora surgindo, e arremessando ao nada  
As memorias dos seculos que foram,  
E depois sobre o nada adormecendo.

Vê-lo, rico de opprobrio, ir assentar-se  
Em joelhos, nos atrios dos tyrannos,  
Onde, entre o lampejar de armas de servos,  
O servo popular adora um tigre ?  
Esse tigre é o idolo do povo !  
Saudae-o ; que elle o manda : abençoe-lhe  
O ferreo sceptro : ide folgar em roda  
De cadafalsos, povoados sempre  
De victimas illustres, cujo arranco  
Seja como harmonia, que adormente  
Em seus terrores o senhor das turbas.  
Passae depois. Se a mão da Providencia  
Esmigalhou a fronte á tyrannia ;  
Se o despota caíu, e está deitado

No lodaçal da sua infamia, a turba  
Lá vae buscar o sceptro dos terrores,  
E diz «é meu»; e assenta-se na praça,  
E involta em roto manto, e julga e reina  
Se um ímpio, então, na affogueada bôcca  
De volcão popular sacode um facho,  
Eis o incendio que muge, e a lava sóbe,  
E referve, e trasborda, e se derrama  
Pelas ruas além: clamor retumba  
De anarchia impudente, e o brilho de armas  
Pelo escuro transluz, como um presagio  
De assolação; e se amontoam vagas  
Desse mar d'abjecção, chamado o vulgo;  
Desse vulgo, que ao som de infernaes hymnos,  
Cava fundo da Patria a sepultura,  
Onde, abraçando a gloria do passado  
E do futuro a ultima esperança,  
As esmaga comsigo, e ri morrendo.

Tal és, cidade, licenciosa ou serva!  
Outros louvem teus paços sumptuosos,  
Teu ouro, teu poder: — sentina impura  
De corrupções, teus não serão meus hymnos!

## XIV

Cantor da solidão, vim assentar-me  
Juncto do verde cespede do valle ;  
E a paz de Deus do mundo me consola.

Avulta aqui, e alveja entre o arvoredos,  
Um pobre conventinho. Homem piedoso  
O alevantou ha seculos, passando,  
Como orvalho do ceu, por este sitio,  
De virtudes depois tão rico e fertil.  
Como um pae de seus filhos rodeado,  
Pelos matos do outeiro o vão cercando  
Os tugurios de humildes eremitas,  
Onde o cilicio e a compuncção apagam  
Da lembrança de Deus passados erros  
Do peccador, que reclinou a fronte  
Penitente no pó. O sacerdote  
Dos remorsos lhe ouviu as amarguras ;  
E perdoou-lhe, e consolou-o em nome  
Do que expirando perdoava, o Justo  
Que entre os humanos não achou piedade.

## XV.

Religião ! do misero conforto,  
Abrigo extremo de alma, que ha mirrado  
O longo agonisar de uma saudade,  
Da deshonra, do exilio, ou da injustiça,  
Tu consolas aquelle, que ouve o verbo,  
Que renovou o corrompido mundo,  
E que mil povos pouco a pouco ouviram.  
Nobre, plebeu, dominador, ou servo,  
O rico, o pobre, o valoroso, o fraco,  
Da desgraça no dia ajoelharam  
No limiar do solitario templo.  
Ao pé desse portal, que veste o musgo,  
Encontrou-os chorando o sacerdote,  
Que da serra descia á meia-noite,  
Pelo sino das preces convocado :  
Ahi os viu ao despontar do dia,  
Sob os raios do sol, ainda chorando.  
Passados mezes, o burel grosseiro,  
O leito de cortiça, e a fervorosa  
E contínua oração foram cerrando  
Nos corações dos miseros as chagas,  
Que o mundo sabe abrir, mas que não cura.  
Aqui, depois, qual halito suave



Da primavera, Ihes correu a vida,  
Até sumir-se no adro do convento,  
Debaixo de uma lagea tosca e humilde,  
Sem nome, nem palavra, que recorde  
O que a terra abrigou no somno extremo.

Eremiterio antigo, oh se podesses  
Dos annos que lá vão contar a historia ;  
Se ora, á voz do cantor, possivel fosse  
Transsudar desse chão, gelado e mudo,  
O mudo pranto, em noites dolorosas,  
Por naufragos do mundo derramado  
Sobre elle, e aos pés da cruz ! . . Se vós podesseis,  
Broncas pedras, fallar, o que dirieis !

Quantos nomes mimosos da ventura,  
Convertidos em fabula das gentes,  
Despertariam o eccho das montanhas,  
Se aos negros troncos do sobreiro antigo  
Mandasse o Eterno sussurrar a historia  
Dos que vieram desnudar-lhe o cepo,  
Para um leito formar, onde velassem  
Da mágoa, ou do remorso as longas noites !  
Aqui veiu, talvez, buscar asylo  
Um poderoso, outr'ora anjo da terra,

Despenhado nas trévas do infortunio ;  
Aqui gemeu, talvez, o amor trahido,  
Ou pela morte convertido em cancro  
De infernal desespêro ; aqui soaram  
Do arrependido os ultimos gemidos,  
Depois da vida derramada em gosos,  
Depois do goso convertido em tedio.  
Mas quem foram ? Nenhum, depondo em terra  
Vestidura mortal, deixou vestigios  
De seu breve passar. E isso que importa,  
Se Deus o viu ; se as lagrymas do triste  
Elle contou, para as pagar com gloria ?

## XVI.

Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda,  
Que serpêa do monte ao fundo valle,  
Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,  
Como um pharol de vida, em mar de escolhos :  
Ao christão infeliz acolhe no ermo,  
E consolando-o, diz-lhe « a patria tua  
É lá no ceu : abraça-te comigo. »  
Juncto della esses homens, que passaram  
Acurvados na dôr, as mãos ergueram  
Para o Deus, que perdoa, e que é conforto

Dos que aos pés deste symbolo da esp'rança  
Vem derramar seu coração afflicto :  
É do deserto a historia, a cruz e a campa ;  
E sobre tudo o mais poussa o silencio.

## XVII.

Feliz da terra, os monges não maldigas ;  
Do que em Deus confiou não escarneças ! —  
Folgando segue a trilha, que ha juncado,  
Para teus pés, de flores a fortuna,  
E sobre a morta crença em paz descança.  
Que mal te faz, que goso vae roubar-te  
O que ensanguenta os pés nas bravas urzes,  
E sobre a fria pedra encosta a fronte ?  
Que mal te faz uma oração erguida,  
Nas solidões, por voz sumida e frouxa,  
E que, subindo aos ceus, só Deus escuta ?  
Oh, não insultes lagrymas alheias,  
E deixa a fé ao que não tem mais nada ! . .

E se estes versos te contristam, rasga-os.  
Teus menestreis te venderão seus hymnos,  
Nos banquetes opiparos, em quanto  
O negro pão repartirá comigo,

Seu trovador, o pobre anaehoreta,  
Que não te inveja as ditas, como as c'roas  
Do prazer ao cantor eu não invejo ;  
Tristes coroas, sob as quaes ás vezes  
Está gravada uma inscripção d'infamia.

---

## **MOCIDADE E MORTE.**

Solevantado o corpo, os olhos fitos,  
As magras mãos cruzadas sobre o peito,  
Vêde-o, tão moço, velador de angustias,  
Pela alta noite em solitario leito.

Por essas faces pallidas, cavadas,  
Olhae, em fio as lagrymas deslisam ;  
E com o pulso que apressado bate  
Do coração os éstos harmonisam.

É que nas veias lhe circula a febre ;  
É que a fronte lhe alaga o suor frio ;  
É que lá dentro á dor, que o vae roendo,  
Responde horrivel íntimo cicío.

Encostando na mão o rosto acceso,  
Fitou os olhos humidos de pranto  
Na lampada mortal alli pendente,  
E lá comsigo modulou um canto.

É um hymno de amor e de esperança?  
É oração de angustia e de saudade?  
Resignado na dor, saúda a morte,  
Ou vibra aos ceus blasphemia d'impiedade?

É isso tudo, tumultuando incerto  
No delirio febril daquela mente,  
Que, balouçada á borda do sepulchro,  
Volve após si a vista longamente.

É a poesia a murmurar-lhe na alma  
Ultima nota de quebrada lyra;  
É o gemido do tombar do cedro;  
É triste adeus do trovador que expira.

#### DESESPERANÇA.

« Meia-noite bateu, volvendo ao nada  
Um dia mais; e caminhando eu sigo!  
Vejo-te bem, oh campa mysteriosa . . .  
Eu vou, eu vou! Breve serei contigo!

Qual tufão, que ao passar agita o pego,  
Meu placido existir turvou a sorte.  
Halito impuro de pulmões ralados  
Me diz que nelles se assentou a morte.

Em quanto mil e mil no largo mundo  
Dormem em paz sorrindo, eu vélo e penso,  
E julgo ouvir as preces por finados,  
E ver a tumba e o fumegar do incenso.

Se dormito um momento, acórdo em sustos ;  
Pulos me dá o coração no peito,  
E abraço e beijo de uma vida extincta  
O ultimo socio, o doloroso leito.

De um abysmo insondado ás agras bordas  
Insanavel doença me ha guiado,  
E disse-me : — « no fundo o esquecimento :  
Desce ; mas desce com andar pausado. »

E eu lento vou descendo, e sondo as trévas :  
Busco parar ; parar um só instante !  
Mas a cruel, travando-me da dextra,  
Me faz cair mais fundo, e grita : — « ávante ! »

Porque escutar o transito das horas?  
Alguma dellas trar-me-ha conforto?  
Não! Esses golpes, que no bronze ferem,  
São para mim como dobrar por morto.

«Morto! morto!» — me clama a consciencia:  
Diz-m'ó este respirar rouco e profundo.  
Ai! porque fremes, coração de fogo,  
Dentro de um seio corrompido e immundo?

Beber um ar diaphano e suave,  
Que renovou da tarde o brando vento,  
E converte-lo, no aspirar contínuo,  
Em bafo apodrecido e peçonhento!

Estender para o amigo a mão mirrada,  
E elle negar a mão ao pobre amigo;  
Querer uni-lo ao seio descarnado,  
E elle fugir, temendo o seu perigo!

E ver após um dia ainda cem dias,  
Nús d'esperança, ferteis de amargura;  
Socorrer-me ao porvir, e acha-lo um crmo,  
E só, bem lá no extremo, a sepultura!

Agora! . . . quando a vida me sorria :  
Agora! . . . que meu estro se accendêra ;  
Que eu me enlaçava a um mundo d'esperanças,  
Como se enlaça pelo ulmeiro a hera,

Deixar tudo, e partir, sósinho e mudo ;  
Varrer-me o nome escuro esquecimento :  
Não ter um eccho de louvor, que affague  
Do desgraçado o humilde monumento !

Oh tu, sêde de um nome glorioso,  
Que tão fagueiros sonhos me tecias,  
Fugiste, e só me resta a pobre herança  
De ver a luz do sol mais alguns dias.

Vestem-se os campos do verdor primeiro :  
Já das aves canções no bosque ecchoam :  
Não para mim, que só escuto attento  
Funereos dobres que no templo soam !

Eu que existo, e que penso, e fallo, e vivo,  
Irei tão cedo repousar na terra?!  
Oh, meu Deus, oh meu Deus! um anno ao menos;  
Um louro só . . . e meu sepulchro cerra !

\*

É tão bom respirar, e a luz brilhante  
Do sol oriental saudar no outeiro !  
Ai, na manhan sauda-la posso ainda ;  
Mas será este inverno o derradeiro !

Quando de pomos o vergel fôr cheio ;  
Quando ondear o trigo na planura ;  
Quando pender com aureo fructo a vide,  
Eu tambem penderei na sepultura.

Dos que me cercam no turbado aspecto,  
Na voz que prende desusado enleio,  
No pranto a furto, no fingido riso  
Fatal sentença de morrer eu leio.

Vistes vós criminoso, que hão lançado  
Seus juizes nos trances da agonia,  
Em oratorio estreito, onde não entra  
Suavissima luz do claro dia ;

Diante a cruz, ao lado o sacerdote,  
O cadafalso, o crime, o algoz na mente,  
O povo tumultuando, o extremo arranco,  
E ceu, e inferno, e as maldicções da gente ?



Numen de sancto amor, mulher querida,  
Anjo do ceu, encanto da existencia,  
Ora por mim a Deus, que ha-de escutar-te.  
Por ti me salve a mão da Providencia.

Vem : aperta-me a dextra . . . Oh, foge, foge !  
Um beijo ardente aos labios teus voára :  
E neste beijo venenoso a morte  
Talvez este infeliz só te entregára !

Se eu pudesse viver . . . como teus dias  
Cercaria de amor suave e puro !  
Como te fôra placido o presente ;  
Quanto risonho o aspecto do futuro !

Porém, medonho espectro ante meus olhos,  
Como sombra infernal perpetuo ondêa,  
Bradando-me que vae partir-se o fio  
Com que da minha vida se urde a têa.

Entregue á seducção, em quanto eu durmo,  
No turbilhão do mundo hei-de deixar-te !  
Quem velará por ti, pomba innocente ?  
Quem do perjurio poderá salvar-te ?

Quando eu cerrar os olhos moribundos  
Tu verterás por mim pranto saudoso ;  
Mas quem me diz que não virá o riso  
Banhar teu rosto triste e lachrymoso ?

Ai, o extinto só herda o esquecimento !  
Um novo amor te agitará o peito :  
E a dura lagea cubrirá meus ossos  
Frios, despidos sobre terreo leito ! . .

Oh Deus, porque este calix de agonia  
Até as bordas de amargor me encheste ?  
Se eu devia acabar na juventude,  
Porque ao mundo e a seus sonhos me prendeste ?

Virgem do meu amor, porque perde-la ?  
Porque entre nós a campa ha-de assentar-se  
Tua suprema paz com goso ou dores  
Do mortal, que em ti crê, póde turhar-se ?

Não haver quem me salve ! e vir um dia  
Em que de minha o nome ainda lhe dêsse !  
Então, Senhor, o umbral da eternidade,  
Talvez sem um queixume transpозesse.

Mas, qual flor em botão pendida e murcha,  
Sem de fragrancias perfumar a brisa,  
Eu poeta, eu amante, ir esconder-me  
Sob uma lousa despresada e lisa!

Porque? Qual foi meu crime, oh Deus terrível?  
Em te adorar que fui, senão insano?...  
O teu fatal poder hoje maldigo!  
O que te chama pae, mente: és tyranno.

E se aos pés de teu throno os ais não chegam:  
Se os gemidos da terra os ares somem;  
Se a Providencia é crença van, mentida,  
Porque geraste a intelligencia do homem?

Porque da virgem no sorrir pozeste  
Sancto presagio de suprema dita,  
E apontaste ao poeta a immensidade  
Na ancia de gloria que em sua alma habita?

A immensidade!... E que me importa herda-la,  
Se na terra passei sem ser sentido?  
Que val eterno vaguear no espaço,  
Se nosso nome se afundou no olvido?

## O ANJO DA GUARDA.

« Impio, silencio ! A tua voz blasphema  
Da noite a paz perturba.  
Verme, que te rebellas  
Sob a mão do Senhor,  
Vês os milhões d'estrellas  
De nitido fulgor,  
Que, em ordenada turba,  
A Deus entoam incessantes hymnos ?  
Quantas vezes apaga  
Do livro da existencia  
Um orbe a mão do Eterno !  
E o bello astro que expira  
Maldiz a Providencia,  
Maldiz a mão que o esmaga ?  
Acaso pára o cantico superno ?  
Ou apenas suspira  
O moribundo  
Mundo ?  
Quem vae pôr uma campa sobre os restos  
Desse inerte planeta,  
Que o destructor cometa  
Incinerou na rapida passagem ?

E tu, átomo obscuro,  
Que varre á tarde a aragem,  
Sóltas do seio impuro  
Maldicção insensata,  
Porque o teu Deus te chama á eternidade?  
Que é o viver? O umbral, a que um momento  
O espirito, surgindo  
Das solidões do nada  
À voz do Creador, se encosta, e attento  
Contempla a luz e o ceu: d'onde desata  
Seu vôo á immensidade.  
Geme acaso o passarinho  
De saudade,  
Quando as azas expande, e deixa o ninho,  
A vez primeira, a mergulhar nos ares?  
Volve olhos lachrymosos  
Aos mares tormentosos  
O navegante, quando aprôa ás plagas  
Da patria suspirada?  
Porque morres?! Pergunta á Providencia  
Porque te fez nascer.  
Qual era o teu direito a ver o mundo;  
Teu jus á existencia?  
Olha no outono o ulmeiro  
Que o vendaval agita,

E cujas tenues folhas  
Aos centos precipita.  
São a folha do ulmeiro o nome e fama,  
E o amar dos humanos :  
Ao nada do que foi assim se atiram  
No vortice dos annos.  
Que é a gloria na terra? Um eccho frouxo,  
Que somem mil ruídos.  
E a voz da terra o que é, na voz immensa  
Dos orbes reunidos?  
Amor! amor terreno! . . . Ai, se podesses  
Comprehender a amargura,  
Com que te chóro, oh alma transviada!  
Eu, que te amei do berço, e qual doçura  
Ha no affecto que liga o anjo ao homem,  
Rindo despíras esse corpo enfermo,  
Para te unir a mim, para aspirares  
O goso celestial de amor sem termo!  
Alma triste, que mesquinha  
Te debruças sobre o inferno,  
Ouve o anjo, pobresinha;  
Vem ao goso sempiterno.  
Resigna-te e espera, e os dias de prova  
Serão para o crente quaes breves instantes.  
Tomar-te-hei nos braços no trance da morte,

Fendendo o infinito co' as asas radiantes.  
Depois, das alturas teu terreo vestido  
Sorrindo veremos na terra guardar.  
E ao hymno de Hosanna nos córos celestes  
A voz de um remido iremos junctar.»

## A GRAÇA.

«Que harmonia suave  
É esta, que na mente  
Eu sinto murmurar,  
Ora profunda e grave,  
Ora meiga e cadente,  
Ora que faz chorar?  
Porque da morte a sombra,  
Que para mim em tudo  
Negra se reproduz,  
Se aclara, e desassombra  
Seu gesto carrancudo,  
Banhada em branda luz?  
Porque no coração  
Não sinto pezar tanto  
O ferreo pé da dor,  
E o hymno da oração,  
Em vez de irado canto,

**Me pede íntimo ardor?**

És tu, meu anjo, cuja voz divina  
Vem consolar a solidão do enfermo,  
E a contemplar com placidez o ensina  
De curta vida o derradeiro termo?

Oh, sim! és tu, que na infantil idade,  
Da aurora á frouxa luz,  
Me dizias: — «acorda, innocentinho,  
Faze o signal da cruz.»  
És tu, que eu via em sonhos, nesses annos  
De inda puro sonhar,  
Em nuvem d'ouro e purpura descendo  
Co' as roupas a alvejar.  
És tu, és tu! que ao pôr do sol, na veiga,  
Juncto ao bosque fremente,  
Me contavas mysterios, harmonias  
Dos ceus, do mar dormente.  
És tu, és tu! que, lá, nesta alma absorta  
Modulavas o canto,  
Que de noite, ao luar, sósinho erguia  
Ao Deus tres vezes sancto.  
És tu, que eu esquecí na idade ardente  
Das paixões juvenís,

E que voltas a mim, sincero amigo,  
Quando sou infeliz.

Sinto a tua voz de novo,  
Que me revoca a Deus :  
Inspira-me a esperança,  
Que te seguiu dos ceus ! . .

#### RESIGNAÇÃO.

« No teu seio reclinado  
Dormirei, Senhor, um dia,  
Quando fôr na terra fria  
Meu repouso procurar ;

Quando a lousa do sepulchro  
Sobre mim tiver caído  
E este espirito affligido  
Vir a tua luz brilhar !

No teu seio, de pezares  
O existir não se entretece ;  
Lá eterno o amor florece,  
Lá florece eterna paz :

Lá bramir juncto ao poeta  
Não irão paixões e dores,  
Vãos desejos, vãos temores  
Do desterro em que elle jaz.

Hora extrema, eu te saúdo !  
Salve, oh trevas da jazida,  
D'onde espera erguer-se á vida  
Meu espirito immortal !

Anjo bom, não me abandones  
Neste trance dilatado ;  
Que contrito, resignado  
Me acharás na hora fatal.

E depois . . . Perdoa, oh anjo,  
Ao amor do moribundo,  
Que só deixa neste mundo  
Pouco pó, muito gemer.

Oh . . . depois . . . dize á mesquinha  
Um segredo de doçura :  
Que na patria o amor se apura,  
Que o desterro viu nascer.

Que é o ceu a patria nossa ;  
Que é o mundo exilio breve ;  
Que o morrer é cousa leve ;  
Que é *principio*, não é *fim* :

Que duas almas que se amaram  
Vão lá ter nova existencia,  
Confundidas n'uma essencia,  
A de um novo cherubim. »

---

## DEUS.

Nas horas do silencio, á meia-noite,

Eu louvarei o Eterno !

Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,

E os abysmos do inferno.

Pela amplidão dos ceus meus cantos sôem,

E a lua prateada

Pare no gyro seu, em quanto pulso

Esta harpa a Deus sagrada.

Antes de tempo haver, quando o infinito

Medía a eternidade,

E só do vacuo as solidões enchia

De Deus a immensidade,

Elle existia, em sua essencia involto,

E fóra d'elle o nada :

No seio dô Creador a vida do homem  
Estava ainda guardada :  
Ainda então do mundo os fundamentos  
Na mente se escondiam  
Do Omnipotente, e os astros fulgurantes  
Nos ceus não se volviã.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento  
Das mãos sãe do Señhor :  
Surge o sol, banha a terra, e desabrocha  
Sua primeira flor :  
Sobre o invisivel eixo range o globo :  
O vento o bosque ondêa :  
Retumba ao longe o mar : da vida a força  
A natureza ancêa !

Quem, dignamente, oh Deus, ha-de louvãr-te,  
Ou cantar teu poder ?  
Quem dirá de Teu braço as maravilhas,  
Fonte de todo o ser,  
No dia da criação ; quando os thesouros  
Da neve amontoaste ;  
Quando da terra nos mais fundos valles  
As aguas encerraste ? !

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,  
Com dextra poderosa,  
Fez, por lei immutavel, se librassem  
Na mole ponderosa?  
Onde existia então? No typo immenso  
Das gerações futuras;  
Na mente do meu Deus. Louvor a Elle  
Na terra e nas alturas!

Oh, quanto é grande o Rei das tempestades,  
Do raio, e do trovão!  
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,  
Da tarde a viração!  
Por sua Providencia nunca, embalde,  
Zumbiu minimo insecto;  
Nem volveu o elephante, em campo esteril,  
Os olhos inquieto.  
Não deu Elle á avesinha o grão da espiga,  
Que ao ceifador esquece;  
Do norte ao urso o sol da primavera,  
Que o reanima e aquece?  
Não deu Elle á gazella amplos desertos,  
Ao cervo a amena selva,  
Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,  
No prado ao touro a relva?

Não mandou Elle ao mundo, em lucto e trévas,  
Consolação e luz?

Acaso, em vão, algum desventurado  
Curvou-se aos pés da cruz?

A quem não ouve Deus? Sómente ao ímpio  
No dia da afflicção,  
Quando pésa sobre elle, por seus crimes,  
Do crime a punição.

Homem, ente immortal, que és tu perante  
A face do Senhor?

És a junça do bréjo, harpa quebrada  
Nas mãos do trovador!

Olha o velho pinheiro, campeando  
Entre as neves alpinãs:

Quem irá derribar o rei dos bosques  
Do throno das collinas?

Ninguem! Mas ai do abeto, se o seu dia  
Extremo Deus mandou!

Lá correu o aquilão: fundas raizes  
Aos ares lhe assoprou.

Soberbo, sem temor, saíu na margem  
Do caudaloso Nilo,

O corpo monstruoso ao sol voltando,  
Medonho crocodilo.

De seus dentes em volta o susto habita ;

Vê-se a morte assentada

Dentro em sua garganta, se descerra

A bôcca affogueada :

Qual duro arnez de intrepido guerreiro

É seu dorso escamoso ;

Como os ultimos ais de um moribundo

Seu grito lamentoso :

Fumo e fogo respira quando irado ;

Porém, se Deus mandou,

Qual do norte impellida a nuvem passa,

Assim elle passou !

Teu nome ousei cantar ! — Perdoa, oh Nume ;

Perdoa ao teu cantor !

Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,

Mas são hymnos de amor.

Embora vís hypocritas te pintem

Qual barbaro tyranno :

Mentem, por dominar, com ferreo sceptro,

O vulgo cego e insano.

Quem os crê é um ímpio ! Recear-te

É maldizer-te, oh Deus ;

É o throno dos despotas da terra

Ir collocar nos ceus.

Eu, por mim, passarei entre os abrolhos  
    Dos males da existencia  
Tranquillo, e sem terror, á sombra posto  
    Da tua Providencia.

---

## A TEMPESTADE.

Sibilla o vento : — os torreões de nuvens  
Pésam nos densos ares :  
Ruge ao largo a procella, e encurva as ondas  
Pela extensão dos mares :  
A immensa vaga ao longe vem correndo,  
Em seu terror involta ;  
E, d'entre as sombras, rapidas centelhas  
A tempestade sólta.  
Do sol, no occaso, um raio derradeiro,  
Que, apenas fulge, morre,  
Escapa á nuvem, que, apressada e espessa,  
Para apaga-lo corre.  
Tal nos affaga em sonhos a esperança,  
Ao despontar do dia,  
Mas, no acordar, lá vem a consciencia  
Dizer que ella mentia !

As ondas negro-azues se conglobaram ;  
Serras tornadas são,  
Contra as quaes outras serras, que se arqueam,  
Bater, partir-se vão.

Oh tempestade ! Eu te saúdo, oh nume,  
Da natureza açoite !

Tu guias os bulhões, do mar princesa,  
E é teu vestido a noite !

Quando no pinheiral, entre o granizo,  
Ao sussurrar das ramas,

Vibrando sustos, pavorosa ruges,  
E assolação derramas,

Quem porfiar contigo, então, ousára  
Da gloria e poderio ;

Tu que fazes gemer pendido o cedro,  
Turbar-se o claro rio ?

Quem me dera ser tu, por balouçar-me  
Das nuvens nos castellos,

E ver dos ferros meus, emfim, quebrados  
Os rebatidos élos !

Eu rodeára, então, o globo inteiro ;  
Eu sublevára as aguas ;

Eu dos volcões com raios accendêra

Amortecidas fráguas ;  
Do robusto carvalho e sobro antigo  
Acurvaria as frentes ;  
Com furacões, os areaes da Lybia  
Converteria em montes ;  
Pelo fulgor da lua, lá do norte  
No polo me assentára,  
E víra prolongar-se o gelo eterno,  
Que o tempo amontoára.  
Alli, eu solitario, eu rei da morte,  
Erguêra meu clamor,  
E dissera : — « sou livre, e tenho imperio ;  
Aqui, sou eu senhor ! »

Quem se poderá erguer, como estas vagas,  
Em turbilhões incertos,  
E correr, e correr, troando ao longe,  
Nos liquidos desertos !  
Mas entre membros de lodoso barro  
A mente presa está ! . .  
Ergue-se em vão aos ceus : precipitada,  
Rapido, em baixo dá.

Oh morte, amiga morte ! é sobre as vagas,  
Entre escarceus erguidos,

Que eu te invoco, pedindo-te feneçam

Meus dias aborridos :

Quebra duras prisões, que a natureza

Lançou a esta alma ardente ;

Que ella possa voar, por entre os orbes,

Aos pés do Omnipotente.

Sobre a nau, que me estreita, a prenhe nuvem

Desça, e estourando a esmague,

E a grossa prôa, dos tufões ludibrio,

Solta, sem rumo vague !

Porém, não ! . . Dormir deixa os que me cercam

O somno do existir ;

Deixa-os, vãos sonhadores de esperanças

Nas trévas do porvir.

Doce mãe do repouso, extremo abrigo

De um coração oppresso,

Que ao ligeiro prazer, á dor cançada

Negas no seio accesso,

Não despertes, oh não ! os que abominam

Teu amoroso aspeito ;

Febricitantes, que se abraçam, loucos,

Com seu dorido leito !

Tu, que ao misero rís com rir tão meigo,

Calumniada morte ;

Tu, que entre os braços teus lhe dás asylo

Contra o furor da sorte ;

Tu, que esperas ás portás dos senhores,

Do servo ao limiar,

E eterna corres, peregrina, a terra

E as solidões do mar,

Deixa, deixa sonhar ventura os homens ;

Já filhos teus nasceram :

Um dia acordarão desses delirios,

Que tão gratos lhes eram.

E eu que vélo na vida, e já não sonho

Nem gloria, nem ventura ;

Eu, que esgotei tão cedo, até as fézes,

O calix da amargura ;

Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado

De quanto ha vil no mundo,

Sanctas inspirações morrer sentindo,

Do coração no fundo,

Sem achar no desterro uma harmonia

De alma, que a minha entenda,

Porque seguir, curvado ante a desgraça,

Esta espinhosa senda ?

Torvo o oceano vae ! Qual dobre, sóa

Fragor da tempestade,

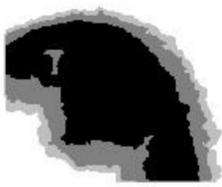
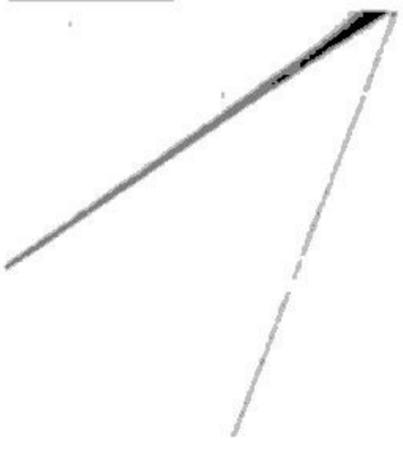
Psalmo de mortos, que retumba ao longe,  
Grito da eternidade ! . .

Pensamento infernal ! Fugir cobarde  
Ante o destino iroso ?  
Lançar-me, involto em maldicções celestes,  
No abysmo tormentoso ?  
Nunca ! Deus poz-me aqui para apurar-me  
Nas lagrymas da terra ;  
Guardarei minha estancia attribulada,  
Com meu desejo em guerra.  
O fiel guardador terá seu prêmio,  
O seu repouso, enfim,  
E atalaiar o sol de um dia extremo  
Virá outro após mim.  
Herdarei o morrer ! Como é suave  
Benção de pae querido,  
Será o despertar, ver meu cadaver,  
Ver o grilhão partido.

Um consôlo, entretanto, resta ainda  
Ao pobre velador :  
Deus lhe deixou, nas trévas da existencia,  
Doce amizade e amor.  
Tudo o mais é sepulchro, branqueado

Por embusteira mão ;  
Tudo o mais vãos prazeres, que só trazem  
Remorso ao coração.  
Passarei minha noite a luz tão meiga,  
Até o amanhecer ;  
Até que suba á patria do repouso,  
Onde não ha morrer.

---



## O SOLDADO.

### I.

Veia tranquilla e pura  
Do meu paterno rio,  
Dos campos, que elle réga,  
Mansissimo armentio,

Rocío matutino,  
Prados tão delectosos,  
Valles, que assombram selvas  
De sinceirae frondosos,

Terra da minha infancia,  
Tecto de meus maiores,  
Meu breve jardimzinho,  
Minhas pendidas flores,

Harmonioso e sancto  
Sino do presbyterio,  
Cruzeiro venerando  
Do humilde cemiterio,

Onde os avós dormiram,  
E dormirão os pais ;  
Onde eu talvez não durma,  
Nem rese, talvez, mais,

Eu vos saúdo ! e o longo  
Suspiro amargurado  
Vos mando. É quanto póde  
Mandar pobre soldado.

Sobre as cavadas ondas  
Dos mares procellosos,  
Por vós já fiz soar  
Meus cantos dolorosos.

Na prôa resonante  
Eu me assentava mudo,  
E aspirava ancioso  
O vento frio e agudo ;

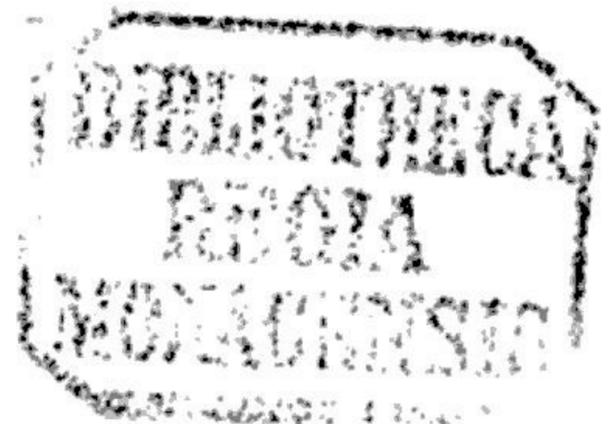
Porque em meu sangue ardia  
A febre da saudade,  
Febre que só minora  
Sopro de tempestade ;

Mas que se irrita, e dura  
Quando é tranquillo o mar ;  
Quando da patria o ceu  
Ceu puro vem lembrar ;

Quando, no extremo occaso,  
A nuvem vaporosa,  
À frouxa luz da tarde,  
Na côr imita a rosa ;

Quando, do sol vermelho  
O disco ardente cresce,  
E paira sobre as aguas,  
E emfim desaparece ;

Quando no mar se estende  
Manto de negro dó ;  
Quando, ao quebrar do vento,  
Noite e silencio é só ;



Quando sussurram meigas  
Ondas que a nau separa,  
E a rapida ardentia  
Em tórno a sombra aclara.

## II.

Eu já ouvi, de noite,  
No pinheiral fechado,  
Um fremito soturno  
Passando o vento irado :

Assim o murmurio  
Do mar, fervendo á prôa,  
Com o gemer do afflicto,  
Sumido, accorde sôa :

E o scintillar das aguas  
Gera amargura e dor,  
Qual lampada, que pende  
No templo do Senhor,

Lá pela madrugada,  
Se o oleo lhe escacêa,  
E a espaços expirando,  
Affrouxa e bruxulêa.

## III.

Bem abundante messe  
De pranto e de saudade  
O foragido errante  
Colhe na soledade!

Para o que a patria perde  
É o universo mudo;  
Nada lhe rí na vida;  
Mora o fastio em tudo;

No meio das procellas,  
Na calma do oceano,  
No sopro do galerno,  
Que enfuna o largo panno,

E no entestar co' a terra  
Por abrigado esteiro,  
E no pousar á sombra  
Do tecto do estrangeiro.

## IV.

E essas memórias tristes  
Minha alma laceraram,  
E a senda da existencia  
Bem agra me tornaram :

Porém nem sempre ferreo  
Foi meu destino escuro ;  
Sulcou de luz um raio  
As trévas do futuro.

Do meu paiz querido  
A praia ainda beijei,  
E o velho e amigo cedro  
No valle ainda abracei !

Nesta alma regelada  
Surgiu ainda o goso,  
E um sonho lhe sorriu  
Fugaz, mas amoroso.

Oh, foi sonho da infancia  
Desse momento o sonho !  
Paz e esperanza vinham  
Ao coração tristonho.

Mas o sonhar que monta,  
Se passa, e não conforta?  
Minh' alma deu em terra,  
Como se fosse morta.

Foi a esperança nuvem,  
Que o vento some á tarde :  
Facho de guerra acceso  
Em labaredas arde !

Do fratricidio a luva  
Irmão a irmão lançára,  
E o grito : *ai do vencido !*  
Nos montes retumbára.

As armas se hão cruzado :  
O pó mordeu o forte ;  
Caiu : dorme tranquillo :  
Deu-lhe repouso a morte.

Ao menos, nestes campos  
Sepulchro conquistou,  
E o adro dos estranhos  
Seus ossos não guardou.

Elle herdará, ao menos,  
Aos seus honrado nome ;  
Paga de curta vida  
Ser-lhe-ha largo renome.

## V.

E a bala sibilando,  
E o trom da artilharia,  
E a tuba clamorosa,  
Que os peitos accendia,

E as ameaças torvas,  
E os gritos de furor,  
E desses, que expiravam,  
Som cavo de estertor,

E as pragas do vencido,  
Do vencedor o insulto,  
E a pallidez do morto,  
Nú, sanguento, insepulto,

Eram um cháos de dores  
Em convulsão horrivel,  
Sonho de accessa febre,  
Scena tremenda e incrivel!

E suspirei : nos olhos  
Me borbulhava o pranto,  
E a dor, que trasbordava,  
Pedi-me infernal canto.

Oh, sim ! maldisse o instante,  
Em que buscar viera,  
Por entre as tempestades,  
A terra em que nascêra.

Que é, em fraternas lides,  
Um canto de victoria?  
É delirar maldicto ;  
É triumphar sem gloria.

Maldicto era o triumpho,  
Que rodeava o horror,  
Que me tingia tudo  
De sanguinosa côr !

Então olhei saudoso  
Para o sonoro mar ;  
Da nau do vagabundo  
Meigo me ri o arfar.

De desespero um brado  
Soltou, ímpio, o poeta.  
Perdão ! Chegára o misero  
Da desventura á meta.

## VI.

Terra infame ! — de servos aprisco,  
Mais chamar-me teu filho não sei :  
Desterrado, mendigo serei ;  
De outra terra meus ossos serão !

Mas a escravo, que pugna por ferros,  
Que herdará deshonorada memoria,  
Renegando da terra sem gloria,  
Nunca mais darei nome de irmão !

Onde é livre tem patria o poeta,  
Que ao exilio condemna ímpia sorte.  
Sobre os plainos gelados do norte  
Luz do sol tambem desce do ceu ;

Tambem lá se erguem montes, e o prado  
De boninas, em maio, se veste ;  
Tambem lá se menêa o cypreste  
Sobre o corpo que á terra desceu.

Que me importa o loureiro da encosta?  
Que me importa da fonte o ruído?  
Que me importa o saudoso gemido  
Da rollinha sedenta de amor?

Que me importam outeiros cubertos  
Da verdura da vinha, no estio?  
Que me importa o remanso do rio,  
E, na calma, da selva o frescor?

Que me importa o perfume dos campos,  
Quando passa de tarde a bafagem,  
Que se embebe, na sua passagem,  
Na fragrancia da rosa e alelí?

Que me importa? Pergunta insensata!  
É meu berço: a minha alma está lá...  
Que me importa... Esta bôcca o dirá?!  
Minha patria, estou louco... mentí!

Eia, servos! O ferro se cruze,  
Assobie o pelouro nos ares;  
Estes campos convertam-se em mares,  
Onde o sangue se possa beber!

Larga a valla ! que, após a peleja,  
Todos nós dormiremos unidos !  
Lá, vingados, e do odio esquecidos,  
Paz faremos . . . depois do morrer !

## VII.

Assim, entre amarguras,  
Me delirava a mente ;  
E o sol ia fugindo  
No termo do occidente.

E os fortes lá jaziam  
Co' a face ao ceu voltada ;  
Sorria a noite aos mortos,  
Passando socegada.

Porém, a noite delles  
Não era a que passava !  
Na eternidade a sua  
Corria, e não findava.

Contrarios ainda ha pouco,  
Irmãos emfim lá eram !  
O seu thesouro de odio,  
Mordendo o pó, cederam.

No limiar da morte,  
Assim tudo fenece :  
Inimizades calam,  
E até o amor esquece !

Meus dias rodeados  
Foram de amor outr'ora ;  
E nem um vão suspiro  
Terei, morrendo, agora,

Nem o apertar da dextra  
Ao desprender da vida,  
Nem lagryma fraterna  
Sobre a feral jazida !

Meu derradeiro alento  
Não colherão os meus.  
Por minha alma atterrada  
Quem pedirá a Deus ?

Ninguém ! Aos pés o servo  
Meus restos calcará,  
E o riso ímpio, odiento,  
Mofando soltará.

O sino luctuoso  
Não lembrará meu fim :  
Preces, que o morto affagam,  
Não se erguerão por mim !

O filho dos desertos,  
O lobo carniceiro  
Ha-de escutar alegre  
Meu grito derradeiro !

Oh morte, o somno teu  
Só é somno mais largo :  
Porém, na juventude,  
É o dormi-lo amargo ;

Quando na vida nasce  
Essa mimosa flor,  
Como a cecem suave,  
Delicioso amor ;

Quando a mente accendida  
Crê na ventura e gloria ;  
Quando o presente é tudo,  
E inda nada a memoria !

Deixar a cara vida,  
Então, é doloroso,  
E o moribundo á terra  
Lança um olhar saudoso.

A taça da existencia  
No fundo fézes tem ;  
Mas os primeiros tragos  
Doces, bem doces, vem.

E eu morrerei agora  
Sem abraçar os meus,  
Sem jubiloso um hymno  
Alevantar aos ceus?

Morrer, morrer, que importa?  
Final suspiro, ouvi-lo  
Ha-de a patria. Na terra  
Irei dormir tranquillo.

Dormir? Só dorme o frio  
Cadaver, que não sente ;  
A alma vóa a abrigar-se  
Aos pés do Omnipotente.

Reclinar-me-hei á sombra  
Do amplo perdão do Eterno ;  
Que não conheço o crime,  
E erros não pune o inferno.

E vós, entes queridos,  
Entes que tanto amei,  
Dando-vos liberdade  
Contente acabarei.

Por mim livres chorar  
Vós podereis um dia,  
E ás cinzas do soldado  
Erguer memoria pia.

## A VICTORIA E A PIEDADE.

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos  
Nos paços dos senhores ;  
Eu jámais consagrei hymno mentido  
Da terra aos oppressores.  
Mal haja o trovador que vae sentar-se  
À porta do abastado,  
O qual com ouro paga a propria infamia,  
Louvor que foi comprado.  
Deshonra áquelle, que ao poder e ao ouro  
Prostitue o alaúde !  
Deus á poesia deu por alvo a patria,  
Deu a gloria e a virtude.

Feliz ou infeliz, triste ou contente,  
Livre o poeta seja,  
E em hymno isento a inspiração transforme,  
Que na sua alma adeja.

## II.

No despontar da vida, do infortunio  
Murchou-me o sopro ardente ;  
E saudades curtí em longes terras  
Da minha terra ausente.  
O solo do desterro, ai, quanto ingrato  
É para o foragido,  
Ennevoado o ceu, arido o prado,  
O rio adormecido !  
Eu lá chorei, na idade da esperança,  
Da patria a dura sorte :  
Esta alma encaneceu ; e antes de tempo  
Ergueu hymnos á morte :  
Que a morte é para o misero risonha,  
Sancta da campa a imagem . . .  
Alli é que se afferra o porto amigo,  
Depois de ardua viagem.

Mas quando o pranto me sulcava as faces,

Pranto de atroz saudade,

Deus escutou do vagabundo as preces,

Delle teve piedade.

« Armas ! » — bradaram no desterro os fortes,

Como bradar de um só :

Erguem-se, voam, cingem ferros ; cinge-os

Indissolúvel nó.

Com seus irmãos as sacrosanctas juras,

Beijando a cruz da espada,

Repetiu o poeta : — « Eia, partamos !

Ao mar ! » — Partia a armada.

Pelas ondas azues correndo afoutos,

As praias demandámos

Do velho Portugal, e o balsão negro

Da guerra despregámos ;

De guerra em que era infamia o ser piedoso,

Nobresa o ser cruel,

E em que o golpe mortal descia involto

Das maldicções no fel.

#### IV.

Fanatismo brutal, odio fraterno,

De fogo ceus toldados,

8

A fome, a peste, o mar avaro, as turbas  
De innumerados soldados;  
Comprar com o sangue o pão, com sangue o lume  
Em regelado inverno;  
Eis contra o que, por dias de amargura,  
Nos fez lutar o inferno.  
Mas de fera victoria, enfim, colhemos  
A c'roa de cypreste;  
Que a fronte ao vencedor em ímpia lucta  
Só essa c'roa veste.  
Como ella torvo soltarei um hymno  
Depois do triumphar.  
Oh meus irmãos, da embriaguez da guerra  
Bem triste é o acordar!  
Nessa alta encosta sobranceira aos campos,  
De sangue ainda impuros,  
Onde o canhão troou por mais de um anno  
Contra invenciyeis muros,  
Eu, tomando o alaúde, irei sentar-me;  
Pedir inspirações  
À noite queda, ao genio que me ensina  
Segredos das canções.

## V.

Reina em silencio a lua : o mar não brame,  
Os ventos nem bafejam ;  
Rasas co' a terra, só nocturnas aves  
Em gyros mil adejam.  
No plaino pardacento, juncto ao marco  
Tombado, ou rota sebe,  
Aqui e alli, de ossadas insepultas  
O alvejar se percebe.  
É que essa veiga, tão festiva outr'ora,  
Da paz tranquillo imperio,  
Onde ao carvalho a vide se enlaçava,  
É hoje um cemiterio !

## VI.

Eis de esforçados mil inglorios restos,  
Depois de brava lida ;  
De longo combater atroz memento  
Em guerra fratricida.  
Nenhum padrão recordará aos homens  
Seus feitos derradeiros :  
Nem dirá : « aqui dormem portuguezes ;  
Aqui dormem guerreiros. »

\*

Nem um padrão, que peça aos que passarem  
Resa fervente e pia,  
E juncto ao qual entes queridos vertam  
O pranto de agonia!  
Nem hasteada cruz, consolo ao morto;  
Nem lagea que os proteja  
Do ardente sol, da noite humida e fria,  
Que passa e que roreja!  
Não! Lá hão-de jazer no esquecimento  
De deshonrada morte,  
Emquanto, pelo tempo em pó desfeitos,  
Não os dispersa o norte.

## VII.

Quem, pois, consolará gementes sombras,  
Que ondeam juncto a mim?  
Quem seu perdão da Pátria implorar ousa,  
Seu perdão de Elohím?  
Eu, o christão, o trovador do exílio,  
Contrario em guerra crua,  
Mas que não sei verter o fel da affronta  
Sobre uma ossada nua.

## VIII.

O misero pastor desceu dos montes,  
Abandonando o gado,  
Para as armas vestir, dos ceus em nome,  
Por phariseus chamado.  
De um Deus de paz hypocritas ministros  
Os tristes enganaram :  
Foram elles, não nós, que estas caveiras  
Aos vermes consagraram.  
Maldicto sejas tu, monstro do inferno,  
Que do Senhor no templo,  
Juncto da eterna cruz, ao crime incitas,  
Dás do furor o exemplo !  
Sobre as cinzas da Patria, impio pensaste  
Folgar de nosso mal,  
E, entre as ruinas de cidade illustre,  
Soltar riso infernal.  
Tu, no teu coração insipiente,  
Disseste : « Deus não ha ! »  
Elle existe, malvado ; e nós vencemos :  
Treme ; que tempo é já !

## IX.

Mas esses, cujos ossos espalhados  
No campo da peleja  
Jazem, exoram a piedade nossa ;  
Piedoso o livre seja !  
Eu pedirei a paz dos inimigos,  
Mortos como valentes,  
Ao Deus nosso juiz, ao que distingue  
Culpados de innocentes.

## X.

Perdoou, expirando, o Filho do Homem  
Aos seus perseguidores :  
Perdão, tambem, ás cinzas de infelizes ;  
Perdão, oh vencedores !  
Não insulteis o morto. Elle ha comprado  
Bem caro o esquecimento,  
Vencido adormecendo em morte ignobil,  
Sem dobre ou monumento.  
É tempo d'esquecer odios profundos  
De guerra deploravel.  
O forte é generoso, e deixa ao fraco  
O ser inexoravel.

Oh, perdão para aquelle, a quem a morte  
    No seio agasalhou !  
Elle é mudo : pedi-lo já não póde ;  
    O dá-lo a nós deixou.  
Além do limiar da eternidade  
    O mundo não tem réus,  
O que legou á terra o pó da terra,  
    Julgá-lo cabe a Deus.  
E vós, meus companheiros, que não vistes  
    Nossa triste victoria,  
Não precisaes do trovador o canto ;  
    Vosso nome é da historia.

## XI.

Assim, foi do infeliz sobre a jazida  
    Que um hymno murmurei,  
E, do vencido consolando a sombra,  
    Por vós eu perdoei.

---



## A CRUZ MUTILADA.

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada  
De esplendidas igrejas ;  
Amo-te quando á noite, sobre a campa,  
Juncto ao cypreste alvejas ;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodêam ;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hastêam ;  
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
No adro do presbyterio,  
Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
Guias ao cemiterio ;  
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Núncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó :

Porém quando mais te amo,  
Oh cruz do meu Senhor,  
É se te encontro á tarde,  
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,  
Que o arvoredos assombra,  
Quando á luz que fenece  
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios  
Com o luar mistura,  
E o seu hymno da tarde  
O pinheiral murmura.



E eu te encontrei, n'um alcantil agreste,  
Meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas  
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua  
Detraz do calvo cerro. A soledade  
Não te pôde valer contra a mão ímpia,  
Que te feriu sem dó. As linhas puras  
De teu perfil, falhadas, tortuosas,  
Oh mutilada cruz, fallam de um crime  
Sacrilego e brutal; de mais, inutil!

A tua sombra estampa-se no solo,  
Como a sombra de antigo monumento,  
Que o tempo quasi derrocou, truncada.  
No pedestal musgoso, em que te ergueram  
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,  
Do presbyterio rustico mandava  
O sino os simples sons pelas quebradas  
Da cordilheira, annunciando o instante  
Da *Ave-Maria*; da oração singela,  
Mas solemne, mas saqueta, em que a voz do homem  
Se mistura nos canticos saudosos,  
Que a natureza envia ao ceu no extremo  
Raio de sol, passando fugitivo  
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste  
Liberdade e progresso, e que te paga  
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja  
Até, na solidão, o esquecimento!



Foi da sciencia incredula o sectario,  
Acaso, oh cruz da serra, o que na face  
Affrontas te gravou com mão profusa?  
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo  
Na miseria e na dôr constante has sido

Por bem dezoito seculos : foi esse  
Por cujo amor surgias qual remorso  
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,  
Bradando « *esmola!* » a um ; «  *piedade!* » ao outro.

Oh cruz, se desde o Golgotha não fôras  
Symbolo illustre de uma crença eterna ;  
Se a nossa fé em ti fosse mentida,  
Dos oppressos de outr'ora os livres netos  
Por sua ingratição dignos de opprobrio,  
Se não te amassem, ainda assim seriam.  
Mas és núncia do ceu, e elles te insultam,  
Esquecidos das lagrymas perennes  
Por trinta gerações, que guarda a campa,  
Vertidas a teus pés nos dias torvos  
Do seu viver d'escravidão ! Deslembam-se  
De que, se a paz domestica, a puresa  
Do leito conjugal bruta violencia  
Não vae contaminar, se a filha virgem  
Do humilde campones não é ludibrio  
Do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem ;  
Que por ti o cultor de ferteis campos  
Colhe tranquillo da fadiga o premio,  
Sem que a voz de um senhor, qual d'antes, dura  
Lhe diga : « é meu, e és meu ! A mim deleites,

« Liberdade, abundancia : a ti, escravo,  
« O trabalho, a miseria unido á terra,  
« Que o suor dessa fronte fertilisa,  
« Emquanto, em dia de furor ou tédio,  
« Não me apraz com teus restos fecunda-la. »

Quando calada a humanidade ouvia  
Este atroz blasphemar, tu te elevaste  
Lá do oriente, oh cruz, involta em gloria,  
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico :  
« Mentira ! » E o servo alevantou os olhos,  
Onde a esperança seintillava, a medo,  
E viu as faces do senhor retinctas  
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista  
Trépida, vaga. A cruz no ceu do oriente  
Da liberdade annunciára a vinda.



Cansado, o ancião guerreiro, que a existencia  
Desgastou no volver de cem combates,  
Ao ver que, emfim, o seu paiz querido  
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,  
Vem assentar-se á luz meiga da tarde,  
Na tarde do viver, juncto do teixo

Da montanha natal. Na fronte calva,  
Que o sol tostou e que enrugaram annos,  
Ha um como fulgor sereno e sancto.  
Da aldeia semideus, devem-lhe todos  
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.  
Ao perpassar do veterano os velhos  
A mão que os protegeu apertam gratos ;  
Com amorosa timidez os moços  
Saúdam-no qual pae. Nas largas noites  
Da gelada estação, sobre a lareira  
Nunca lhe falta o cepo incendiado ;  
Sobre a mesa frugal nunca, no estio,  
Refrigerante pomo. Assim do velho  
Pelejador os derradeiros dias  
Derivam para o tumulto suaves,  
Rodeados de affecto, e quando á terra  
A mão do tempo gastador o guia,  
Sobre a lousa a saudade ainda lhe esparze  
Flores, lagrymas, bençãos, que consolem  
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz ! Pelejaste mil combates,  
Os gigantes combates dos tyrannos,  
E venceste. No solo libertado,  
Que pediste ? Um retiro no deserto,

Um pincaro granítico, açoutado  
Pelas azas do vento e ennegrecido  
Por chuvas e por soes. Para ameigar-te  
Este ar humido e gelido a segure  
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio  
No ardor canicular nunca disseste :  
« Dáe-me, sequer, do bravo medronheiro  
« O despresado fructo ! » — O teu vestido  
Era o musgo, que tece a mão do inverno,  
E Deus creou para trajar as rochas.  
Filha do ceu, o ceu era o teu tecto,  
Teu escabelo o dorso da montanha.  
Tempo houve em que esses braços te adornava  
C'roa viçosa de gentís boninas,  
E o pedestal te rodeavam preces.  
Ficaste em breve só, e a voz humana  
Fez, pouco a pouco, juncto a ti silencio.  
Que te importava? As arvores da encosta  
Curvavam-se a saudar-te, e revoando  
As aves vinham circumdar-te de hymnos.  
Affagava-te o raio derradeiro,  
Frouxo do sol ao mergulhar nos mares.  
E esperavas o tumulto. O teu tumulto  
Devêra ser o seio destas serras,  
Quando, em génesis novo, á voz do Eterno,

Do orbe ao nucleo fervente, que as gerára,  
Ellas nas fauces dos volcões descessem.  
Então para essa campa flores, benções,  
Ou de saudade lagrymas vertidas,  
Qual do velho soldado a lousa pede,  
Não pedíras á ingrata raça humana,  
Ao pé de ti no seu sudario involta.



Este longo esperar do dia extremo,  
No esquecimento do ermo abandonada,  
Foi duro de soffrer aos teus remidos,  
Oh redemptora cruz. Eras, acaso,  
Como um remorso e accusação perenne  
No teu rochedo alpestre, onde te viam  
Pousar tristonha e só? Acaso, á noite,  
Quando a procella no pinhal rugia,  
Criam ouvir-te a voz accusadora  
Sobrelevar á voz da tempestade?  
Que lhes dizias tu? De Deus fallavas,  
E do seu Christo, do divino martyr,  
Que a ti, supplicio e affronta, a ti maldicta  
Ergueu, purificou, clamando ao servo,  
No seu trance final: « Ergue-te, escravo !

És livre, como é pura a cruz da infamia.  
Ella vil e tu vil, sanctos, sublimes  
Sereis ante meu Pae. Ergue-te, escravo!  
Abraça tua irman: segue-a sem susto  
No caminho dos seculos. Da terra  
Pertence-lhe o porvir, e o seu triumpho  
Trará da tua liberdade o dia.»

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,  
Ao perpassar, oh cruz! Pensam ouvir-te  
Nos rumores da noite, a antiga historia  
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes  
Que só ao Christo a liberdade devem,  
E que impio o povo ser é ser infame.  
Mutilado por elle, a pouco e pouco,  
Tu em fragmentos tombarás do cerro,  
Symbolo sacrosancto. Hão-de os humanos  
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.  
Da gratidão a divida não paga  
Ficará, oh tremenda accusadora,  
Sem que as faces lhes tinja a côr do pejo;  
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.  
Do Christo o nome passará na terra.



Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina  
Deixar de ser perenne testemunho.  
Da avíta crença, os montes, a espessura,  
O mar, a lua, o murmurar da fonte,  
Da natureza as vagas harmonias,  
Da cruz em nome, fallarão do Verbo.

Della no pedestal, então deserto,  
Do deserto no seio, ainda o poeta  
Virá, talvez, ao pôr do sol sentar-se;  
E a voz da selva lhe dirá que é sancto  
Este rochedo nú, e um hymno pio  
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cantico futuro uma toada  
Não sentes vir, oh cruz, de além dos tempos  
Da brisa do crepusculo nas azas?  
É o porvir que te proclama eterna;  
É a voz do poeta a saúdar-te.



Montanha do oriente,  
Que, sobre as nuvens elevando o cume,  
Divisas logo o sol, surgindo a aurora,

E que, lá no occidente,  
Ultima vês seu radioso lume,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas  
No promontorio nã e solitario,  
Como atalaia que o oceano explora,  
Alheio ás mil mudanças  
Que o mundo agitam turbulento e vario,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,  
Cuja sombra procura o viandante,  
Fugindo ao sol a prumo que o devora,  
Nesses dias ardentes  
Em que o Leão nos ceus passa radiante,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh mato variado,  
De rosmaninho e murta entretecido,  
De cujas tenues flores se evapora  
Aroma delicado,  
Quando és por leve aragem sacudido,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh mar, que vaes quebrando  
Rolo após rolo pela praia fria,  
E fremes som de paz consoladora,  
Dormenté murmurando  
Na caverna maritima sombria,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh lua silenciosa,  
Que em perpetuo volver, seguindo a terra,  
Esparzes tua luz ameigadora  
Pela serra formosa,  
E pelos lagos que em seu seio encerra,  
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato  
No pó te derribou  
E os restos te insultou,  
Oh veneranda cruz :

Embora eu te não veja  
Neste ermo pedestal ;  
És sancta, és immortal ;  
Tu és a minha luz !

Nas almas generosas  
Gravou-te a mão de Deus,  
E, á noite, fez nos ceus  
Teu vulto scintillar.

Os raios das estrellas  
Cruzam o seu fulgor ;  
Nas horas do furor  
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados  
Do roble, choupo e til,  
Cruzando em modos mil,  
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro  
Os braços, sóta um ai,  
Pára, vacilla, e cáe  
Para não mais se erguer.

Cruzado aperta ao seio  
A mãe o filho seu,  
Que busca, mal nasceu,  
Fontes da vida e amor.

Surges, symbolo eterno,  
No ceu, na terra e mar,  
Do forte no expirar,  
E do viver no alvor!

**LIVRO SEGUNDO**

**POESIAS VARIAS.**



## A PERDA D'ARZILLA.

(1549).

**E**RA noite : do ceu limpo e sereno  
Milhões d'estrellas trémulas pendiam,  
Quaes as nocturnas lampadas d'um templo,  
E as ribas ermas sussurrar se ouviam.  
D'alterosa galé o negro vulto  
Corta ao largo, bem largo, o mar do Algarve,  
E lá nas serras d'Africa fronteiras  
Branqueja a espaços o albornoz do alarve.

Como tocheiros com brandões accesos,  
De um féretro ao redor,

Cuja vermelha luz o horror da morte  
Só faz sentir melhor,  
Taes as nocturnas almenáras fulgem  
Nas torres d'atalaia,  
Pelos outeiros, que circumdam muros  
De povoação na praia.



Arzilla, a guerreira,  
Lá jaz na afflicção,  
Que a rendeu aos mouros  
Elrei dom João.

Tomar-te-ha Deus contas,  
Rei fraco e prasmado,  
De tão grande villa,  
De teu grão peccado.

Maldiz-te nos mares  
Valente fronteiro,  
Que na sé de Ceuta  
Se armou cavalleiro ;

Que dez aduares  
Em Tanger queimou,  
E em muros d'Alcacer  
Dez elches matou ;

Que era hoje d'Arzilla  
Temido adal, .  
E a quem tu mandaste  
Fugir como vil.



Vêde-o lá na gavia  
Da negra galé,  
De braços cruzados,  
Immovel, em pé ;  
E a náu que arfa e voa  
Na fremente via,  
Ferindo na esteira  
Fugaz ardentia ;  
E d'Africa as praias,  
Que a ré vão fugindo,  
E as vagas, que rolam,  
Distantes mugindo.  
Em roda, o silencio :  
No ceu, noite escura :  
E o peito do triste  
Confrange a amargura.



**Do veterano as faces**

**O salso pranto réga :**

**Nos africanos montes**

**Saudoso os olhos prega.**

**Sente no seio as ancias**

**D'incomportavel dor ;**

**E ás vezes range os dentes**

**Em trances de furor.**

**Um cantico á su' alma**

**A indignação inspira :**

**Vae sussurra-lo ao longe**

**Aura que branda espira.**

### **O CANTO DO ADAÍL.**

**Quando, ao longe, nos campos d'Arzilla,**

**Alvejava do mouro o albornoz,**

**E corria, e corria veloz**

**O ginete de Bellamarim ;**

**Quando o esculca, saído da villa**

**Da manhã ao primeiro fulgor,**

**Não podendo a atalaia transpôr,**

**Vinha ás portas bater de Çafim ;**

Quando em Tanger, a forte, se ouvia  
De armaduras contínuo tinir,  
E nos ares se via luzir

O montante, a acha d'armas, e o criz;

Quando em Ceuta vencida se erguia  
Sobre o alcacer pendão portuguez,  
Contra o qual na mesquita de Fez  
A gazúa prégava o caciz;

Quando Alcacer-Ceguer, a viçosa,  
Que em vergeis se reclina gentil,  
Pela noite fragrante d'abril

D'entre os robles sorria ao luar;

Porque, rico de presa formosa,  
Já voltou nobre alcaide christão,  
E inda ao longe de incendio o clarão  
Tinge o ceu sobre um triste aduar:

Nossa estrella era então esplendente;  
Nosso nome era um som de terror;  
Nossos paes conduzia o Senhor,  
Qual Judá d'entre a sarça do Horeb.

Portugal, oh leão do occidente,  
Tu rugias á beira do mar,  
E o teu grito cá vinha troar  
Temeroso no ardente Moghreb:

“ Era o tempo dos crentes e ousados :  
Era o tempo da gloria da cruz !  
Ora contam-se as páreas d'Ormuz ;  
Tem só nome Cochim, Calecut !

E esses muros d'Arzilla, regados  
Com o sangue de martyres mil,  
Ermos hoje tu deixas, rei vil,  
Porque o Estreito passou Rais Dragut !

Oh valentes da India, do oceano,  
Roncadores de féros no mar,  
Cuja espada, porém, faiscar  
Não sabe inda do mouro no arnez,

Mostrar vinde o valor sobre-humano  
Neste clima de sol mirrador !  
Aqui fama se compra com dôr :  
Facil gloria esquecei uma vez.

As galés do arrais mouro são fortes ;  
Sua chusma berbers de Takrur ;  
Como o vosso rei indio, Badur,  
Não ha-de elle acabar á traição.

Uma festa de sangue e de mortes  
Do occidente nas vagas tereis ;  
Elmos rijos aqui achareis,  
Não o craneo d'inerme sultão !

Mercadores ! — deixae vosso cravo,  
A canella, a pimenta, o marfi ;  
Os vestidos de seda despí ;  
Ponde, em vez de collar, um gorjal.

Vella e remo soltae no mar bravo ;  
Vinde juncto de nós combater ;  
Nós que Arzilla deixámos perder,  
Porque elrei . . . é um rei desleal.

Para nós os castellos d'avante ;  
Para nós a arrombada, e bailéu ;  
Para nós pelejar ante o ceu,  
Que nos campos d'Arzilla nos viu :

Para nós o machado e montante ;  
Para vós a bombardas e arcabuz ;  
Para nós, ao cair, ver a luz ;  
Ver a mão que estes peitos feriu :

Para nós o tombar derradeiro  
Sobre o ferreo esporão das galés ;  
O pelouro, de sob o convés,  
Cá de longe enviar . . . para vós !

O sudario do morto frenteiro  
Alva escuma da prôa será ;  
E em seus labios — *Arzilla!* — ouvirá  
Quem ouvir sua ultima voz.



E elles, os fortes d'Asia, não vieram  
Do cavalleiro d'Africa ao chamar;  
E a náu d'elrei ao infamado Tejo

Veio aportar:

E o adaíl depoz as armas rotas,

Não no espaldar;

Que nunca o bom fronteiro viram mouros

Costas voltar.



E tomando o bordão de peregrino,

Foi-se á Batalha, que é mosteiro pobre

De dominicos,

Frades mui sanctos, que os judeus queimavam,

Porque eram ricos.

No meio desses tumulos, que encerram

Os despojos mortaes dos reis que foram,

Féretro antigo

O adaíl procurou. De um rei soldado

Era o jazigo.

Quando o viu, ajoelhou nos degraus d'elle,

E palavras, que as lagrymas cortavam,

Lhe dirigiu:

Maldicção para quem pedia ao morto ;

Mas nada ouviu !

Então, lívido o rosto, os labios brancos,

A fronte lhe pendeu sobre o ataúde

Do rei extinto.

Expirára ao dizer — *perdeu-se Arzilla!* —

A Affonso Quinto.



## A ROSA.

Pura em sua innocencia,  
Entre a sarça espinhosa,  
Purpurea esplende, inda botão intacto;  
Na madrugada a rosa.

É da campina a virgem  
A pudibunda flor;  
Em seus effluvios matutina brisa  
Bebe o primeiro amor.

O sol inunda as veigas;  
Calou-se o rouxinol;  
E a flor ebria de gloria, á luz fervente,  
Desabrochou-a o sol.

★

O sópro matutino  
No seio seu pousára :  
Prostituida á luz, fugiu-lhe a brisa,  
Que a linda rosa amára.

Bella se ostenta um dia ;  
Saúdam-na as pastoras ;  
Dão-lhe mil beijos, gorgendo, as aves ;  
Voam do goso as horas.

Lá vem chegando a noite,  
E ella empallideceu :  
Incessante prazer mirrou-lhe a seiva ;  
A rosa emmurcheceu.

Desce o tufão dos montes,  
Os matos sacudindo ;  
Desfallecida a flor desprende as folhas,  
Que o vento vae sumindo.

Onde estará a rosa,  
Do prado a bella filha ?  
O tufão, que espalhou seus frageis restos,  
Passou : não deixou trilha.

Da sarça a flor virente  
Nasceu, gosou, e é morta :  
E a qual desses amantes de um momento  
Seu fado escuro importa ?

Nenhum, nenhum por ella  
Gemeu saudoso á tarde ;  
Não ha quem juncte as derramadas folhas,  
Quem amoroso as guarde.

Só da manhã o sôpro,  
Passando no outro dia,  
Da rosa, que adorou, quando a innocencia  
Em seu botão sorria,

Juncto do tronco humilde  
O curso demorando,  
Veio depositar perdão, saudade,  
Queixoso sussurrando.

De quantas és a imagem,  
Oh desgraçada flor !  
Quantos perdões sobre um sepulchro abjecto  
Tem murmurado o amor !

---



## O MENDIGO.

### I.

O sol passa nos ceus : — sob o carvalho,  
Por cujos troncos se pendura a vide,  
Cego ancião,  
Mirrada dextra supplice estendendo,  
Ao passageiro, que o despreza, implora  
Do opprobrio o pão.

Ninguém o escuta, o dia foge, e a noite  
Involve a luz no manto impenetravel :  
E elle chorou :  
E em seus andrajos para choça alpestre,  
Sem se queixar de Deus, tardios passos  
Encaminhou :

Mas antes que chegasse ao pobre alvergue,  
Do presbyterio o sino harmonioso  
Soar ouvia,  
Que, despedindo em roda os sons passados,  
Convidava os fiéis a erguer as preces  
Da Ave-Maria,

À cruz do adro relvoso as mãos mirradas  
O velho ergueu, e ao ceu inuteis olhos,  
E uma oração,  
A oração do infeliz, que Deus só ouve  
Quando o desdenha o mundo e ludibría  
Sua afflicção.

Para o velho a existencia é solitária,  
Bem como a fonte que esgotou o estio,  
Onde os pastores  
Vinhão a saciar o manso gado ;  
Onde contavam penas e prazeres  
Dos seus amores.

A alampada na igreja triste e muda  
Bruxuleava seu clarão, pendendo  
Ante o altar-mór :  
Como o templo, o porvir era do velho



Cheio de sustos ; muda como o templo  
Era a sua dor.

Resou, resou, e os olhos se enxugaram :  
O orar fervente as lagrymas enxuga,  
Qual prado o léste.

Deus o inspirou ; speranza é filha sua,  
Doce esperanza que os mortaes só deixa  
Sob o cypreste.

Voltou á choça, e a macilenta fome,  
Sem gemer, supportou sobre o seu leito,  
Que é quasi a terra ;  
E, confiado em Deus, entre as angustias  
Do mal, menos crueis que as do remorso,  
Os olhos cerra.

## II.

Restruge o mar cavado ; o vento zune  
Pelos mastros da náu ; colhido o panno  
Das vergas pende :  
Brinco das vagas, o baixel arfando  
Fluctua incerto, e dos bulcões guiado  
Os mares fende.

Correndo arvore secca avulta ao longe,  
 Como alma em pena vagueando á noite  
     Em seu fadario ;  
 E pelas trévas branquejando a escuma,  
 Que da prôa espadana, imita as pregas  
     D'alvo sudario.

Involto no gibão amplo e felpudo,  
 Rude piloto ao leme trabalhoso  
     Véla encostado ;  
 Que, se não mentem calculos, o porto  
 Proximo está, dos lassos navegantes  
     Tão suspirado.

### III.

O vento vai quebrando, e já raream  
 Grossos montões de acastelladas nuvens :  
     Diurno alvor  
 Traça no ceu d'Oriente um risco immenso,  
 Que reflecte no mar, que veste, ao largo,  
     Cerulea côr.

Surge o sol radioso e inunda as vagas,  
 Que se acalmam, nivelam-se : o horisonte

Mais amplo é já :  
Cava aragem ligeira a larga véla,  
E do cesto o gageiro clama : « terra !  
Ei-la acolá ! »

Como deslisa o goso nos semblantes  
Por entre as rugas do terror passado !  
Como é formosa  
Essa pallida praia, e esses rochedos,  
E lá no extremo os pincaros da serra  
Erma e saudosa !

De índicas mérces, de ouro carregada  
Aprôa á terra, com ceieuma alegre,  
A náu pujante ;  
E pelo verde mar do porto amigo  
Abrindo a esteira, restitue á patria  
O navegante.

## IV.

É meia noite : — os gallos pela aldeia  
Dizem que um dia mais desceu ao nada  
E que outro vem,  
Para dar luz a dores e alegrias

E depois nos abysmos do passado  
Caír tambem.

E o mendigo da aldeia, o velho cego,  
Sobre o duro grabato, em choça humilde,  
Achou a paz.

Em sonhos via um filho : a longes terras  
A miseria o levou : mudada sorte  
Feliz o traz.

Quantas vezes presaga a mente do homem  
Véla como um propheta, em quanto o somno.  
Seus membros prende ;  
E como, em trevas de amargosos dias,  
No porvir uma luz, prevista em sonhos,  
Grata se accende !

## V.

Nos gonzos ferrugentos range a porta  
Do tugurio do pobre adormecido,  
E descuidado ;  
Que do mendigo o umbral patente é sempre,  
Nem carece de estar, como o do rico,  
Aferrolhado.

O bom do velho ao sobresalto acorda,  
E as lagrymas de alguém banham-lhe a face,  
E o pranto é mudo ;  
Mas breve um grito, e o soluçar, e os beijos,  
E o sonho que passou, e a voz do sangue  
Lhe dizem tudo.

Não mais sob o carvalho ao velho honrado  
Esmoladora mão o peregrino  
Estenderá :  
Meigos lhe sorrirão extremos dias,  
E as suas cinzas filial gemido  
Consolará.

---



## **O BOM PÊSCADOR:**

**O sol rubro, em leito  
De nuvens descendo,  
Trememente, crescendo,  
No mar se ia a pôr.**

**Sentado no barco,  
Que a onda emballava,  
Scismando cantava  
O bom pescador.**

**A paz da sua alma  
No olhar exprimia,  
E a voz traduzia  
Scismar do cantor :**

E o canto sereno  
Levava-lhe a brisa,  
Que á tarde deslisa  
Com meigo frescor.



« Acabem de todo  
No prado as boninas,  
E em vastas campinas  
Não surja uma flor :

Que o teixo se dispa  
Da folha viçosa,  
E o Tejo em lodosa  
Mude esta azul côr :

O vento gelado  
Só reine e as procellas ;  
Das vivas estrellas  
Se apague o fulgor :

O sol radioso  
Em nuvens se envolva,  
E á terra não volva  
Seu grato calor ;

Que do horrído inverno,  
Comtigo, oh serrana,  
Na minha choupana  
Rirei do furor !

Não pensa se as veigas  
Se vestem de relva,  
Se está núa a selva  
Do lindo verdor ;

Nem ouve os rugidos  
Do vento inquieto  
Quem, sob o seu tecto,  
Se abriga no amor.

Nascí, eduquei-me  
N'um mundo mais nobre,  
Agora sou pobre,  
Sou um pescador.

Às bordas do abysmo  
Chegou-me a ventura ;  
Medí delle a altura,  
Descí sem pavor.

Co' a dita se enlaça  
Humilde existencia,  
Se do homem a essencia  
O orgulho não fôr.

Emquanto de paços,  
De fertes devesas,  
Emfim, de riquezas  
Eu pude dispôr,

O somno tranquillo  
A mim não descia,  
Que o ferro temia  
Do vil salteador.

Na minha alma, immersa  
Em noite e amargura,  
Pesava bem dura  
A mão do Senhor!

Agora misturo  
Do rude oceano  
Nas vagas, ufano,  
O honrado suor;

Agora sereno  
Vem dia após dia,  
E a noite sombria  
Não cerca o temor;

Porque entre teus braços,  
Esposa querida,  
Me esqueço da lida  
Do mar bramidor.

Da vida no sonho  
Que importa vil ouro,  
Se tu és thesouro  
Perpetuo de amor;

Se ainda em teus labios,  
Oh cara consorte,  
Virá doce a morte  
Minha alma depôr?

Nas ribas fragosas,  
Que os ventos castigam,  
E as ondas fustigam  
Com longo fragor,

\*

Ao pé da ermídirha,  
Nesse adro tão só,  
Envoltos no pó,  
Sem goso, sem dôr,

Tranquillos, obscuros,  
Privados de luz,  
À sombra da cruz  
Do Deus redemptor,

De ti só lembrados,  
Em triste oração,  
Os restos serão  
Do teu pescador.»

---

# TRISTEZAS DO DESTERRO.

(FRAGMENTOS)

Erit tristis et moerens.

ISAIAS.

## I.

Terra cara da patria, eu te hei saudado  
D'entre as dores do exilio. Pelas ondas  
Do irrequieto mar mandei-te o choro  
Da saudade longinqua. Sobre as aguas,  
Que de Albion nas ribas escabrosas  
Vem marulhando branquear de escuma  
A negra rocha em promontorio erguido,  
D'onde o insulano audaz contempla o immenso

Imperio seu, o abysmo, aos olhos turvos  
Não sentida uma lagryma fugiu-me,  
E devorou-a o mar. A vaga incerta,  
Que róla livre, peregrina eterna,  
Mais que os homens piedosa, irá depô-la,  
Minha terra natal, nas praias tuas.  
Essa lagryma acceita : é quanto póde  
Do desterro enviar-te um pobre filho.

No silencio da noite, em solo estranho,  
Patria minha gentil, em ti pensando,  
Para os astros de Deus olhei : fulgiam,  
Neste ceu achatado, tristemente  
Com luz mortiça e pallida, não ricos  
De inspiração e amor, quaes lá refulgem.  
Pela sombra amenissima, que chama  
Do affastado oriente o sol no occaso,  
No teu profundo ceu has-de tu vê-los :  
Do desterrado filho os votos levam :  
Acceita-os delles, desgraçada patria !

Já se acercava o tenebroso inverno :  
Vinha fugindo a rapida andorinha,  
Para um abrigo te ir pedir, oh patria,  
Em cujos valles nunca alveja a neve :

Juncto de mim passou : em suas azas  
Tambem mandei o filial suspiro.

Pelo dorso das vagas rugidoras  
Eu corri de além mar para estas plagas.  
Pelas antenas, em nublada noite,  
Ouví o vento sul que assobiava,  
E de ouvi-lo folguei. Da patria vinha :  
Seu rijo sôpro refrescou-me as veias.

.....

II.

Que ferreo coração esquece a terra,  
Que lhe escudou os infantís vagidos,  
E lhe bebeu as lagrymas primeiras,  
Preludio a tantas que no curto espaço  
Da vida ha-de verter? Quem, nunca, esquece  
O tecto paternal, embora adeje .  
Ao redor d'elle o medo de tyrannos?  
Quem não deseja misturar, na morte,  
Com a gleba nativa o pó de extincto,  
E murmurar seu ultimo suspiro  
Alli, onde primeiro a luz diurna  
O allumiou na rapida passagem  
Entre o nada e o morrer, chamada a vida?

Ai, que és tu existencia?! Um pesadelo,  
Um sonho mau, de que se acorda em trévas,  
Na valla dos cadaveres, em meio  
Da unica herança que pertence ao homem,  
Um sudario e o perpetuo esquecimento.  
A infancia é dormir placido : inquieta  
A mocidade é, já ; mas entre dores  
Vem o amar e esperar, e a crença ardente,  
E affectos sanctos consolar quem dorme :  
Pouco a pouco, porém, sobre a jazida  
Do sonhador, do mal se assenta o anjo,  
E as imagens ridentes da ventura  
Co' as negras asas dispersando ao longe,  
Com duro pé o coração lhe opprime.  
Oh, no grabato meu bem cedo esse anjo  
Veio assentar-se, e o juvenil enleio  
De affectos puros em dormir sereno  
Affugentou de mim. Vagueei nos mares,  
Peregrinei na terra : em toda a parte  
O pé maldicto me esmagou o peito,  
E da patria a saudade, em sonho triste,  
Immovel, do viver me tece a noite.

.....

## III.

Solidão, solidão, quem diz que existes  
Onde não soa tumultuar das turbas  
Mentiu-te a essencia ! Solidão e morte  
São uma idéa só ; um pensamento  
Doloroso, indistincto. Oh, dae-me um valle.  
Onde haja o sol da minha patria, e a brisa  
Matutina e da tarde, e a vinha e o cedro,  
E a lorangeira em flor, e as harmonias  
Que a natureza em vozes mil murmura  
Na terra em que eu nascí, embora falte  
No concerto immortal a voz humana.  
Que um ermo assim povoará meus dias.  
Mas aqui ! . . . Que me importa o murmúrio  
Dos que passam ? Que vale essa campina  
Humida e verde, e no gelado pégo  
Um turvo sol a refranger sem vida ?  
É o desterro solidão e morte  
Para o poeta : embora estranha lingua  
Lhe revele o pensar, o íntimo verbo  
Que em ar vibrado traduziram labios,  
Se o ceu, o til, o arroio, o prado, a selva  
Não tem para lhe dar um pensamento

De poesia e de amor?

Não! Tudo é pallido,  
Tudo é morto e sósinho e silencioso  
Como um sepulchro e um cemiterio!

E ainda  
Campas e adros inspiram, quando hi dormem  
Nossos irmãos e paes, porque tem lagrymas  
Que desopprimem a alma; tem memorias,  
Tem uma cruz em tôrno á qual sussurram  
Preces, que alli vamos guardar, qual guarda  
O avaro em ferreo cofre os seus thesouros,  
Para os contar hoje, ámanhan e sempre  
Emquanto vivo for.

E cá? O engenho  
Nem crê, nem sente bafejar-lhe um canto  
O crepusculo, a lua, a aragem fresca,  
O arrebol da manhan, ou ceu sereno  
Por noite escura recamado de astros.

Harpa meridional, porque, no extremo  
Da terra patria, o trovador errante  
Não deixaste partir só com seus males?  
Porque vieste, oh filha do occidente,  
Cruzando os mares embrenhar-te em nevoas  
De ceu septentrional? Tu, pobresinha,

Se, hoje, pendente em tronco de pinheiro,  
Sem haver mão que te vibrasse as cordas,  
Jazesses esquecida, ainda soáras  
Com incerta harmonia. Às horas meigas  
Em que o dia se esvae, placida a brisa,  
Que espira do oceano e encrespa as vagas,  
Passaria por ti, e te agitára,  
E murmuráras som que respondêra  
Trémulo, fraco, á flauta dos pastores  
Sussurrando suave entre as quebradas  
Da montanha selvosa. E aqui? És muda;  
És muda, que essas cordas carcomiu-t'as.  
Este ar gelido e turvo, e qual o engenho  
De teu dono, no viço da existencia,  
Envelheceu, envelheceste, oh harpa!

.....

## IV.

Berço do meu nascer, solo querido,  
Onde crescí e amei e fui ditoso,  
Onde a luz, onde o ceu riem tão meigos,  
Meu pobre Portugal, hei-de chorar-te!

Quando, aterrado ante o minaz aspecto  
Do anjo de Deus, trememente vagueava

Nosso primeiro pae em volta do Éden,  
Não lhe tceia tanto de amarguras  
A vida o duro affan em que trocava  
Pelo pão o suor co' a avara terra ;  
Não era tanto o traspassar-lhe os membros  
O hiberno sôpro do aquilão, queimar-lh'os  
O sol estivo, e o magoar, errante,  
Os pés feridos nos tojaes bravios  
Pelas sendas que abria em ermos valles,  
Como as saudades de passados tempos,  
Dessa infancia viril, em que surgira,  
Para viver e amar, do barro inerte ;  
Não o pungia tanto o mal presente  
Como a recordação dos claros dias  
De innocencia e de paz que alli vivèra.  
A primavera eterna, as auras puras,  
O murmurar do arroio, o canto da ave,  
O frémito do bosque, o grato aroma  
E o vistoso matiz do ameno prado,  
O lago quedo a reflectir a lua,  
As montanhas tão ricas de mysterios,  
De ccchos, de sombras, de tristezas sanctas ;  
Isso tudo, trazia-lh'o ante os olhos  
Vingadora a memoria inexoravel.  
Por entre a bruma da estação chuvosa

Passavam-lhe de abril perfumes, galas ;  
Sob estuoso sol vinha a saudade  
Dizer-lhe o sussurrar do manso arroio  
E o ramalhar dos platanos copados.  
Por tenebrosas noites de procella,  
Quando a torrente e o vendaval bramiam,  
Cria d'entre o fragor ouvir romperem  
Os matutinos canticos das aves,  
E ver no pégo reflectir-se a lua.  
Longe, assim, do seu berço, o criminoso  
Com dura punição remia o crime :  
Mas para o consolar na senda agreste,  
Em cujo termo o esperava a morte,  
O severo juiz deixára ao triste  
De uma esposa querida o seio casto,  
Onde aspirar o amor, olhos que o pranto  
Misturassem co' o seu. Perdendo a patria  
Perdia encantos só de natureza  
Formosa e juvenil. As harmonias  
Dos corações, os misticos affectos  
Não lhe truncou a espada flammejante  
Do cherubim ao repelli-lo do Éden ;  
Para elle a patria renasceu no exilio.  
Eu, profugo como elle, o Éden nativo

Perdí ; e perdi mais. Despedaçados  
 Os affectos de irmão, de amante, e filho  
 Restam-me na alma qual buída frecha,  
 Que no peito ao cravar-se estala e deixa,  
 Caíndo, o ferro na ferida occulto.

.....

## V.

Oh meu pae, oh meu pae, como a memoria  
 Me reflecte, alta noite, a tua imagem.  
 Por entre um veu de involuntario pranto !

Quão triste cogitar em mim desperta  
 A imagem cara ! Á noite, o bom do velho  
 As benções paternaes de Deus co' as benções  
 Sobre minha cabeça derramava,  
 E ao começar o dia ; e ellas desciam  
 A um coração exempto de remorsos  
 Onde encontravam filial piedade.  
 E agora ? É-lhe mysterio o meu destino,  
 Qual o seu para mim o exilio occulta.  
 Saciado, talvez, de dor e affrontas  
 Dorme já sob a campa o somno eterno ?  
 Suas trémulas mãos não mais lançar-me

Virão a benção da piedade? O extremo  
 Arranco seu não roçará meus labios?  
 Ah, se um dia raiar para o proscripto  
 O suspirado alvor do sol da patria,  
 E se entre nós de um ímpio as mãos ergueram  
 A barreira da morte, ai delle, ai delle!  
 E tambem, ai de mim! .....

..... Mas se 'inda um filho  
 Houver digno de o ser, eu criminoso  
 Terei quem me deplore; mãos que plantem  
 No adro deserto onde jazer maldicto  
 Um cypreste, uma flor, e quem deponha  
 Aos pés do throno do juiz supremo,  
 Por mim, uma oração fervente e pia.  
 .....

## VI.

Arvores, flores, que eu amava tanto  
 Como viveis sem mim? Nas longas vias,  
 Que vou seguindo peregrino e pobre,  
 Sob este rude ceu, entre o ruído  
 Dos odiosos folgares do sicambro,  
 Do monotono som da lingua sua,  
 Pelas horas da tarde, em varzea extensa,

E ás bordas do ribeiro que murmura,  
Diviso ás vezes, em distancia, um bosque  
De arvoredos onde bate o sol cadente,  
E vem-me á idéa o laranjal viçoso  
E os perfumes de abril que elle derrama,  
E as brancas flores e os dourados fructos,  
E illudo-me : essa varzea é do meu rio,  
Esse bosque o pomar da minha terra.  
Aproximo-me : o sonho de um momento  
Então se troca em acordar bem triste,  
Como surge e se esvae por entre as nevoas  
Vulto indeciso nos cantares d'Ossian.  
É uniforme e torva esta verdura,  
Acre o cheiro que exhala este arvoredos,  
Mal-assombrado o rio, humido o valle,  
Frio do sol o raio derradeiro  
Espirando neste ar denso e pesado,  
Que amplo aspirar recusa ao peito oppresso,  
E rouba aos olhos horizonte immenso.

Ai, pobres flores que eu amava tanto,  
Por certo não viveis ! O sol pendeu-vos  
Mirradas folhas para o chão fervente :  
Ninguem se condoeu : seccou-se a seiva,  
E morrestes. Morrestes sobre a terra.

Que por cuidados meus vos educára.  
 E eu? Talvez nestes campos estrangeiros.  
 Minha existencia o fogo da desdita  
 Faça pender, murchar, ir-se mirrando  
 Sem que torne a ver mais esses que amava,  
 Sem que torne a abraçar a arvore annosa  
 Que se pendura sobre a limpha clara,  
 Lá no meu Portugal, onde a frescura  
 Da ribeira perenne, da floresta  
 Tem valor, porque o sol tem luz, tem vida.

.....

## VII.

Eu já vi n'uma ilha arremessada  
 Às solidões do mar, entre os dous mundos,  
 Vestigios de volcões que hão sido extinctos  
 Em não-sabidos seculos. Scintillam,  
 Aqui e alli, nos areentos plainos,  
 Onde espinhosas sarças só vegetam,  
 Restos informes de metaes fundidos  
 Pelas chammas do abysmo, entre affumadas  
 Pedras que em parte amarellece o enxofre,  
 Que a lava em rios dispersou, deixando  
 Só delle a côr em rachas arrancadas

Das entranhas dos montes penhascosos.  
A natureza é morta em todo o espaço  
Que ella correu, no dia em que, rugindo,  
Da cratera fervente, á voz do Eterno,  
Desceu ao mar turbado, e elle, escumando,  
A engoliu e passou, qual sumiria  
De soçobrada nau celeuma inutil.  
Tal é meu coração. Bem como a lava  
É o desterro ao trovador. Meus olhos  
Hão-de esquecer as lagrymas ; que a seiva  
Do vivido sentir vae-se queimando  
Ao suão mirrador de atroz saudade,  
Que excede tudo em dor ; excede a de orpham,  
De viuva, de mãe que sobre o berço  
Vê jazer morto o pallido filhinho.  
E porquê ? Porque ahi ha inclinar-se  
Sobre o corpo do extincto ; ha despedir-se  
Com suspiros e prantos d'esses restos,  
Que vão quedos dormir em adro antigo,  
Onde os avós já dormem ; onde ha patria,  
Ha familia, ha irmãos. — Cá, tudo é ermo,  
E a dor está no coração do prófugo  
Como um cadaver hirto quando esperã  
De noite, em leito nú, que á tumba o desçam.  
A dor aqui é gelida, immutavel ;

Pousa em labios alheios que sorriem,  
E até em sorrir nosso; está sentada  
Ao pé do umbral do tecto que nos cobre,  
Embebida na enxerga do repouso,  
Entranhada no pão que nos esmolam.  
Enroscada qual cobra peçonhenta  
No nodoso bordão de peregrinos,  
E em toda a parte e em todo o tempo é nossa.

E depois, o morrer em leito alheio;  
Despedir-se de um sol que não é esse,  
Que, na infancia, nos fez florir os prados,  
Que nos crestou, na infancia, as faces virgens;  
Volver em tórno os olhos moribundos  
E não ver uma lagryma; inclinar-se  
E não achar um seio feminino,  
Ou de esposa ou de mãe, onde repouse  
A fronte accesa por ardente febre;  
E pensar entre as ancias derradeiras,  
Que será terra estranha a que nos trague;  
Que será til do norte o que proteja  
Nosso humilde moimento, a verde gleba,  
Onde de pinho a cruz por dous invernos  
Apenas luctará co' a negra nuvem  
Do esquecimento eterno, unica herança

Do que expirou no exílio !

Amarguradas

São taes cogitações para o que sente  
 No seio em ondas trashedar-lhe a vida.  
 Quaes, porém, não virão ao pobre velho,  
 Que, arrancado das bordas do seu tumulo,  
 Foi por cima dos mares arrojado  
 Para juncto do umbral de um cemiterio,  
 Onde não achará paternos ossos,  
 Para ao pé delles se deitar, morrendo?!  
 .....

VIII.

Quando nos luz o sol no ceu da patria,  
 Embora sobre nós verta a desdita  
 Torrentes de amargura, ha um consolo :  
 É o altar e a oração. Ao desterrado  
 Nem sequer isso resta. O templo alheio  
 É como ermo de Deus ; como que param  
 Nesse craneo de marmore arqueado  
 Do gigante edificio as tristes preces  
 Em lingua estranha proferidas. Gelidas  
 E duras são do pavimento as lageas  
 Para quem sabe certo não o escutam

Mortos que muito amou; que nesse tecto  
Vae bater frouxa uma oração discorde  
Entre mil orações.

« É falso ! É impio ! »

A razão o dirá. De Deus o templo  
É o mundo. No cimo das montanhas  
O nome do Senhor sussurra em sôpro  
Do vento que passou rasgando as asas  
Pelo cardo bravio; a gloria delle  
Di-la o rolo do mar correndo á praia;  
É o seu hymno o canto da avesinha  
No salgueiro que pende e se balouça  
Sobre o arroio do valle, e é do regato  
O murmurio o cantico nocturno  
Mandado pela terra silenciosa  
Como um suspiro fraternal aos astros  
Que pelos ceus harmoniosos gyram.  
Esses montões de cinzeladas pedras  
De columnas e torres, que se elevam  
Como as mãos junctas de quem resa, apenas  
São um memento da oração, um marco  
Posto no ermo da vida, que nos lembre  
Quem no-la deu, e o mal e o bem, e Aquelle,  
Que é senhor e que é rei, que é pac e entende  
O vento, o mar, os astros, a avesinha,

O sussurrar do arroio humilde, e as preces  
De milhões d'orbes em milhões de linguas.

Ao brado da razão só não se dobra  
O coração do desterrado !

Embora

Sob as asas do amor abrigue o Eterno  
Homens, nações e o mundo : o amor por elle  
Nasce, cresce, vigora-se enredado  
Com os beijos de mãe, com sorrir meigo  
De nossos paes e irmãos, ensina-o a tarde,  
O pôr do sol da nossa terra, o choupo  
Da nossa fonte, o mar que manso geme,  
Nosso amigo da infancia, em praia amiga.

Quando isso tudo se converte em sombra,  
Que em confuso passado apenas surge  
Qual fumo tenuissimo ou phantasma,  
Á meia-noite visto, á luz da lua,  
Ao longe entre arvoredos; quando o sópro  
Da tempestade assobiou nas tréyas  
Pela antena da nau do vagabundo ;  
Quando a dor sua em olhos de ente vivo  
Não achou uma lagryma piedosa,  
E nos seus proprios são vergonha as lagrymas ;

Quando, se 'inda as derrama, ellas gotejam,  
Não sobre seio que as esconda e enchugue,  
Mas sobre a vaga que se arquêa, e passa  
Sem as sentir; então o soffrimento,  
Filho de longo padecer, converte  
O coração do desditoso em marmore,  
Onde nunca penetra um puro affecto,  
Onde o nome de Deus soçobra e morre  
Entre o bramir de maldicções e pragas.

Oh, do desterro o mal supremo é este!  
É o seccar-se o coração; mirrar-se  
Como a sarça do monte em fins d'estio;  
É o descrer, e o blasphemar do Eterno.  
Se aos ceus levanta o desgraçado os olhos,  
É que primeiro os poz lá no futuro  
E, bem que tenue luz, um fulgorzinho  
Por entre as sombras lhe sorriu fagueiro:  
Mas quando se ergue um muro intransitavel  
Entre nós e a ventura; quando ao longe  
Pelos campos da vida é tudo pallido  
E perece a esperança, então a mente  
Recúa com horror, e dando em terra,  
Maldiz-se a si e a providencia, e o mundo.

.....



## O MOSTEIRO DESERTO.

### I.

No mosteiro vae fundo o silencio ;  
Um silencio que gera terror :  
Só, nos tectos, que banha o luar,  
Sólta o mocho seu pio de horror :  
Só o vento que gyra nos páteos,  
E se engolfa na escada ogival,  
Ramalhar vem nas folhas dos olmos  
Que ladeam normando portal.  
Meia noite. E na crasta deserta  
Não reboam os ecchos do sino,  
Que, vagando, murmuram nas cellas :  
« São as horas do officio divino. »

Meia noite ! Bem como na torre  
 Voz de bronze dormente parece,  
 Tal o monge, na dura jazida,  
 Priguiçoso do templo se esquece.

Monge, o brado nocturno do sino  
 Ao resar não te chama, é verdade ;  
 Mas talvez já no topo do côro  
 Somnolento te espera o abbade.



Nada quebra o remanso da noite  
 Pelas gothicas, vastas arendas :  
 Nem de quicios ranger vagaroso  
 Nem murmúrio de lentas passadas.

« Está só o mosteiro ? »

Este grito

Repetiram-no os ecchos inteiro ;

E, bem como em resposta á pergunta,

Retumbou :

« Está só o mosteiro ! »

—

✱

Pouco ha inda, na alta noite,  
 Passava no espaço a lua,  
 Dos olmos a cima ondeava  
 Negra, qual ora fluctua:

Mas tenebroso silencio  
 Não ía, como ora vae:  
 Bradava o sino da torre  
 Aos monges dizendo «orae.»

E pelos vidros córados  
 Reverberava fulgor;  
 De passos no longo claustro  
 Soava tenue rumor.

Depois, lá dentro na igreja,  
 Em côro alterno rompia  
 O canto lento dos monges,  
 Que ás vozes do organ se unia:



Porém, como se ao sópro do archanjo  
 A trombeta final retumbasse,  
 E da vida o tumulto na terra  
 Ao terrivel signal expirasse,

Assim do organ calou a harmonia,  
E dos coros os hymnos calaram,  
E os fulgores das lampadas frouxos  
Das vidraças não mais transsudaram.

## II.

É que o filho dos ermos, renegando  
Das tradições antigas,  
Desceu a pelejar na ardente arena  
Das facções inimigas.  
Amar, soffrer, orar era a existencia  
Que lhe talhára a sorte ;  
Enxugar muitas lagrymas na terra,  
E repousar na morte ;  
Realisar té onde é dado ao homem  
Esse typo ideal,  
Que nos legou o Salvador, tomando  
Nossa veste mortal.



E não o quiz. Sacrilego, do pobre  
A herança, que a piedade  
Confiára ao ministro de uma crença  
Que é toda caridade,

Offertou-a, traidor a Deus e aos mortos,  
No altar impio da guerra,  
E abrindo o manto sacudiu irado  
A assolação á terra.



De noite no bosque,  
Na gandra deserta,  
No viso do monte,  
Do valle na aberta,

À luz das estrellas  
As armas fulgiam,  
E ouviam-se ao longe  
Corceis que nitriam :

Horrendo propheta  
O abutre passava,  
E sobre as encostas  
Calado pairava :

Depois, na alvorada,  
Com gritos sem fim  
Saudava de sangue  
Vizinho o festim.



E á voz das trombetas,  
Ao trom dos canhões,  
Ao som das passadas  
De vinte esquadrões ;

E em meio do fogo,  
Do fumo alvacento,  
Em rolos ondeando  
Nas asas do vento,

De agudas baionetas  
O renque brilhante  
Trememente avançava,  
Ao brado de « ávante ! »

E ao baço ruído  
Dos leves ginetes,  
No plaino calcando  
Da relva os tapetes,

Os ferros cruzados  
Luctavam tinindo,  
Peões, cavalleiros  
De envolta ruindo,

E a ferrea granada  
 Nos ares zumbia  
 E aos seios das alas  
 Qual raio descia,

E aos ares, revolta,  
 A terra espirrava,  
 E o globo encendido  
 Um pouco se alçava,

E prehe de estragos,  
 Com fero estampido,  
 Mandava mil golpes  
 Em rachas partido.



E as horas passavam  
 Em scenas de morte ;  
 E o abutre mirava  
 Os trances do forte.



Na garganta da serra ou sobre o outeiro,  
 Pelo pinhal da encosta ou na campina,  
 Nesse dia de atroz carnificina,

Negros uns vultos vaguear se viam ;  
A cruz do Salvador na esquerda erguida,  
Na dextra o ferro, preces blasphemando,  
« Não perdoeis a um só ! » — feros bradando,  
Entre as fileiras rapidos corriam :

E era o monge que bradava,  
E era o monge que corria,  
E era o monge que blasphemo  
Preces vans a Deus fazia ;  
Vans que, á tarde, nesse plaino  
No sangue d'irmãos retincto,  
Só restava o moribundo,  
O cadaver só do extincto.  
E por gандras e por montes,  
Aterrados, perseguidos,  
Em desordenada fuga  
Retiravam-se os vencidos.  
E os vencidos eram esses  
Que a esperança da victoria  
Arrastára, miserandos,  
A uma guerra impia, sem gloria !

Lá dos gritos de raiva baldada  
Restrugia o confuso clamor,  
E o gemido do mau desgraçado  
Na alma oppressa gerava terror.



Cáia em pó o mosteiro ; e maldicto  
O que ergue-lo outra vez intentar,  
Se não treme ante as núas caveiras,  
Que insepultas verá branquejar !

## III.

Surge a luz da alvorada. Podessem  
Dessas campas geladas que vejo  
Os bons monges dos tempos antigos  
Surgir vivos á voz de um desejo !

E que ao longo das vastas arcadas  
Se escutassem seus passos serenos,  
Como se ouve o tranquillo regato  
Sussurrar nestes campos amenos !

Quem então não curvára ante o velho ?  
Quem a bençã da mão descarnada,  
Como a bençã do ceu, não pedíra  
Da virtude ao poder confiada ?

Quem ousára soltar no deserto  
Estridente clangor da trombeta,  
E fazer scintillar pela noite  
A cruel decisiva baioneta ?

Quem ousára o sorriso do insulto  
Juncto ao negro edificio soltar,  
E com goso, na mente, por terra  
Suas grimpas jazendo pintar ?

Mas ha muito que os bons se finaram ;  
Mas ha muito que ás dores fugiram,  
E depois, nesses velhos sepulchros  
Quantos maus inquietos dormiram !

Quem o sabe ? Quaes foram ? Seus nomes  
Pereceram : ninguem o dirá.  
O que o sabe os julgou ; e do abysmo  
Nem um ai o cantor tirará.

Mas, oh harpa, transmite as saudades  
Do que foi em legado ao porvir,  
E o presente, que em breve ha-de o olvido  
Com o seu amplo manto cubrir.

Contarão as canções do poeta  
Tão-sómente do claustro o segredo.  
Vae a hera vestir estas pedras :  
Cairá este annoso arvoredo.

Sim, virá a segure insensata  
Da montanha o senhor derribar !  
Rei deste ermo, que os euros insultas,  
Tu serás o ludibrio do mar.

Bem antigo é teu cepo. Tu viste  
O mosteiro da encosta crescer ;  
Viste o colmo do humilde retiro  
Em arcadas, em torres volver.

Tambem nasce o regato na origem  
Pobre e puro : cem valles passou ;  
Vae já rico, mas turvo e soberbo ;  
Que a torrente desceu e o turbou.



Como esta aura suave suspira  
Pelos bosques, e as ramas menêa !  
Como a limpha murmura na fonte,  
Sobre a qual pençe o merlo e gorgêa.

Cala, oh ave! Que importam teus cantos?  
Quem vens tu saúdar, cantor do ermo?  
É aos mortos? Aos gosos mais puros  
Poz-lhe a lousa, na terra, já termo.

Tua voz costumava o eremita  
Nos bons tempos folgando sentir:  
Era imagem do ceu, que entre as dores  
Do desterro lhe vinha sorrir.

Mas depois affligiu o malvado  
Da avesinha innocente a cantiga;  
Tal os olhos affeitos a trévas  
A cerrar-se luz subita obriga.

Nunca ao ímpio na dor deu consolo  
Meigo som de cadente gorgeio.  
Que harpa eolia lhe adoça o azedume  
De que seu coração está cheio?

Ai do mau, cuja vida travada  
Vae de sustos mandados do ceu!  
Nunca o sol a acorda-lo tranquillo  
Em seu brilho dos montes desceu.

Mas duas vezes ai delle, se na alma  
Não lhe soa uma voz pavorosa,  
Que o atterre, quando o ermo o rodêa,  
Ao passar da procella ruidosa !

## IV.

É tão doce esta vaga saudade,  
Na soidão das montanhas colhida,  
Para quem entre mil tempestades  
Transitou pelos campos da vida !

Foge a luz : é sol-posto : na aldeia  
Dá o sino esse triplo signal,  
Com que o espirito, erguendo-se a Deus,  
Diz ao dia seu ultimo val ;

E o pastor, que o rebanho guiava  
À malhada, descendo do outeiro,  
Parou lá, e ajoelhou descuberto  
Juncto ao velho sósinho pinheiro.

Gloria a Deus ! A oração do crepusculo  
Pelo tronco elevado se ergueu,  
E a guia-la ante o throno do Eterno  
Sancto archanjo das preces desceu.

Ao 'piedoso pastor no chão duro  
Brando a noite o repouso trará,  
E por certo em seu leito da morte  
Mais tranquillo inda o somno será.



A estas horas, talvez, nos combates  
Um atheu expirante cafu :  
Oh, eu vejo-o voltear-se entre as ancias !  
O seu grito final já se ouviu !

A luz foge-lhe aos olhos : a espada  
Apertou : ainda a tenta esgrimir :  
Não a sente : conhece que morre,  
Sem, comtudo, deixar de existir.

Não o crê : abre os olhos a custo :  
Nada o ceu, que se enluta, lhe diz :  
Fecha-os breve ; e no extremo soluço  
Pensa e existe, e a existencia maldiz.

E o atheu, que era grande na terra,  
Uma campa terá magestosa ;  
E ao pastor naquelle adro da aldeia  
Cubrirá uma gleba relvosa.



Como o atheu e o pastor, nas batalhas  
Mil e mil sem alento caíram;  
Mil e mil, que em seu sangue este solo,  
Nas fraternas discordias, tingiram!

Essas scenas de pranto e de lucto  
Quem as trouxe a esta terra querida?  
Foi o monge, que em animos rudés  
Instillou o furor fraticida.

Que pediamos nós? Ver abrir-se  
Ante nós da familia o larario,  
E dormir juncto aos ossos paternos  
Somno extremo n'um pobre sudario:

Sim, poder, ao mandar-nos a morte  
Nossos corpos aos vermes ceder,  
Ao sol bello, e tão bello, da infancia  
Com saudade, inda os olhos volver.

Respondeu-nos da balla o sibillo;  
Respondeu-nos o brado de guerra!  
Combatemos. Pertencem na patria  
A qualquer sete palmos de terra.

Isso, ao menos, tê-lo-hemos ! Da lucta  
Sabe Deus qual a sorte será :  
Mas á sombra do teixo da infancia  
O proscripto infeliz dormirá.



Cáia em pó o mosteiro ; e maldicto  
O que ergue-lo outra vez intentar,  
Se não treme ante as núas caveiras,  
Que insepultas verá branquejar !

---

## A VOLTA DO PROSCRIPTO.

### I.

Já suave a sorte dura  
Mostra a face ao desterrado :  
Porque surge ainda a amargura  
Em seu rosto carregado ?

Vento amigo ao patrio solo  
Pelo mar guia o proscripto,  
E um sorriso de consolo  
Não lhe luz no rosto afflicto ?

Corta a proa o mar fremente ;  
O cantor lá se assentou ;  
E sua torva e altiva frente  
Sobre a dextra reclinou.

Vem-lhe idéa após idéa,  
Já tristonha, já serena ;  
Que no gesto lhe vaguêa  
Ora o goso, logo a pena.

Coração affeito á mágoa  
Da esperança desconfia :  
Desalenta, e em viva frágua,  
É-lhe negra a noite, e o dia.

Mas se, enfim, lhe tece a sorte  
À existencia um aureo fio,  
E vencendo o mar e a morte  
O conduz ao patrio rio,

A que mais agora aspira  
O mancebo trovador ?  
É por gloria que suspira ?  
Não lhe ri propicio o amor ?

Não vê perto a terra cara,  
Que chorou em dor absorto,  
E nos braços dos que amára  
Não terá paz e conforto ?

Mas silencio! — A fronte erguendo,  
Elle os olhos poz nos ceus,  
E a canção da alma rompendo  
Sussurrou nos labios seus.

## II.

« Rasga as ondas do pégo indomado  
Leve barca : já freme o galerno :  
Susta as iras o rabido hynverno :  
Torna á patria infeliz trovador.

Como bate no seio ancioso  
Coração que opprimiu a amargura,  
Quando meiga sorri a ventura,  
Quando volve esperança de amor !

Esperança, e sómente esperança  
Cabe áquelle que os mares correu,  
Quem lhe diz que 'inda não o esqueceu  
A donzella por quem suspirou ?

Quem lhe diz não irá n'outros laços  
Venturosa encontra-la e infiel,  
E que a voz do remorso cruel  
Para a ingrata tremenda soou ?

Quem lhe diz não irá murchas rosas  
Tão-sómente encontrar sobre a lousa,  
Onde a amada tranquilla repousa,  
Onde vá juncto della expirar ?

Esperança, e sómente esperança  
Cabe áquelle que os mares correu :  
Ella só resta áquelle que o ceu  
Longos dias de dor fez passar

Eu traguei estes dias de lucto ;  
Encarei muitas vezes a morte ;  
Pude o louro colhêr dado ao forte :  
Tambem myrto de amor colherei ?

Ou o arbusto que outr'ora plantára,  
Que por mim cultivado crescêra,  
Que entre angustias jámais me esquecêra  
Esquecido por ella acharei ?

Como além desse cabo, que esconde  
Verdes aguas do meu patrio Tejo,  
A alma levam saudade e desejo !  
Como atraz a compelle o terror !

Ledo o nauta saúda a guarida  
Aonde incolume o vento o ha guiado,  
E esqueceu esse olhar carregado  
Com que insulta do mar o furor.

Feliz nauta, em teu seio tranquillo  
Pulsa em paz coração baixo e rude ;  
Fado amigo negou-te o alaúde :  
Deu-m'o a mim : — para prantos m'o deu.

Nunca, pois, surgirá uma aurora  
Em que nelle resõe a alegria,  
E em que o triste, que a dor opprimia,  
Erga um hymno de jubilo ao ceu ?

Nunca rir-me propicia a ventura  
Sobre a terra verão estes olhos ?  
Será sempre cuberto de abrolhos  
Agro trilho que á morte conduz ?

Ou nas trévas da minha existencia  
Surgirá inda um dia radioso,  
Como, ás vezes, em ceu tenebroso  
Rompe o sol com torrentes de luz ? »

## III.

Já no porto a leve barca  
Longa esteira desdobrou,  
E ao clarão final do dia  
Ferreo dente ao mar lançou.

Eis as plagas da saudade ;  
Eis a terra de seus sonhos ;  
Eis os gestos tão lembrados ;  
Eis os campos tão risonhos !

Eis da infancia o tecto amigo ;  
Eis a fonte que murmura ;  
Eis o ceu puro da pátria ;  
Eis o dia da ventura ! . . .

## IV.

Foi o cantor feliz ? — Em breves dias  
Viu-se cruzar errante incertos mares.  
Sob o tecto paterno anciada noite  
Elle passou ; e o somno socegado  
Não lhe cerrou os olhos lachrymosos.

Conta-se que o seu amor fôra trahido,  
E que mirrado achou de amor o myrto,  
Que deixára viçoso, e que saudára  
Desde além do oceano em seu delirio.  
Sobre a proa outra vez indo assentar-se,  
Não entoou um hymno de alegria.  
Com ar sinistro e torvo, e os labios mudos  
Correu co' a vista as ondas inquietas,  
E, porventura, a idéa que as passára  
Nas azas da esperança, e que a esperança  
Tinha expirado ao limiar do goso,  
Mais lhe turbou a fronte carregada.  
O misero sorriu-se. Em tal sorriso  
O passado e o futuro estava impresso,  
E da sua alma a dolorosa noite.

## V.

Não mais o trovador no lar da infancia  
Repousará talvez: talvez sua harpa  
Durma pendente em solitario tronco  
Do pinheiro bravio, onde a desfaça  
O sôpro do aquilão. Ao desditoso  
Sonho de gloria e amor tinha emballado;  
Mas foi sonho, e passou, e uma existencia

Núa d'encantos despregou-se ante elle.  
Quem o consolará? — De fogo essa alma  
Consolo não terá, nem quer consolo.  
A maldicção de Deus vestiu-lhe a vida  
De padecer e lagrymas. Ignoto  
Será ao mundo que surgiu na terra  
O genio de um cantor, bem como planta  
Morta apenas saída á flor do solo,  
Ou como a aragem da manhan, que passá  
Antes de o sol nascer, em dia estivo.

E que importa essa gloria ao dono della?  
Esse fructo do Asphaltite que encerra  
Senão cinza em involucro formoso?  
Que é o eccho de um nome, que não soa  
Senão sobre o sepulchro do que impresso  
Na fronte o trouxe, em meio de amarguras,  
Por vezes de ignominias?

« Vive, oh triste,  
Esquecido do mundo, e esquece o mundo!  
Nas solidões profundas da tua alma,  
Vazia das paixões que a assassinaram,  
Some os cantos que della transsudavam  
Para correr n'um seculo sem vida,  
Sem virtude e sem fé, e em que desabam



As crenças todas do passado — e é sonho  
A constancia e o amor.»

Palavras estas  
Extremas foram do proscripto. Longe,  
Em praia estranha abandonando a barca,  
Qual o seu fado foi ninguem mais soube.

---



## N'UM ALBUM.

Quando o Senhor envia  
O trovador ao mundo,  
Faz devorar a essa alma  
Fel amargoso e immundo ;

Porque lhe diz : « Poeta,  
« Vae conhecer a terra ;  
« Prova dos seus deleites ;  
« Prova do mal que encerra.

« Desses e deste esgota  
« As taças muitas vezes,  
« Embora de uma e d'outra  
« Aches no fundo fézes ;

\*

« E quando bem souberes  
« Que tudo é sonho vão ;  
« Que é nada a dor e o goso,  
« Sólta o teu hymno então. »

E o pobre desterrado  
Vem seu mister cumprir.  
Nasce : homens e universo,  
Tudo lhe vê sorrir ;

E o seu balbuciar  
Um canto é d'innocencia :  
Mas outro foi seu fado ;  
Guia-o a providencia.

É cherubim precito  
Qu' inda entrevê o ceu,  
Mas através da vida,  
Mas através de um veu.

Em turbilhão d'affectos,  
Seu íntimo viver  
Rápido lhe devora  
Sperança, amor e crer.

Do goso nos delirios  
 Debalde busca o amor ;  
 Saudade melancholica  
 Pede debalde á dor.

Depois, desanimado,  
 Pára a pensar em si ;  
 Acha no seio um termo,  
 E tristemente ri.

É desde aquelle instante  
 De um acordar atroz,  
 Que ao condemnado lembra  
 Do que o mandou a voz.

Então entende e cumpre  
 Seu barbaro destino ;  
 Então é que elle aprende  
 A modular um hymno.

Virgem, ao que assim passa  
 Por meio do existir,  
 Calcando os frios restos  
 Do crer e do sentir,

Não peças te revele  
Sua alma na poesia,  
E dê aos pensamentos  
O encanto da harmonia ;

Porque lá, nesse abysmo,  
Não resta uma illusão :  
Só ha perpetua noite,  
E injuria e maldicção.

Não entendêras, virgem  
Ainda innocente e pura,  
O canto que surgira  
Dessa alma gasta e escura.

Deixa-o seguir seu norte,  
Cumprir missão cruel ;  
Deixa-o verter o escarneo ;  
Deixa-o verter o fel ;

Deixa-o cuspir em faces  
Onde não ha pudor,  
E ao mundo, ebrio de si,  
Rindo ensinar a dor.

As sanctas harmonias  
De cantico innocente  
Sabe-as o alvor do dia  
Quando rompe do oriente ;

Murmura-as o regato ;  
Vibra-as o rouxinol ;  
Vem no zumbir do insecto,  
No prado, ao pôr do sol ;

Vivem no puro affecto  
Da filial piedade,  
Nos sonhos e esperanças  
Da juvenil idade.

Esta poesia é tua :  
Eu já a ouvi e amei ;  
Mas hoje nem a entendo,  
Nem repeti-la sei.

Assim, meu nome só  
Escreverei aqui ;  
Som vão, intelligivel  
Apenas para ti ;

Extincto candelabro  
Do templo do Senhor,  
Que por algumas horas  
Deu luz, teve calor ;

Lenda de sepultura,  
Que falla em gloria e vida,  
E esconde ossada infecta  
Dos vermes corroída ;

Pinheiro solitario,  
Que o raio fulminou,  
E que gemeu tombando,  
E não mais murmurou.

---

## A FELICIDADE.

Era bello esse tempo da vida,  
Em que esta harpa fallava de amores :  
Era bello quando o estro accendiam  
Em minh' alma da guerra os terrores.

Nesse tempo o balouço das vagas  
Me era grato, qual berço da infancia ;  
E o sibilo da bala harmonia  
Semilhante á de flauta em distancia.

Eu corri pelos campos da gloria,  
D'entre o sangue colhendo uma palma,  
Para um dia a depôr aos pés dessa  
Que reinou largo tempo nesta alma.

Mas qual ha coração de donzella,  
Que responda a um suspiro de amor,  
Quando vibra nas cordas sonoras  
Do alaúde de pobre cantor ?

Triste o dom do poeta ! — No seio  
Tem volcão que as entranhas lhe accende ;  
E a mulher que vestiu de seus sonhos  
Nem sequer um olhar lhe compr'hende !

E trahido, e passado de angustias,  
Ao amor este peito cerrára,  
E, quebrada, no tronco do cedro  
A minha harpa infeliz pendurára.

Um veu negro cubriu-me a existencia,  
Que gelada, que inutil corria ;  
Meu engenho tornou-se um mysterio  
Que ninguem neste mundo entendia.

E embrenhei-me por entre os deleites ;  
Mas, tocando-o, fugia-me o goso :  
Se o colhia, durava um momento ;  
Após vinha o remorso amargoso.

Esqueci-me do Deus que adorára :  
O prestigio da gloria passou ;  
E a minh' alma, vazia de affectos,  
No limiar do porvir se assentou :

Meus pulmões arquejaram com ancia,  
Buscando ar na amplidão do futuro,  
E sómente encontraram, por trévas,  
De sepulchros um halito impuro.

Mas, enfim, eu te achei, meu consolo ;  
Eu te achei, oh milagre de amor !  
Outra vez vibrará um suspiro  
No alaúde do pobre cantor.

Eras tu, eras tu que eu sonhava ;  
Eras tu quem eu já adorei,  
Quando aos pés de mulher enganosa  
Meu alento em canções derramei.

Se na terra este amor de poeta  
Coração ha que o possa pagar,  
Serás tu, virgem pura dos campos,  
Quem virá a minh' harpa acordar.

Como a luz duvidosa da tarde,  
Quando o sol leva ao mar mais um dia,  
Reverbera poesia e saudade  
Na alma immensa de um rei da harmonia.

Tal poesia e saudade em torrentes  
No teu meigo sorrir eu aspiro,  
E no olhar que me lanças a furto,  
E no encanto de um mudo suspiro.

Para mim és tu hoje o universo :  
Soa em vão o bulício do mundo ;  
Que este existe sómente onde existes :  
Tudo o mais é um ermo profundo.

No silencio do amor e ventura,  
Adorando-te, oh filha dos ceus,  
Eu direi ao Senhor : « tu m'a déste :  
Em ti creio por ella, oh meu Deus ! »

---

# OS INFANTES EM CEUTA.

DRAMA LYRICO EM UM ACTO.

(1415).

<i>O Infante D. Duarte.</i>	<i>Um pagem.</i>
<i>O Infante D. Pedro.</i>	<i>Um sobrerolda.</i>
<i>O Infante D. Henrique.</i>	<i>Coro de cavalleiros portuguezes.</i>
<i>Gulnar, filha do wali de Ceuta.</i>	<i>Coro de cavalleiros mouros.</i>
<i>Lobna, escrava.</i>	<i>Coro de escravas, e de eunuchos negros.</i>
<i>Haleva, escrava.</i>	

---

## SCENA I.

Sala d'armas do alcacer de Ceuta. Coros de cavalleiros portuguezes. D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique entram na scena agitados : D. Duarte pára, cruza os braços e con-

templa por um instante os cavalleiros que ficam immoveis :  
os infantes affastam-se para um lado fallando a sós, e vol-  
vendo de quando em quando os olhos para o principe.

D. DUARTE.

Eia pois, cavalleiros ! Breve os mares  
Cruzaremos de novo além do Estreito !  
Os inimigos timidos refogem  
Da conquistada Ceuta.  
Pelas campinas pallidas, ao longe,  
Das altas torres espraiando os olhos,  
Não se vê alvejar lá no horisonte  
Um albornoz mourisco.  
Folgue o que volte á patria enriquecido  
Pela ganhada gloria : folgue aquelle  
A quem coube o desterro entre estes muros,  
Por conservar erguida  
Sobre a mesquita a cruz, sobre as ameias  
O estandarte real : morrendo, é martyr :  
Seu nome eterno viverá na historia.  
Folgae, meus cavalleiros !

CORO DE CAVALLEIROS VELHOS.

Oh, bem vinda, bem vinda essa nova,

Para o velho homem d'armas d'elrei,  
Que ha trinta annos nos diz : « combatei ! »  
Sem jámais a armadura largar !

Sob o ferro do elmo pulido  
Nossa fronte, senhor, se enrugou,  
E estes peitos robustos quebrou  
Dos arnezes contínuo pesar !

Bem vinda a hora  
Em que voltemos,  
E enfim saudemos  
O nosso lar ;  
Em que possamos  
No patrio rio  
O sol do estio  
Ver scintillar ;  
E, dos sinceiros  
Entre a espessura,  
Da guerra dura  
Ir repousar !

**CORO DE CAVALLEIROS MANCEBOS.**

Partí vós, cavalleiros :

A Portugal tornaes;  
E o nosso nome ás bellas  
    Donzellas  
    Lembrae!  
Dizei-lhes que, se ás lides  
Votámos peito e braços,  
Por ellas suspirámos,  
    E amámos.  
    Seus laços;  
E que destes labios  
Palavra amorosa  
Por moura formosa  
Jámais sairá.  
Opprobrio e vergonha  
Ao que as esquecer!  
Infamia ao que arder  
Por filha d'Allah!

D. Pedro e D. Henrique dirigem-se, com colera mal reprimida, ao meio dos cavalleiros.

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Infamia, dizeis vós?

## D. DUARTE.

Aproximando-se vivamente delles, e guiando-os pela  
mão para a frente da scena.

Por Deus, calae-vos !

Ignoram vosso amor esses guerreiros.

Da patria elles fallavam :

Não a trahir juravam.

E vós? Vós que sois filhos

D'elrei de Portugal; vós, cavalleiros,

Que d'Aviz e Lancastre a gloria herdastes,

Vosso nome manchastes

Com um affecto ignobil . . .

## D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Que ousaes dizer, senhor !

## D. DUARTE.

Sim, ignobil affecto ! Amor gerado

Entre rios de sangue ; ao lampejarem

Cruzados ferros, no aduar mourisco

A viva força entrado.

Conduziu-vos, dissestes-me, o combate  
 A soberbo palacio. Alto repouso  
 Era de morte ahi : seus defensores  
 Tinha-os o ferro portuguez ceifado.  
 Duas mouras formosas,  
 Vencidas do terror, na fuga anciosas,  
 Caindo a vossos pés pediram vida,  
 Liberdade, honra, e vós...

D. PEDRO.

Assegurámos-lhes

Liberdade, honra, e vida. Oh, somos filhos  
 D'elrei de Portugal, e cavalleiros!  
 Era o nosso dever.

D. DUARTE.

E era-o cederdes

A um amor insensato ; o prometterdes  
 Pelas nocturnas trévas conduzi-las  
 Às naus que vão partir ?

D. HENRIQUE.

Será rouba-las  
 À falsa crença do koran...

D. DUARTE.

Com vehemencia.

E a infamia  
Lhes gravareis depois nas fronte puras?  
Isso é torpe! Isso é vil!

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Senhor infante!

D. DUARTE.

Com ardor.

Oh que não ha-de ser! No quarto d'alva  
A armada partirá.

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Com inquietação.

Zombaes?

D. DUARTE.

Ouví-me!

É o mandado d'elrei...

\*

Dirigindo-se aos cavalleiros.

Meus velhos guerreiros,  
As armas tomae ;  
E á praia fremente  
Os passos guiae ;  
Que as náus já fluctuam :  
Não tarda o partir.,  
Nos mares a aurora  
Veremos surgir.

**CORO DE CAVALLEIROS VELHOS.**

Ajoelhando e estendendo os braços para o ceu.

Virgem ! Esperança !  
Estrella do mar,  
Ouví nosso orar ;  
Mandae-nos bonança !  
Salvae-nos, salvae-nos !  
E á patria levae-nos !

Erguem-se e vão saindo. Ouve-se-lhes ainda ao longe :

À patria levae-nos ! . .

## D. DUARTE.

Guerreiros novéis  
As armas vestí,  
E os muros de Ceuta  
De lanças cubrí!  
Bandeira da serpe,  
Bandeira d'elrei,  
No alcacer, nas torres  
Guardae, ou morrei!

## CORO DE CAVALLEIROS MANCEBOS.

Tirando as espadas e cruzando-as umas sobre outras.

Contentes saudamos  
Os dias de guerra:  
Ser dignos da terra  
Da infancia juramos.  
O braço não treme! . . .  
O peito não teme! . . .

Vão saindo, e ouve-se-lhes ainda fóra:

O peito não teme! . . .

D. DUARTE.

Restam bem poucas horas :  
Salvos estaes infantes !

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Sabe um amor immenso  
Horas fazer d'instantes.

D. DUARTE.

Que !? Ousarieis 'inda ? . . .

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Nós ousaremos tudo !

D. DUARTE.

Não ! Filial piedade  
Vos servirá d'escudo !

Com gesto supplicante.

Pela memoria sancta

De nossa mãe querida,  
Que na feral jazida  
Tal crime assombrará,  
Affugentae qual sonho  
Esse insensato amor,  
Que o odio, que o furor  
Do ceu accenderá!

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Mas deste amor profundo  
Quem nos libertará?

D. DUARTE.

Vede quem sois, e o mundo  
Como vos julgará!

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Duas formosas almas  
Por nós a fé ganhou.

D. DUARTE.

Antes por vós o sangue  
De Aviz se deshonrou.

## UM PAGEM.

Entrando apressado.

Principe, elrei vos chama.

D. DUARTE.

Ide ; eu vos sigo.

Lançando os braços ao pescoço dos dous Infantes apenas o pagem sáe, D. Duarte os vem conduzindo lentamente para a frente da scena.

Oh meu Pedro, oh meu Henrique,  
Louco intento abandonaes?!  
Não passar de Ceuta as portas  
Hoje, aqui, vós me juraes?!

Os dous volvendo olhar rapido um para o outro.

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Senhor, do sceptro herdeiro,  
Vossos irmãos mandaes . . .

De Ceuta as ferreas portas  
Não cruzaremos mais!

D. DUARTE.

Basta-me tal promessa!  
Só mentem desleaes.

---

SCENA II.

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

D. HENRIQUE.

Olhando para o principe que sáe, e sorrindo.

A promessa ha-de cumprir-se!  
Nobre infante, vae seguro!

D. PEDRO.

Com hesitação.

Mas de Ceuta o erguido muro  
Como além hoje transpôr? . . .

D. HENRIQUE.

Conduzindo D. Pedro a uma gelosia, e apontando para fóra.

Vedes vós, lá em baixo, esse vulto  
Amplamente e negro da torre de Fez,  
Que inda ha pouco o mais forte pavez  
Do vencido Muslim se ostentou?

D. PEDRO.

Vejo ; e lembram-me as portas robustas  
Que a acha d'armas a custo desfez ;  
E que nesse momento se fez  
Um silencio que instantes durou . . .

D. HENRIQUE.

E parámos ; e ouvimos ao longe  
Tinir d'armas, correr de corceis,  
E o confuso bradar d'infiéis,  
Restrugindo os seus gritos de dor . . .

D. PEDRO.

Subterraneo caminho os salvava

Das espadas dos nossos fiéis,  
Quando inuteis alfanges, broqueis,  
Lhes tornára profundo terror. . .

D. HENRIQUE.

O que ao mouro no trance tremendo  
De destino cruento remiu,  
Esta noite, a quem nunca mentiu  
De mentir uma vez salvará.

D. PEDRO.

Com grande jubilo.

Oh sim ! sim ! Velae guardas de Ceuta !  
Outras portas o amor nos abriu ;  
Nossa estrella dos ceus nos sorriu ;  
O caminho, o caminho é por lá !

D. HENRIQUE E D. PEDRO.

Noite placida e formosa,  
Noite grata a um vivo affecto,  
Para nós no torvo aspecto  
Te deslisa almo prazer !

Bella noite silenciosa,  
Sê propicia ao nosso intento ;  
Com teu véu cobre o momento  
Do partir e do volver !

---

### SCENA III.

Sala nos paços do wali Bensalá n'uma aldeia das vizinhanças de Ceuta. Um candelabro, que derrama uma luz frouxa, pendente do tecto. No fundo, sobre uma especie de coxim elevado, Gulnar reclinada. Coro de donzellas arabes cantando ao som de harpas.

#### CORO.

Dorme, dorme desgraçada !  
Dorme, filha do wali !  
Possa o somno sobre ti  
O consolo derramar.

Quando dormes é teu gesto  
Brando e meigo qual de Huri ;  
Mas vingança nelle ri  
Ferozmente ao despertar.

GULNAR.

Erguendo-se lentamente.

Oh, como é doce o som de vossas harpas,  
Desterradas de Ceuta! . . . Adormecestes  
Um pouco minha dor. Senti correrem  
Destes olhos as lagrymas . . . Ai! breve,  
Repentino terror veio enxuga-las.  
Meu pae . . . Que diz Levi?

CORO.

Oh Deus!

GULNAR.

Entendo:

Não tenho que esperar? . . .

CORO.

Delira. Golfa o sangue  
Da profunda ferida,  
Por onde foge a vida  
Do inerte corpo exangue.

## GULNAR.

Com gesto ameaçador, e erguendo-se.

Oh, basta ! Inulto,  
Senhor de Ceuta, em cemiterio estranho  
Não dormirás ! Meu pae, Gulnar t'o jura !  
Lobna e Haleva onde estão ?

---

**SCENA IV.****LOBNA E HALEVA.**

Entrando apressadamente assustadas.

**LOBNA.**

Eis-nos, princesa !

Os espias voltaram : tumultuando  
Na marinha de Ceuta homens, ginetes,  
Ao pôr do sol : as naus soltando as vélas,  
Proas á terra : o esquife após o esquife  
Entre a praia e as galés cruzando as ondas ;  
Tudo do émir christão mostra a partida.

## GULNAR.

O tigre português volta ao seu antro!  
Mas Ceuta . . .

Com amargura.

Profanada e serva és Ceuta!

O que te amou qual pae jaz moribundo  
No seu leito de dor. Foi por salvar-te  
Perola rica do Maghreb. Inutil  
O sangue se verteu! Oh, sem vingança  
Não ficaremos nós: nós ambas orphans,  
Eu desterrada e tu escrava. O nobre  
Teu senhor e meu pae, talvez da aurora  
Não veja mais a luz. Mas trema o fero  
Émir de Portugal! Gulnar, a filha  
Do vencido wali, ha-de vingá-lo.  
Lobna e Haleva esta noite . . .

## HALEVA.

Hesitando.

E quem vos disse . . .  
Que elles hão-de voltar? . . .

## GULNAR.

## O juramento :

O juramento seu ! . . Já não sois servas,  
Bellas filhas do Caucaso ; sois socias  
Da implacavel Gulnar. A vós a gloria  
De tornar mais cruel su' hora extrema.  
Quanto ardente paixão tem de ternura :  
Quantas fascinações ha no amor virgem :  
Quanto o meigo sorrir, quanto as promessas,  
O pranto, o resistir tem de delirio ;  
Tudo, tudo empregae ! Raio de morte,  
Juncto ás portas do ceu, lance-os no inferno.

## Erguendo as mãos.

Escuta, emfim, meu pranto,  
Dos impios vencedor :  
Manda, propheta sancto,  
O anjo exterminador.

Chore a roubada prole  
O portuguez emir :  
Que o sangue me console  
Antes de o sol surgir.

Cercae-os vós de goso :  
 Sintam que é bom viver :  
 Será mais horroroso  
 Meu brado : « Ide morrer ! »

Vem, oh terrível hora,  
 Hora do meu folgar,  
 Hora em que vingadora  
 Triumphará Gulnar.

Ditigindo-se ao coro.

Ide ; patente  
 Do alcacer seja o ádito : silencio  
 Profundo reine em toda a parte : os gritos  
 Dos moribundos só . . . hão-de quebra-lo !  
 Vingança a Bensalá.

CORO.

Vingança á patria !

GULNAR.

A Haleva e Lobna com gesto terrível.

Em breve me vereis ! . . .

## SCENA V.

## LOBNA E HALEVA.

Olham aterradas para Gulnar, que sáe precedida do coro, e depois correm a lançar-se nos braços uma da outra.

## HALEVA.

Ai, como foi mesquinha  
A nossa escura sorte!  
Porque a terrível morte  
Os tristes conduzir?

## LOBNA.

Oh, se Gulnar os víra,  
De sangue inda banhados,  
Vencidos, humilhados,  
A nossos pés cair! .

## HALEVA.

Que lhes valêra? Sangue,  
Sangue só quer a hyena:

A cólera a aliena :  
Não póde perdoar !

LOBNA.

Haleva, minha Haleva,  
De susto eu titubeio :  
Tu imagina o meio  
De as victimas salvar.

HALEVA.

Miseras ! Só nos resta,  
Em festa sanguinosa,  
Sob a traidora rosa  
O aspide esconder.

LOBNA.

Que importa a pobre escrava  
De susto e de amor trema ?  
Embora chore e gema,  
Cumpre-lhe obedecer.

\*

## HALEVA E LOBNA.

Sólta o suave canto  
Captivo rouxinol,  
Quando o nascente sol  
Derrama seu fulgor;

E as aves vêm, correndo,  
Pousar no umbroso til,  
Onde com arte vil  
As prende o caçador.

O canto da avesinha  
Foi nosso amor fatal!  
E elles . . . destino igual  
Lhes reservou o amor!

---

**SCENA VI.**

Terrado no primeiro plano da Torre de Fez, cujo corpo superior se alevanta ao lado esquerdo no fundo, seguindo para a direita a linha das ameias. Ao longe o fachado de uma atalaia exterior. No cimo da torre, tambem

ameiada, outro facho, cuja claridade allumia a scena, onde se vêem tres ou quatro vigias encostados ás ameias do plano inferior. Sobre a porta do corpo superior da torre lê-se a seguinte inscripção: = *Esta torre de Feez foy combatida e entrada pollo muy eyscelente e esforçado Iffante Dom Anrique a 21 Dagosto de 1415 annos.* =  
 É noite.

D. DUARTE.

Saindo seguido de um Sobrerolda, ambos apressados.

Víste-los vós? . .

SOBREROLDA.

Jura-lo

Posso. Dous cavalleiros :

Negras armas : cavallo

Negro ambos. Ligeiros

Voam . . . Ouví! . .

D. Duarte chega ás ameias escutando.

Ao largo

Ainda soa o tropel.

D. DUARTE.

À parte com afflicção e despeito.

Oh pensamento amargo !

Oh recear cruel !

Ao Sobrerolda.

E os homens d'armas ?

SOBREROLDA.

Velam :

Não falta um só.

Escutando para a campanha.

Dir-se-hia,

Ao seu correr, que anhelam

Voltar antes do dia.

D. DUARTE.

Não mais . . .

Chegando-se ás ameias, e apontando para baixo.

**Para a barreira**

Cem lanças o adaí  
Conduza ; da dianteira  
Todos ; que valem mil !  
E eu lá serei em breve :  
E elles hão-de seguir-me.  
Sabe-lo elrei não deve.  
Ai do que ousar trahir-me !

O Sobrerolda sáe.

Sob o seu gesto candido  
O engano se escondia !  
Era uma idéa perfida  
Que na alma lhes surgia,  
Quando de Ceuta as portas  
Juravam não transpôr !  
Creram que a noite lobrega  
Seu crime esconderia !  
Perante o ceu, oh miseros,  
Que importa a noite, o dia,  
Se de ira se ha turbado  
A face do Senhor ?

Pausa : com terror.

Mas se a suprema cólera  
Terrível já descesse! . . .  
Se, em vez do goso vívido,  
A morte os acolhesse! . . .

Erguendo as mãos.

Meu Deus perdoa aos tristes;  
Cede á fraterna dor!

Oh minha mãe, da placida  
Morada da ventura,  
Guia-me os passos tremulos  
Por esta noite escura,  
Para salvar teus filhos,  
Filhos de tanto amor!

---

### SCENA VII.

A mesma sala da scena II mal allumiada pelo candelabro onde apenas arde um ou dous lumes: a gelosia está aberta: é noite escura. Lobna e Haleva saindo pela direita, e parando de quando em quando, lançam os olhos

inquieta ora para a gelosia, ora para o portico da esquerda.

LOBNA.

No seu rapido gyro foge a noite  
Ligeira e socegada :  
Fulgor da madrugada  
Em poucas horas subirá d'oriente.  
Não poderam voltar! . . . Respiro . . .

HALEVA.

Aproximando-se da gelosia.

Escuta !

Ouviste um silvo agudo ?  
É o signal ! . . .

LOBNA.

Eu tremo . . .  
Porém não . . . Quedo é tudo ;  
Salvo um ruído sussurrando ao-perto ;  
De almogavar talvez . . .

HALEVA.

De dous ginetes

O tropear parece . . . Elles ! . . . São elles !  
 Sobre trajos de ferro espadas tinem !  
 Não ha que duvidar . . .

LOBNA.

Oh ! desfalleço !

Ouve-se um sibillo já perto.

HALEVA.

Ei-lo o triste signal, signal de morte !  
 Á sua esquiva sorte  
 Não poderão fugir ! Meu Deus !

LOBNA.

Patente

Ante si tudo hão-de encontrar. Se ao menos  
 Suspeitassem de nós !

HALEVA.

Ei-los ! Silencio !

**SCENA VIII.**

**D. Pedro e D. Henrique entrando dirigem-se para Lobna e Haleva, que recuam aterradas.**

**D. PEDRO.**

**Lobna !**

**D. HENRIQUE.**

**Haleva !**

**D. PEDRO.**

**O juramento**

**O momento é de cumprir !**

**De partir não tarda a hora :**

**Ha-de a aurora**

**Refulgir-nos juncto ao mar.**

**D. HENRIQUE.**

**Sobre os rapidos corceis :**

**Nós fiéis vos guiaremos**

**Aonde achemos mil delicias**

Nas caricias  
De que amor nos vae cercar !

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Vinde ! a noite nos protege :  
Dorme tudo pela aldeia ;  
E este braço não receia,  
Quando cumpre, o pelejar,

Vinde ser enlevo d'almas,  
Sob um ceu meigo e sereno ;  
Que nunca ha-de o sarraceno  
Como nós saber amar !

LOBNA.

Correndo ao portico da direita, e voltando com aflicção e energia.

Fugí breve, oh desgraçados,  
Que cercados sois da morte !  
Queira a sorte que um momento  
Seu intento  
À cumprir tarde Gulnar !

## HALEVA.

De ninguém serdes sentidos,  
Já perdidos, ainda creis!  
Mal sabeis vos esperava  
Quem velava  
Para em vós um pae vingar!

## LOBNA E HALEVA.

Triste umbral haveis cruzado,  
Do wali ultimo abrigo,  
Que no extremo do perigo  
Jaz a ponto d'expirar.

Por seu sangue a feroz filha,  
Que essas portas franqueou,  
Vingativa aos ceus jurou  
Vosso sangue derramar.

## D. PEDRO.

A perfidia em recompensa  
Só achou o nosso ardor?!  
Desleaes! Porque o furor  
De mulher cruel servir?

## D. HENRIQUE.

Porque a vida nos pedieis,  
 No olhar terno amor pedindo,  
 Quando os golpes retinindo  
 Era livre inda o fugir?

## D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Porque em noite deliciosa  
 De delirios seductores,  
 Generosos vencedores  
 Só pensaveis em trahir?!

## LOBNA.

Uma idéa tenebrosa  
 De Gulnar surgiu na mente  
 Nessa noite, em que estridente  
 Veio a espada aqui luzir:

## HALEVA.

« Ide : — disse-nos — sois bellas :  
 Fascinae os nazarenos,  
 Talvez possa assim, ao menos,  
 Da vingança a senda abrir ! »

LOBNA E HALEVA.

A leôa do deserto  
Entre as cervas se escondia :  
Seu aceno constrangia  
Pobre escrava a amor fingir.

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Com vivacidade e despeito.

Era pois um falso affecto ? ! . . .

LOBNA.

Foi-o só um breve instante . . .

HALEVA.

Hoje puro, hoje constante

LOBNA E HALEVA.

Far-nos-ha por vós morrer.

## D. PEDRO.

Pondo a mão sobre o punho da espada:

Que ella venha, pois, e a cerquem  
 Seus escravos traiçoeiros !  
 Portuguezes, cavalleiros  
 Somos nós : ha-de tremer !

## D. HENRIQUE.

Sabe o forte nos combates  
 Se este braço é prompto e duro :  
 O covarde, que no escuro  
 Fere só, o ha-de saber !

## LOBNA E HALEVA.

Oh, fugí ; que ainda é tempo,  
 Antes de ella aqui volver !

4

## D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Partiremos ! Dentro em breve  
 Nos vereis aqui volver !

O exterior da sala illumina-se de repente : a luz penetra pela gelosia, e pelos porticos da direita e da esquerda. Os Infantes, que vão a sair, param e escutam.

**CORO DE GUERREIROS MOUROS, fóra.**

Gloria ao sancto propheta que aos impios  
A cerviz insolente vergou,  
E do émir portuguez crueis filhos  
Do Musslim ao punhal entregou !

**LOBNA E HALEVA.**

Bateu funerea hora . . .  
Morreu nossa esperança !

**D. PEDRO E D. HENRIQUE.**

Resta-nos a vingança . . .  
Sangue por sangue . . . Embora !

## SCENA IX.

Eunuchos negros armados de punhaes, que se precipitam na scena e vão collocar-se no fundo do theatro. Gulnar, saindo da direita, encaminha-se vagarosamente para as escravas e para os infantes.

GULNAR.

A Lobna e Haleva.

Fugir?! . . . É tarde, infames!  
Vós me trahieis, vís!  
Tremei! Gulnar velava . . .  
E eu sou vosso juiz!

Aos infantes.

Deponde inúteis ferros,  
De Ceuta vencedores!  
Lá fóra meus guerreiros . . .

Apontando para os eunuchos.

Alli meus vingadores.

LOBNA.

HALEVA.

«Ide trahi-los»  
 Impia, disseste . . .  
 Mui facil creste  
 Fingir amor.

Para trahi-los  
 Nos escolheste ! . . .  
 Só recolheste  
 Vergonha e dor.

LOBNA E HALEVA.

Morrer com elles  
 É grata pena . . .  
 Feroz hyena,  
 Temos-te horror.

D. PEDRO.

D. HENRIQUE.

Aos teus escravos,  
 Mulher infida,  
 Mais larga vida  
 Deixa gosar !

Os teus escravos  
 Com mortal lida  
 A nossa vida  
 Tem de comprar !

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Que nunca o susto  
 Nos fez no p'rigo

\*

O ferro amigo  
Abandonar.

Começa a ouvir-se um ruído como de golpes de machado.

GULNAR.

Da louca audacia,  
Da van affronta  
Vingança prompta  
Gulnar vae ter.

O ruído augmenta : tinir d'armas, gritos confusos.

Mas qual ruído  
Confuso soa ?  
Porque reboa  
Voz do adail?! . . .

Ao chefe dos eunuchos, apontando para o portico da esquerda.

Hussein! . . O ferro  
Retine! . . Gritos!  
Gemer d'afflictos!  
Sons de anafil! . .

Toque de trombeta fóra. Hussein sáe correndo pela esquerda : Gulnar fica suspensa.

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Que escuto?! Lá bradaram :  
« São Jorge ! Ávante, ávante ! »  
Oh jubiloso instante !  
Restruge o pelejar.

GULNAR.

Acenando aos eunuchos.

Morram os impios ! Morram !  
Servos rasgae seu peito.  
Sintam, emfim, o effeito  
Dos odios de Gulnar.

Os infantes dirigem-se para o portico da esquerda : os eunuchos apinham-se diante delles com os punhaes erguidos : o coro das donzellas arabes precipita-se na scena pela direita com gestos de assombro e terror : ao mesmo tempo pela esquerda guerreiros mouros fugindo desordenados diante dos cavalleiros portuguezes, que rompem por entre os eunuchos e os dous infantes.

### SCENA X E ULTIMA.

Os dictos : **D. Duarte** : coros de cavalleiros portuguezes e mouros : coro de donzellas arabes. Os mouros fugindo param no fundo da scena, e os cavalleiros portuguezes prolongam-se pela esquerda. **Gulnar** recuando fica rodeada dos eunuchos e das donzellas. **Lobna** e **Haleva** refugiam-se juncto dos infantes.

#### CORO DE DONZELLAS.

Que horrivel espectaculo !  
Por toda a parte a morte . . .

#### CORO DE GUER. MOUROS.

#### CORO DE CAVALLEIROS.

---

Ferros inuteis ide-vos : Cede o agareno timido :  
Cumpra-se a nossa sorte ! Honra ao valor do forte !

Depondo os alfanges no chão.

Brandindo as armas.

#### D. DUARTE.

Lançando os olhos para os eunuchos armados de pu-

nhaes estremece, e correndo para os infantes ergue as mãos ao ceu.

Vivos ainda, e incólumes !  
Graças te dou, Senhor !  
Laços de um impio amor  
Vinha-lhes eu partir . . .  
E a morte ía-os ferir ! . . .  
Graças, oh meu Senhor !

D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Curvando o joelho aos pés de D. Duarte.

Foste enganado, e salvas-nos ! . . .  
Perdoa, nobre infante !  
Foi de delirio instante  
Que ao erro nos levou.

LOBNA E HALEVA.

Agita ancioso o seio  
Insolito pulsar ;  
Mas d'horrido receio  
Não é este agitar !

D. DUARTE.

Abraçando successivamente os irmãos.

Pedro, Henrique, sois salvos ! Invencivel  
A espada portugueza,  
Mais uma vez, terrivel,  
A barbara fereza  
Dos infieis domou.  
O perfido punhal,  
Da vingança guiado, em vão se alçou . . .

GULNAR.

Adiantando-se.

Vencestes, nazarenos !  
Folgae na vossa gloria . . .  
Seguí facil victoria.  
Puní-me ! Eis-me captiva . . .  
Do vosso émir na prole  
Vingar meu pae eu quiz . . .  
Pensando-o era feliz :  
Agora infeliz sou.  
Morrer é a esperanza,  
Que o fado me deixou.

## CORO DE CAVALLEIROS.

Interrompendo Gulnar e brandindo de novo as armas.

Pune, oh principe, infames traidores:  
Lava a affronta do sangue real!  
Dos covardes, em trance fatal,  
Tinja as faces da morte o pallor!

## CORO DE GUERREIROS MOUROS E DONZELLAS.

Com gesto supplicante.

Por piedade, dos teus seguidores  
Não escutes o voto lethal!  
Generoso, o seu odio infernal  
Por piedade, não ouças, senhor!

D. DUARTE.

Aos cavalleiros.

Silencio!

Aos mouros.

Livres sois.

Aos cavalleiros.

Nunca aos vencidos  
Sangue pediu meu pae. Eu serei digno  
Filho do vosso rei.

A Gulnar.

Mulher, és livre.

GULNAR.

Tua clemencia hypocrita,  
Tyranno, vem mui tarde !  
Pensas apagar, barbaro,  
Fogo que immortal arde ? !

Dá-me Ceuta, a miserrima :  
Torna-me um pae que expira :  
Foge das praias d'Africa  
Serve, que mal respira !

Fôras assim magnanimo :  
Grata Gulnar te fôra :  
Sem isso, um favor unico,  
Prompto morrer te implora !

CORO DE MOUROS E DONZELLAS. . . CORO DE CAVALLEIROS. .

Turba-te a dor e a cólera,      Da perfida a van cólera  
 Filha de Bensalá :              Inútil brame já :  
 A tua raiva indomita              Do seu cruel proposito  
 É van e inútil já !              Ella nos vingará.

Em quanto duram os coros o principe e os infantes fallam em voz baixa : os infantes apontando para Lobna e Haleva : D. Duarte mostra-se agitado, e depois dirige-se rapidamente para ellas.

D. DUARTE:

Tomando pela mão as duas escravas.

Não ! . . Innocentes victimas  
 D'impios não deveis ser !  
 O vosso amor ingenuo  
 Cumpre-vos esquecer ;  
 Mas a vingança barbara  
 Não vos entregarei.  
 A Portugal seguindo-nos

Olhando para os infantes com aspecto severo.

Eu vos protegerei !

## LOBNA E HALEVA.

Só ir nos concede  
O fado inhumano  
Além do oceano  
De amor expirar !

## D. PEDRO E D. HENRIQUE.

Nest' hora solemne  
Do peito no arcano  
Nosso amor insano  
Juramos calar.

## D. DUARTE.

Da nossa clemencia  
Aprenda o africano  
A ser nobre e humano,  
E o que é perdoar.

## GULNAR.

Do meu odio immenso  
Cruel desengano ! ! .

Feroz lusitano  
Se ri de Gulnar!

**CORO DE CAVALLEIROS.**

Risquemos da mente  
O perfido engano ;  
Que o principe humano  
É bello imitar.

**CORO DE GUERREIROS MOUROS E DONZELLAS**

A nobre clemencia  
Do heroe lusitano  
Áquem do oceano  
Sempre ha-de lembrar.

---



**LIVRO TERCEIRO**  
**VERSÕES.**



## O SECCAR DAS FOLHAS.

(*Millevoye*).

**D**AS ruinas destes bosques  
O outomno alastrou o chão :  
A selva perdeu seus mimos ;  
Os rouxinoes mudos são.

No bosque, amigo da infancia,  
Triste um joven vagueava ;  
Na sua aurora a doença  
Para o sepulchro o inclinava.

« Adeus floresta querida !  
Vestes lucto por meu fim ?  
Como te cae folha e folha  
A morte me segue assim.

Íntima voz, que revela  
Seu fado extremo aos mortaes,  
Me diz: vês cair as folhas?  
São essas só: não ha mais!

Sobre esta pallida fronte  
O torvo cypreste ondêa,  
Como o que, pharol de mortos,  
Sobre campas se menêa.

Antes da vide na encosta,  
Antes da relva no prado,  
Os dias da juventude  
Terão para mim murchado!

Minha linda primavera  
Qual a vã sombra passou!  
Eu morro: o euro gelado  
Da vida a seiva mirrou.

Cáe, oh passageira folha;  
Vem esta senda cobrir;  
Esconde ao pranto materno  
Logar onde vou dormir.

Mas se vier minha amante,  
Involta em véu luctuoso,  
Ao pôr do sol, na lameda,  
Dar-me um suspiro saudoso,

Com o teu leve rugido  
Desperta, oh, desperta o morto;  
Que assim sua sombra tenha  
Ainda allivio e conforto!»

Disse: affastou-se, e não volve:  
Ultima folha caíu:  
Era o signal: seu sepulchro  
Sob o carvalho se abriu.

Mas sua amante não veio:  
E só do valle o pastor  
Quebrou com som de passadas  
Repouso do trovador.

---



## A NOIVA DO SEPULCHRO.

*(Imitado do inglez).*

### I.

Juncto da raia d'Hespanha,  
Em monte calvo e deserto,  
Vê-se um vulto negro ao longe,  
Castello é, vendo-se ao perto :  
Mas castello derribado,  
De bons tempos, de outras eras,  
Hoje abrigo escuro e triste  
De reptís e bravas feras.  
Houve tempo, em que eram bellos  
Esses muros derrocados,  
Que apenas sustentam heras,  
E os espinhosos silvados.

A voz delrei nelle tinha  
Nobre alcaide Dom Sueiro ;  
Nobre por sua linhagem,  
Nobre por bom cavalleiro.  
Noivados, torneios, festas,  
Ninguem sem elle fazia :  
Ninguem, sem o convidar,  
Ajustava montaria ;  
Que nunca da sua bésta  
Viróte partiu em vão ;  
Como nunca os justadores  
O viram perder o arção.  
Mulher, que elle muito amára,  
Lh'a roubára a sepultura ;  
Mas por este golpe o alcaide  
Não mostrou grande amargura.  
Até corria entre o povo  
Um mysterio de maldade . . .  
Uns diziam ser mentira ;  
Outros, porém, ser verdade.  
Mas o que? Cubria a terra  
Esse feito tenebroso ;  
E só o povo sabia  
Ser viuvo o que era esposo.

## II.

Cedo se ergue Dom Sueiro ;  
Cavalga no seu cavallo,  
E para caçada alegre  
Passa áquem do extremo vallo.  
Por essas margens do Lima,  
Debaixo de puro ceu,  
O nobre senhor alcaide  
À rédea solta correu.  
Veredas segue torcidas,  
Até descobrir o outeiro,  
Que revestem pela encosta  
O zimbro, a urze e o pinheiro.  
Soam sonoras buzinas,  
Ri do dia o lindo alvor,  
E no meio da paizagem  
Uma brilha e outra flor.  
Dom Sueiro o seu cavallo  
Incita com ferrea espora ;  
Que no logar aprasado  
Deve estar dentro de um' hora.

Nada lhe põe embaraço ;  
Nem resonantes ribeiros,  
Nem as chans apaúladas,  
Nem escarpados outeiros.

Mas ao sair da floresta,  
Ainda perto do rio,  
Viu ir formosa donzella  
Buscando do ermo desvio.

Celestes são seus meneios :  
Não mortal, anjo parece :  
Da sua tez a brancura  
Alva açucena escurece.

O seu corcel Dom Sueiro  
Fez parar. Já se esquecêra  
Da caçada ; e que no monte  
Em breve estar promettêra.

— « Dizei-me vós, oh donzella,  
Quem sois, que nunca vos vi ;  
Que por minha alma vos juro  
Sois já senhora de mi. » —

Resposta nenhuma teve,  
Que ella não lhe respondia,  
E, sempre guiando ao valle,  
A curva senda seguia.

— « Não me fugireis assim :  
Bofé que não fugireis !  
Um momento, um só momento,  
Dom Sueiro escutareis ! » —  
Disse : desmonta, e persegue-a,  
Nos braços para a estreitar ;  
Mas ella furta-lhe o corpo,  
E elle abraça o subtil ar.  
— « Dizei-me vós, oh donzella,  
Pela vossa alma dizei,  
De que procede tal susto,  
Que a meu pesar vos causei ?  
Que pelos ceus vos seguro  
É verdadeiro este amor.  
Não me fujaés, bella dama :  
Não ha de que ter pavor.  
De esposo, se vós quereis,  
Dar-vos-hei, contente, a mão :  
Sereis dona de um castello,  
Dona do meu coração. » —  
— « Dom Sueiro, oh Dom Sueiro —  
Tornou a dama formosa —  
Eu sei quem és, qual teu nome,  
E eu seria tua esposa :

Mas como crer nos teus dictos,  
Dictos de homem fraudulento?  
Conheço tuas perfidias,  
E qual é teu vil intento.  
Dês que morreu Dona Dulce,  
A tua infeliz mulher,  
A linda Elvira roubaste  
Para teu ludibrio ser.  
Com promessas refalsadas  
Enganaste uma innocente.  
Quem crerá juras de um impio,  
Que só jura quando mente?  
Ella te creu, desditosa!  
Porém não te creio eu:  
Nem, qual de Elvira o destino,  
Será o destino meu.  
E como soffrêra, esposa  
Tua sendo, uma rival?  
Folgáras tu nos meus zelos;  
Folgáras della no mal?  
Ousáras tu, Dom Sueiro,  
A pobre Elvira expulsar,  
E dias de angustia e pejo,  
Misera, vê-la tragar? » —

— « Oh, voto a Christo, que sim ! » —

O nobre alcaide atalhou :

E desfazer-se de Elvira,

Com mil pragas, segurou.

— « Mas dizei vós, dama linda,

Quem sois ? quem são vossos paes ?

Que eu vos direi de mim tudo,

Se tudo me perguntaes. » —

— « Nunca ! — tornou a donzella : —

Quem eu sou não te direi.

Nada te devo por ora :

Quando dever pagarei.

Mas pódes estar seguro,

Que, bem que nobre senhor,

Não é que o meu o teu sangue

Sangue de maior primor. » —

— « Pois sim, querida, pois sim ! » —

Dom Sueiro proseguia ;

E algum signal de ternura

À bella dama pedia.

— « Não, oh não, meu cavalleiro !

Quando a mim te vir ligado

Tua serei ; que antes disso

Fôra horroroso peccado. » —

— « Porém dizai-me, oh donzella,  
Onde vos hei-de encontrar ?  
Que, pela cruz, ahi juro  
Nossas nupcias celebrar. » —

— « Oh, que não será de dia ;  
Que mal de nós julgarão ! —  
Tornou a dama : — e os praguentos  
Certo de mim se rirão.

É pela noite que eu voto :  
De noite no cemiterio,  
Quando soar doze vezes  
O sino do presbyterio.

Sob o teixo solitario,  
Onde ninguem nos não veja ;  
E aonde nunca chegar-se  
Quem passar ousado seja. » —

— « Vivam meus lindos amores ! —  
Interrompeu Dom Sueiro : —  
Sob o teixo, á meia noite ? . .  
Veremos quem vae primeiro. » —

— « Sim ! — volveu ella — a essa hora  
Nenhuma fôra melhor ;  
Porém, da tua palavra  
Que me darás em penhor ? » —

— « Minha paixão em seguro  
Do que promettí te dou :  
Nunca promessas mentidas  
Fez quem devéras amou.  
Curvando o joelho, eu juro  
Teus grilhões sempre rojar :  
Meu corpo e alma são teus ;  
E o tempo o ha-de provar. » —  
— « Basta ! — a donzella lhe disse. —  
Dom Sueiro, sou contente.  
São meus teu corpo e tu' alma :  
Meus serão eternamente. » —  
Dicto isto, ao longo do rio  
Ligeira a senda seguiu,  
E elle aos outros caçadores  
Alegre se reuniu.

## III.

Já da larga montaria  
O folgado se acabava,  
E Dom Sueiro ao castello,  
Ao seu castello voltava.

Arde-lhe na alma o desejo  
 Com as imagens do goso,  
 E róe-lhe idéa damnada  
 O coração criminoso.

Infeliz e linda Elvira,  
 Nos dias da juventude,  
 Perdêra, nos braços d'elle,  
 Flor de innocencia e virtude.

Mas gosos faceis não duram;  
 Breve após o tedio chega:  
 Elvira é já enfadonha:  
 Novo amor o alcaide cega.

Cumpre de si affasta-la:  
 O caso difficil é:  
 Ajunctará crime a crime?  
 Elle outro meio não vê.

Emfim decidiu-se: a morte  
 Em aurea taça lhe deu.  
 Nobre senhor, folgar pódes  
 Teu crime a terra escondeu!

Era noite: e Dom Sueiro  
 Para o adro ermo partia.  
 Logar, horas ou remorsos,  
 Nada terror lhe infundia.

Brilha a lua em seu crescente :

Passa a noite silenciosa ;

E só lhe quebra o socego

O mocho e a fonte ruidosa.

Ao cabo o adro elle avista :

No meio o teixo lhe avulta.

Não deu meia noite ainda ;

A dama ainda se occulta.

Mas troa o sino ! Uma ! . . . Duas ! . . .

Contou ; contou : mais dez são.

E uma donzella, de branco,

Surge da lua ao clarão,

E está debaixo do teixo.

Para lá o alcaide corre.

Não enganou seus desejos

Essa por quem elle morre.

Porém que é isto ? Recúa ?

Para trás a face vira ?

Sim ; que não era a donzella,

Mas o phantasma de Elvira.

— « Maldicto ! — clamou o espectro. —

Pune a traição o traidor.

Negro o sepulchro te espera.

De teu mal és só o auctor.

Pensa, monstro, enquanto é tempo ;

Que não tardará teu fim.

Teu nome apagou-se. Agora,

Recorda-te bem de mim ! » —

Não disse mais ; e esvaeceu-se.

Dom Sueiro, espavorido,

Fugiu : sem volver os olhos,

Sem parar, sempre ha corrido.

Brilha a lua em seu crescente :

Passa a noite silenciosa ;

E só lhe quebra o socego

O mocho e a fonte ruidosa.

À porta do seu castello

Já Dom Sueiro chegava.

Alli, vestida de branco,

Do bosque a donzella estava.

« Mal-hajas tu, cavalleiro : —

Apenas o viu lhe disse : —

O ter de mulheres medo

É signalada pequice.

Fui eu que fiz de phantasma :

Teu valor conhecer quiz.

Tremer como tu tremeste

É só proprio de homens vís. » —

As faces do nobre alcaide  
 De vermelho se tingiram;  
 Mas voltou logo a ternura;  
 Passados sustos fugiram.  
 — «Vinde a meus braços, querida!  
 Vinde: não vos detenhaes.  
 Digna de ser minha esposa  
 Só vós sois, e ninguém mais.  
 Neste sitio, hoje vos juro  
 Amor firme e puro e ardente:  
 Em corpo e alma sou vosso;  
 Sê-lo-hei eternamente.» —  
 — «Em corpo e alma! ? — ella clama,  
 Com uma voz sepulchral. —  
 Certo será graciosa  
 Nossa união conjugal!» —  
 Então, qual bravo terçol,  
 Que em sua presa poz mira,  
 Ao mesquinho Dom Sueiro,  
 Abrindo os braços, se atira.  
 — «Arredo! Filha do inferno! —  
 Grita o alcaide. — Isto o que é?» —  
 Ai! . . . olhou . . . É Dona Dulce,  
 Não a donzella, quem vê. . .

Com os braços descarnados

Ella o collo lhe estreitou,

E os labios apodrecidos

Aos labios d'elle chegou.

Mortal halito de serpe

Seu halito assemelhava :

Sua figura era horrivel :

Tocada apenas gelava.

— « Deixa-te agora de medos : —

Disse o espectro a Dom Sueiro. —

Que é da audacia que mostravas,

Audacia de cavalleiro ?

Tremes ? . . De quê, assassino ?

Antes devêras tremer,

Quando envenenaste Elvira,

E a tua pobre mulher.

Meu amor e meus encantos

Pouco tempo te prenderam :

Em mim do sepulchro os vermes,

Por tua mão, se pasceram.

Depois, a amar-me tornando,

Repetiste um crime horrivel . . .

Teu amor é frouxo sempre ;

Teu odio sempre terrivel !

Mas agora, odiada ou grata,  
Não saírei de teu lado :  
Nada quebra no outro mundo  
Dos mortos negro noivado.  
Alma e corpo me cedeste :  
O corpo aqui dormirá :  
Porém tua alma comigo  
Mais longe se acolherá ! » —  
Não lhe respondeu o alcaide,  
Que a morte empallidecêra,  
E, ao som de arranco profundo,  
No chão, extinto, batêra.  
Mas contam 'inda os pastores,  
Que á meia-noite vaguêa  
Nas margens do ameno Lima,  
Que murmurando serpêa ;  
E que, gritando e gemendo,  
O seguem duas figuras,  
Ambas com brancos vestidos  
E tisanadas cataduras.

---



## O CANTO DO COSSACO.

( *Béranger* ).

Vem, meu ginete: oh vem, meu nobre amigo!  
Chama-te em altos sons tuba do norte.  
Prestes no saque, intrepido nas brigas,  
Dá, guiado por mim, azas á morte.

Os teus jaezes não arrêa o ouro;  
Mas de meus feitos o terás em paga.  
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,  
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Tuas rédeas me entrega a paz que foge.  
Ei-los por terra os europeus baluartes!  
Meus aureos sonhos realisa agora;  
Terás repouso na mansão das artes.

Volve a terceira vez ao Sena inquieto,  
Que te lavou sangrento, e a sede apaga.  
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,  
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Reis, sacerdotes, grandes nos clamaram,  
Entre o choro de miseros humanos: —  
«Cossacos, vinde ser de nós senhores!  
«Servos seremos, por ficar tyrannos.»

E a cruz e o sceptro quebrarão meus fortes;  
Que eu hei tomado minha lança e adaga.  
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,  
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

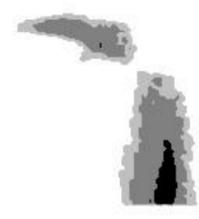
De um enorme gigante vi o espectro  
Nosso campo correr co' a vista ardente;  
E, gritando: — «meu reino outra vez surge!»  
Mostrar com a acha d'armas o occidente.

A sombra era immortal do rei dos Hunos;  
D'Attila a voz, qual maldicção aziaga.  
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,  
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De que serve seu brilho á velha Europa?  
Que lhe presta o saber para salvar-se?  
Os turbilhões de pó, que hão-de sumi-la,  
Debaixo de teus pés vão levantar-se.

Templos, palacios, leis, memorias, usos,  
Na correria extrema, e pisa e estraga.  
Meu ginete fiel, rincha orgulhoso,  
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

---



## O CAÇADOR FERROZ.

(*Burger*).

Sua buzina tocára:

O conde, altivo senhor:

« De pé, de cavallo, áleria! »

Disse; e monta o corredor.

O nobre animal relincha:

Pula e parte; e a turba após.

Ei-los vão! Quem era o conde?

Era o *caçador feroz*.

Por este vaes e por sarças,

Por campinas cultivadas,

Voam rapidos. Resoam

Motejos, gritos, risadas.

O sol que vinha rompendo  
 Em luz as veigas banhava,  
 E do zimbório do templo  
 O lanternim scintillava.

«*Tlim, tlão!*» convocando á missa,  
 Tangia o sagrado sino;  
 E involto nos sons de um organ,  
 Do côro se ouvia o hymno.

Duas sendas lá se cruzam;  
 E a turba chegára lá.  
 Da direita um cavalleiro,  
 E outro da esquerda está.

Nedio ginete, qual neve  
 Alvo, guiava o primeiro;  
 O segundo, á rédea solta,  
 Esporeava um fouveiro.

Quem taes cavalleiros eram  
 Creio certo adivinha-lo,  
 Bem que ainda com certesa  
 Não me atreva a declara-lo.

Da direita ao cavalleiro  
 Fulgia o rosto formoso;  
 Porém no olhar do da esquerda  
 Fulgor havia horroroso.

— « Bem vindos sois, cavalleiros ;  
 Bem vindos á montaria !  
 Qual prazer, no ceu, na terra,  
 Ao nosso se igualaria ! » —

Assim disse o conde, e rija  
 Palmada na côxa deu,  
 Atirando pelos ares  
 A grande altura o chapéu.

— « O som da tua buzina —  
 Tornou logo o da direita —  
 Nem aos canticos do côro  
 Nem do sino ao som se ageita.  
 Ruim caçada te espera !  
 Atrás te cumpre voltar.  
 Contra ti a ira celeste  
 Não queiras desafiar. » —

— « Nobre conde monteae —  
 Prestes o outro atalhou —  
 Que importa a bulha do côro,  
 E se o sino badalou ?  
 Deixae ao povo o seu medo ;  
 Que para a relé foi feito,  
 Não são palayras sandias  
 Das que merecem respeito. » —

— « Ah, bem dicto ! Oh tu da esquerda,  
Um heroe és quanto a mim.  
Só padre-nossos empecem  
A algum caçador ruim !

Que tem missas, que tem resas  
Com o montear, sandeu ?  
Se medo queres metter-me,  
Falhou o calculo teu. » —

Disse o conde. Avante correm :  
Vão por campinas e outeiros.  
Sempre da direita e esquerda  
Estão os dois cavalleiros.

Eis, lá em distancia, um cervo  
Branco transpõe a assomada,  
Tendo de pontas galhosas  
A erguida fronte adornada.

Então o conde a buzina  
Com mais alento assoprou,  
E tudo, a pé, a cavallo,  
Com mais rapidez voou.

Ora dos que por diante,  
Ora dos que de trás vão,  
Um ou outro rebentado  
Fica no meio do chão.

E o conde : — « Cáem ? No inferno  
Baquear podesseis vós !  
Os que desalentam fiquem :  
Sem elles bem vamos nós. » —  
N'uma seara guarida,  
Fugindo, o cervo buscou :  
O pobre dono do campo,  
Triste, ao conde se chegou :  
— « Meu bom senhor — clamou elle —  
Compaixão, meu bom senhor !  
Ah, poupae mesquinhos fructos  
De um abundante suor. —  
Da direita o cavalleiro  
O conde amoestou então :  
Cortezes eram seus dictos,  
Cortezes e de razão :  
Mas, atijando-o o da esquerda  
À maldade perpetrar,  
Despresou o da direita  
Para o maldicto o enredar.  
— « Fóra cão ! — ao camponez  
Grita o conde esbravejando —  
Quando não, com mil diabos,  
Soltar-te a matilha mando.

Álerta, socios ! O açoute  
Pelas orelhas chegae-lhe ;  
E que sou fiel ás juras  
Dessa maneira provae-lhe. » —

Dicto e feito. O conde salta  
Por cima os vallos fronteiros ;  
E atrás d'elle, estrepitando,  
Homens, cavallos, balseiros.

O tropel, com grita horrenda,  
Pisa e destroe a seara ;  
Que ninguem do lavrador  
Dorido choro escutára.

Pelo estridor acossado,  
Que já bem perto sentia,  
O cervo os crueis intentos,  
Veloz fugindo, illudia.

Através de montes, valles,  
Perseguido e não tomado,  
Manhoso se foi metter  
Entre um rebanho de gado.

Entrando do campo ao bosque,  
Saindo do bosque ao claro,  
Seguiram-no os cães, e em breve  
Lhe acharam da pista o faro.

Cheio de angustia o pastor,  
 Por seu rebanho temendo,  
 Por terra se arremessou  
 Aos pés do conde, tremendo.  
 — « Deixae meu pobre rebanho ;  
 Senhor, tende dó de mi :  
 De muitas tristes viúvas  
 O gado retouça aqui.  
 Cada qual das pobrezinhas  
 Tem das rezes uma só :  
 Eis toda a sua riqueza :  
 Senhor, tende dellas dó. » —  
 Da direita o cavalleiro  
 O conde amoestou então :  
 Cortezes eram seus dictos,  
 Cortezes e de razão :  
 Mas a maldade do conde  
 Sempre aticava o da esquerda,  
 E elle, o bom ludibriando,  
 Corria á ultima perda.  
 — « Cão ! A mim oppôr-te queres ?  
 As contas vou-te eu fazer.  
 Quem me déra entre essas vaccas  
 Comtigo as taes velhas ver ;

Que seria o mais suave  
Prazer do coração meu  
Montear-vos, mais que fosse  
Pelas campinas do ceu.

Alerta, socios, ávante!

Cães, avança! csê! perdido! —  
E os cães no que acham mais perto  
Saltam com fero latido:

O pegureiro por terra

Các, em seu sangue banhado,  
E sanguento o gado fica  
Todo alli atassalhado.

A morte escapou a custo

O veado, que fugia  
Cada vez menos ligeiro,  
N'uma floresta sombria.

Cuberto de escuma e sangue,

Perdida a respiração,  
Do bosque em meio salvou-se  
No alvergue de um ermitão.

Segue-o o tropel incançavel:

Estala o açoute incessante:  
Soam buzinas; retinem  
Os gritos de « abóca! ávante! »

O solitario piedoso  
Da cabana então saíu,  
E ao conde, com brando gesto,  
Taes palavras dirigiu :

— « Senhor, deixa teus intentos,  
E o sacro asylo venera :  
A creatura ao ceu se queixa ;  
Delle teu castigo espera.

Aos bons avisos, oh conde,  
Cede pela ultima vez ;  
Quando não, na perdição,  
Certo, abysmado te vês. » —

Cuidadoso o da direita  
Ao conde correu então :  
Cortezes eram seus dictos,  
Cortezes e de razão.

Mas o da esquerda aticando  
Nelle o animo damnado,  
Do bom apesar do aviso,  
Ai, do mau foi enganado !  
— « Perdição ? ! Disso me rio.  
Não cuideis que eu tenha susto,  
No terceiro ceu que fôra  
Me escapára o cervo a custo.

Que me importa a ira divina?  
Vae-te prégar ao deserto.  
Teus sermões a montaria  
Não farão falhar, por certo.» —  
Assim disse o conde. O açoute  
Sacode; as buzinas soam.  
— «Csê! abóca! . . .» — Ui! de diante  
Homem e cabana voam.  
De trás corceis, homens fogem:  
Sons e gritos de caçada  
Se esvaecem de repente  
Da morte na paz gelada.  
Pávido o conde olha em roda:  
Toca a buzina . . . não soa:  
Grita . . . em vão: nada ouve: o açoute  
Vibra: mas no ar não toa.  
Para um e para outro lado  
O seu cavallo esporêa . . .  
Nem para trás voltar póde,  
Nem ávante se menêa.  
Então escurece em torno:  
Cada vez mais se ennegrece:  
Qual sepulchro fica: ao longe  
Bramir triste o mar parece.

Lá troa voz de trovão!  
Que era o que dizia a voz?  
Era a sentença do conde,  
Sentença medonha e atroz.  
— « Genio infernal, atrevido  
Contra Deus, homens e feras!  
Das creaturas os gemidos  
Resoaram nas espheras.  
Tuas maldades e insultos  
Alto pedem punição,  
Onde da vingança o facho  
Ondêa erguido clarão.  
Malvado, fuge; que os monstros  
Do inferno te vão seguir,  
Para que sejas exemplo  
Aos tyrannos do porvir! » —  
Qual d'aurora boreal,  
Flavo pallido fulgor  
Tingiu então na floresta  
Das folhas a verde côr.  
Immovel, pasmado, mudo,  
Gelado o conde ficou;  
Trépida angustia dos ossos  
À medulla lhe chegou.

\*

Frio susto pela frente

Contra elle arroja o terror :

Pelas costas o persegue

O trovão atroador.

O susto o gela ; o ceu ruge . . .

Da terra vae-se elevando

Negra agigantada mão,

Ora abrindo, ora fechando.

Pelos cabellos da frente,

Ai, quer o conde prender ! . .

Elle atrás o rosto volta ;

Nem mais o pôde volver.

Em roda chammeja a terra

Verde, azul, vermelho fogo ?

Delle um mar rodêa o conde :

Surge o inferno em peso logo.

Lá dos abysmos profundos

Sáem mil mastins raivosos,

Que, pelo averno açodados,

Se tornam mais furiosos.

Toma alento o conde, e foge :

Por montes, por campos vae,

Do seio arrancando a espaços

Do espanto terrível ai :

Mas por todo o largo mundo  
Atrás d'elle ruge o inferno,  
De dia do orbe no centro;  
De noite no ar superno.  
Ficou-lhe a face voltada,  
Por mais que ávante corresse,  
Sem que dos horridos monstros  
Os olhos tirar podesse.  
Eis como a caçada foi  
Do tropel desenfreado,  
A qual até nossos dias  
Tão constante tem passado,  
Que muitas vezes, durante  
As horas da noite escura,  
Ainda ao dissoluto causa  
Do medo o horror e amargura.  
De bastantes caçadores  
Podia a bocca dizer-lo,  
Se antes não lhes conviesse  
Calado comsigo te-lo.

---



## O CÃO DO LOUVRE.

(*Delavigne*).

Tu que passas, descobre-te ! Alli dorme  
O forte que morreu.

Dá ao martyr do Louvre algumas flores ;  
Dá pão ao seu lebreu.

Da batalha era o dia. O canhão troa :  
E o livre corre á morte, e juncto delle  
O seu cão vae :

A mesma balla ambos feriu : o martyr  
Não deploreis : o amigo seu que vive  
Só pranteae !

Tristonho, sobre o forte elle se inclina,  
Affagando-o e gemendo ; e a ver se acorda  
Põe-se a latir ;

E do seu companheiro no combate  
Sobre o cadaver sanguinoso o pranto  
Deixa cair.

Essa gleba guardando onde repousam  
As cinzas dos heroes, nada o consola  
No seu gemer ;

E ao que o ameiga triste repellindo,  
« Oh, que não és meu dono ! » o cão parece  
Tentar dizer.

Quando sobre as grinaldas de perpetuas  
O matutino alvor da aurora o orvalho  
Faz scintillar,

Os olhos abre vívidos, e pula  
Para affagar seu dono, que elle pensa  
Ha-de voltar !

Quando da noite a viração as c'rôas  
Fez ranger sobre a cruz do monumento,  
Desanimou :

Elle quizera que seu dono o ouvisse ;  
E ladra e uíva ; mas o adeus de á noite  
Lá lhe faltou !

O inverno chega, e a neve, com violencia,  
Cáe, e branquêa, e esconde esse gelado  
Leito de morte :

Ei-lo que sólta um lugubre gemido,

E busca, alli deitando-se, ampara-lo  
Do frio norte.

Antes que os membros lhe intorpeça o somno,  
Mil tentativas para erguer a campa

Inuteis faz :

Depois comsigo diz, como hontem disse,  
« Quando acordar, por certo, ha-de chamar-me : »

E dorme em paz.

Mas, na alta noite, em sonhos vê trincheiras,  
E seu dono entre as balas encontradas

Cair ferido :

E ouve-o que o chama com sibilo usado ;  
E ergue-se e corre após uma van sombra,

Dando um bramido.

É alli que elle espera horas e horas,  
E saudoso murmura : alli prantêa

E morrerá.

O seu nome qual é? Todos o ignoram.  
O que o sabia, o dono seu querido,

Nunca o dirá ! . .

Tu que passas, descobre-te ! Além dorme  
O forte que morreu.

Dá ao martyr do Louvre algumas flores,  
E esmola ao seu lebreu.

---



## LEONOR.

( *Burger* ).

Ralada de ruins sonhos

Já desperta está Leonor,

E 'inda agora os ceus d'oriente

Da manhan tingiu o alvor.

— « Guilherme, és morto? — ella exclama —

Ou trahiste a pobre amante?

Se vives, porque retardas

De te eu ver feliz instante? » —

Nas tropas de Friderico

Tempo havia que partira

Para a batalha de Praga,

E cartas delle quem vira?

Mas a imperatriz e o rei \*  
De guerras, emfim, cansados,  
Depondo os animos feros,  
De paz faziam tractados.  
Já aos seus lares tornavam  
Ambas as hostes folgando.  
Cingem frentes ramos verdes;  
Vem atabales rufando.  
E por montes e por valles  
Velhos e moços chegavam,  
Dando brados de alegria,  
A encontrar os que voltavam.  
— « Boa vinda ! Adeus ! » — diziam  
As filhas, noivas, e esposas.  
E Leonor ? Nenhum dos vindos  
Lhe faz caricias saudosas.  
Por Guilherme ella pergunta ;  
Por qual estrada viria.  
Vão trabalho ; vans perguntas :  
Novas d'elle quem sabia ?  
Não o vê. Passaram todos . . .  
Em furioso devaneio,  
Ei-la arranca as negras tranças ;  
Fere crú o lindo seio.

\* Maria-Theresa d'Austria e Friderico de Prussia.

Sua mãe, correndo a ella :

— « Valha-me Deus ! — lhe bradou. —

Minha filha, pois que é isso ? ! » —

E entre os braços a apertou.

— « Minha mãe, perdeu-se tudo !

O mundo, tudo perdi :

De nada Deus se condoe . . .

Oh dor, oh pobre de mi ! » —

— « Ai ! Jesus venha á minha alma !

Filha, um padre-nosso resa.

Deus é pae : sempre nos ouve :

Nunca a humana dor despresa. » —

— « Minha mãe, inutil crença !

Que bens me tem feito Deus ?

Padre-nossos ! . . . padre-nossos ! . . .

Que importam resas aos ceus ? » —

— « Ai ! Jesus venha á minha alma !

Pois não é quem resa ouvido ?

Busca da igreja o consolo

Verás teu pesar vencido. » —

— « Mãe, oh mãe, esta amargura

Nenhum sacramento adoça :

Não sei nenhum sacramento,

Que aos mortos dar vida possa. » —

— « Filha, quem sabe se, ingrato,  
Elle ás promessas faltou ;  
E lá na remota Hungria  
Novo amor o captivou ?  
Se, mudavel, te abandona,  
Do crime o premio terá :  
Do ultimo trance na angustia  
O remorso o punirá. » —

— « Morreu-me, oh mãe, a esperança.  
Perdido . . . tudo é perdido !  
Morrer, tambem, só me resta.  
Nunca eu houvera nascido !  
Foge, oh sol resplandecente !  
Manda a noite e os seus terrores . . .  
Deus, oh Deus, que nunca escutas  
O gemer de humanas dores. » —

— « Meu Senhor ! A desditosa  
Não pensa o que a lingua exprime.  
Não julgues a filha tua :  
Nem te lembres do seu crime.  
Vans paixões esquece, oh filha :  
Cogita no goso eterno,  
No sangue que te remiu,  
E nos tormentos do inferno. » —

— «O que é goso eterno, oh mãe,  
 E o inferno em que consiste?  
 Com Guilherme ha goso eterno,  
 Sem Guilherme o inferno existe.  
 Sem elle, que a luz, fugindo,  
 Se troque em nocturno horror;  
 Sem elle, no ceu, na terra  
 Só conheço acerba dor!» —  
 Assim no sangue e na mente  
 Furia insana lhe fervia:  
 Cruel chamando ao Senhor,  
 Mil blasphemias repetia.  
 Desde o sol brilhar no oriente  
 Até que o ceu se estrellava,  
 As mãos, louca, retorcia,  
 O brando seio pisava.

---

Porém ouçamos! . . . A terra  
 Pisa um cavallo lá fóra! . . .  
 E pelos degraus da escada  
 Tinem sons d'espada e espóra . . .  
 Ouçamos! Batem na argola  
 Pancadas que mal feriram . . .  
 E através das portas, claro,  
 Estas palavras se ouviram:

— « Oh lá, querida, abre a porta.

Dormes? Estás acordada?

Folgas em riso? Prantêas?

De mim és 'inda lembrada? » —

— « Guilherme, tu?! Na alta noite?

Tenho velado e gemido.

Quanto padecí! . . . Mas, d'onde

Até 'qui tens tu corrido?! » —

— « Nós montamos á meia-noite

Só. Vim tarde, mas ligeiro,

Desde a Bohemia, e comigo

Levar-te-hei, por derradeiro. »

— « Oh meu querido Guilherme,

Vem depressa : aqui te abriga,

Entre meus braços ; que o vento

Do bosque as crinas fustiga. » —

— « Rugir o deixa nos matos.

Sibila? Sibile embora!

Não paro . . . que o meu ginete

Escarva o chão . . . tine a espóra . . .

Nosso leito nupcial

Dista cem milhas d'aqui.

Sobraça as roupas . . . vem . . . salta

No murzelo, atrás de mi. » —

— «Além cem milhas me queres  
 Hoje ao thalamo guiar?  
 Ouve . . . o relógio ainda soa :  
 Doze vezes fere o ar.» —

— «Olha em roda ! A lua é clara :  
 Nós e os mortos bem corremos.  
 Aposto eu que n'um instante  
 Ao leito nupcial iremos?» —

— «Mas dize-me, onde é que habitas?  
 Como é o leito do noivado?» —

— «Longe, quedo, fresco, breve :  
 De oito taboas é formado.» —

— «Para dous?» — «Para nós ambos.  
 Sobraça as roupas : vem cá.  
 Os convidados esperam :  
 O quarto patente está.» —

Sobraçada a roupa, a bella  
 Para o ginete saltou,  
 E ao seu leal cavalleiro  
 Co' as alvas mãos se enlaçou.

Ei-los vão ! Soa a corrida.  
 Ei-los vão, á fula-fula !  
 Ginete e guerreiro arquejam.  
 A fâisca, a pedra pula.

Ui, como, á direita e esquerda,  
 Ante seus olhos se escoam  
 Prado e selva, e do galope  
 Sob a ponte os sons ecchoam !  
 — « Tremes, cara ? A lua é pura.  
 Depressa o morto andar usa.  
 Tens medo de mortos ? » — « Não.  
 Mas delles fallar se escusa. » —  
 — « Que sons e cantos são estes ?  
 O corvo alli remoinha !  
 Sons de sino ? Hymnos de morte ?  
 É morto que se avizinha ! » —  
 Era de feito um saimento,  
 Que andas e esquite levava :  
 Aos silvos de cobra em pégo  
 Seu canto se assemelhava.  
 — « Um enterro á meia-noite,  
 Com psalmos e com lamento,  
 E eu a minha noiva levo  
 Ao sarau do casamento ?  
 Vinde, sachristão e o coro,  
 O epithalamio entoae-nos ;  
 Vinde, abbade, e antes que entremos  
 No leito, a bençam lançae-nos. » —

Cala o som e o canto : a tumba  
 Some-se : finda o clamor  
 A seu mando ; e o tropel voa  
 Na pista do corredor.  
 Sempre mais alto a corrida  
 Soa. Vão á fula-fula.  
 Ginete e guérreiro arquejam :  
 A faísca, a pedra pula.  
 Como á dextra e esquerda fogem  
 Montes, bosques, matagaes !  
 Como á dextra e esquerda fogem  
 Cidades, villas, casaes !  
 — « Tremes, cara ? A lua é pura.  
 Depressa o morto usa andar.  
 Temes os mortos, querida ? » —  
 — « Ai, deixa-os lá repousar ! » —  
 — « Olha ! Ao redor de uma forca  
 Dançar em tropel não vês  
 Aereos corpos, que alvejam  
 Da luz da lua através ?  
 Oh lé, birbantes, aqui !  
 Birbantes, acompanhae-me !  
 Vinde. A dança do noivado  
 Juncto do leito dançae-me. » —

E os vultos vem após logo,  
 Ruído immenso fazendo,  
 Como o furacão nas folhas  
 Seccas do vergel rangendo.

E resoando a corrida  
 Ei-los vão, á fula-fula.  
 Ginete e guerreiro arquejam :  
 A faisca, a pedra pula.

Para trás fugir parece  
 Quanto o luar allumia ;  
 Para trás suas estrellas  
 Sumir o ceu parecia.

— « Tremes, cara ? A lua é pura.  
 Depressa o morto andar usa.

Temes os mortos, querida ? » —

— « Ai, delles fallar se escusa ! » —

— « Murzelo, o gallo ouvir creio !

Breve a areia ha-de correr . . .

Murzelo, avia-te, voa,

Que sinto o ar do amanhecer ! . .

Nossa jornada está finda.

Ao leito nupcial chegámos.

Ligeiro os mortos caminham.

A méta final tocámos. » —

D'uma porta ás grades ferreas  
À rédea solta chegaram,  
E de fragil vara ao toque  
Ferrolho e chave saltaram.  
Fugiram piando as aves :  
A corrida, emfim, parára  
Sobre campas. Os moimentos  
Alvejam ; que a noite é clara.  
Peça após peça, ao guerreiro  
Cáe a armadura lustrosa  
Em negro pó impalpavel  
Qual de isca fuliginosa.  
Sua cabeça era um craneo  
Branco-pallido, escarnado :  
Nas mãos tem fouce e ampulheta,  
Triste adorno do finado.  
Alça-se e arqueja o ginete :  
Igneas faiscas lançou,  
E debaixo de seus pés  
Abriu-se a terra, e o tragou.  
Dos covaes surgem phantasmas  
Feio urrar os ares corta :  
Bate incerto o coração  
Da donzella semimorta.

Ao redor danças de espectros  
Em remoinho passavam.  
Canto de medonhas vozes  
Era o canto que cantavam:  
« Affliges-te? Oh, tem paciencia!  
Não fosses com Deus audaz.  
Teu corpo pertence á terra:  
À tua alma o ceu dê paz. »



## INDICE.

### LIVRO I

#### A HARPA DO CRENTE.

	PAG.
A Semana Sancta.	3
A Voz.	35
A Arrabida.	41
Mocidade e Morte.	63
Deus.	81
A Tempestade.	87
O Soldado.	95
A Victoria e a Piedade.	111
A Cruz Mutilada.	121

### LIVRO II

#### POESIAS VARIAS.

A Perda d'Arzilla.	137
A Rosa.	147
O Mendigo.	151
O Bom Pescador.	159
Tristezas do Desterro.	165
O Mosteiro Deserto.	185
A Volta do Proscripto.	201
N'um Album.	211
A Felicidade.	217
Os Infantes em Ceuta.	221

**LIVRO III**  
**VERSÕES.**

	<b>PAG.</b>
O Seccar das Folhas.	273
A Noiva do Sepulchro.	277
O Canto do Cossaco.	293
O Caçador Feroz.	297
O Cão do Louvre.	311
Leonor.	315

**ERRATAS.**

<b>Pag.</b>	8 — vers. 17 — pousou,	pousou :
”	56 — ” 4 — reina	reina.
”	71 — ” 14 — assentar-se	assentar-se ?
”	97 — ” 14 — cresce	crece
”	113 — antes do verso primeiro falla o numero da estrophe (III).	
”	152 — vers. 4 — passados,	pausados,
”	203 — ” 7 — hynverno	inverno
”	280 — ” 8 — desvio	o desvio







